

ESPECIAL  
**veja**

Editora ABRIL  
Edição Especial  
Ano 42 (VEJA 2138)  
Novembro de 2009  
[www.veja.com](http://www.veja.com)

# Brasília 50

A N O S



R\$ 10,00

02138

9 771677 046004

ISSN 0100-7122

O nascimento  
de uma nação

# ESPECIAL veja Brasília 50 ANOS

## Lista de nomes

As personalidades que aparecem  
ao longo desta edição ..... 8

**Carta ao leitor** ..... 14

## Primórdios

As imagens que marcaram o  
início de tudo no meio do nada ..... 20

## Ideia

Tirar o país do litoral  
rumo ao interior era tese que  
nascera um século antes ..... 36

## Política

Juscelino Kubitschek  
quis sair do Rio de Janeiro  
porque tinha medo  
de ser deposto ..... 42

## Personagem

Oscar Niemeyer ainda  
se assombra quando recorda  
a aventura quase impossível ..... 50

## Inovação

Joaquim Cardozo, o calculista  
dos edifícios improváveis,  
morreu triste e só ..... 58

## Arquitetura

Um pequeno guia para entender  
a importância dos prédios  
de Niemeyer ..... 62

## Depoimento exclusivo

O arquiteto Tadao Ando diz que  
Brasília transcende os limites  
impostos por Le Corbusier ..... 70

## Projeto

O relatório de Lucio Costa  
é um dos documentos decisivos  
da história brasileira ..... 72

## Urbanismo

Os traçados derrotados  
no concurso revelam como  
poderia ter sido a cidade ..... 85

## Perfis

O relato emocionado  
dos pioneiros que estiveram  
ao lado de JK desde o início ..... 94

## Engenharia

O épico feito de erguer  
uma metrópole em menos  
de quatro anos ..... 102

## Finanças

Com Brasília, Juscelino  
inaugurou a era do descontrole  
inflacionário ..... 120

## Nostalgia

Como foram os melancólicos  
últimos dias do Rio de Janeiro  
como sede do governo ..... 124

## Inauguração

O primeiro dia da capital  
recém-nascida começou  
na véspera ..... 132

## Fotografia

A memória visual daquele tempo  
é resultado da iniciativa  
de gente obcecada ..... 144

## Realidade

O dia seguinte começou  
com feriado e revoadas  
de deputados e senadores ..... 146

## Patrimônio

O tombamento trai a ideia  
original de um lugar inovador  
e experimental ..... 148

## Moda

O país de 1960  
nasceu junto com a fama  
de Dener, o estilista  
das primeiras-damas ..... 156

## Design

O sumiço dos móveis  
que ornamentavam  
os palácios modernistas ..... 164

## Cultura

A Legião Urbana de Renato Russo  
é a cara da saudável ironia  
da juventude brasiliense ..... 166

## História

A família do primeiro cidadão  
conta a trajetória de  
quase um século do Brasil ..... 174

## Cotidiano

O *Homo brasiliensis*,  
se é que um dia existirá,  
é figura ainda em gestação ..... 182

## Frases

As diatribes de quem  
apostou no fracasso  
do 21 de abril de 1960 ..... 186

## Economia

Infográfico mostra o crescimento  
do Distrito Federal  
em cinco décadas ..... 188

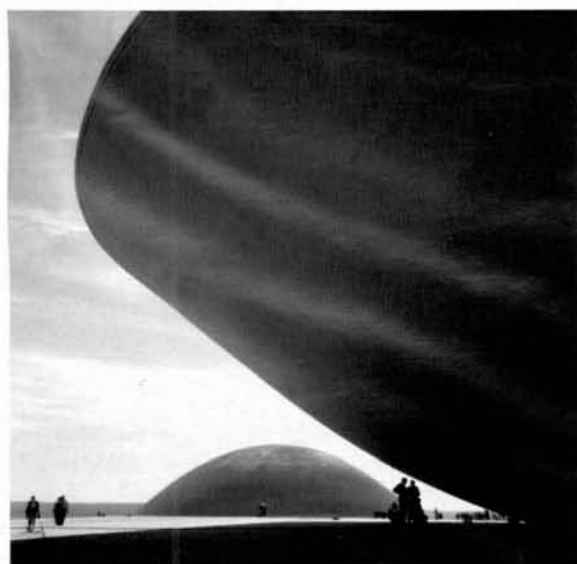
## Internet

Depoimentos, filmes, fotos  
e documentos ..... 190

## ESTÉTICA PÁG. 62

*As cúpulas da Câmara e do Senado são a tradução  
da arquitetura de Oscar Niemeyer em Brasília,  
um espanto no início dos anos 1960*

BRASÍLIA - c. 1962 FOTO: MARCEL GAUTHEROT / INSTITUTO MOREIRA SALLES



## CRIADORES PÁG. 72

*Juscelino e Lucio Costa, em um dos marcos iniciais  
da cidade que o urbanista começou a inventar  
na cabine de um navio transatlântico*

PLANALTO CENTRAL — 1957 FOTO: JEAN MANZON

## OS NOMES DE PERSONALIDADES QUE APARECEM NESTA EDIÇÃO

Citações pela primeira referência em cada reportagem

<b>A</b>		
Adauto Lúcio Cardoso	103, 186	
Adriano Siri	168	
Aécio Neves	52	
Afonso Heliodoro	101	
Alceu Penna	158	
Amadeu Oliveira Coimbra	169	
André Malraux	58	
André Sive	75	
Anitta Niemeyer	52	
Antenor Nascientes	171	
Antonio de Góis	169	
Antonio Soares Neto (Toniquinho)	40	
Atahualpa da Silva Prego	99	
Ataulfo Alves	128	
Athos Bulcão	68	
Augusto Guimarães Filho	97	
Augusto Rademaker	179	
Aurélio Lyra Tavares	178	
<b>B</b>		
Balenciaga	160	
Bené Nunes	143, 163	
Bernardo Figueiredo	164	
Bernardo Sayão	14, 95, 104	
Bi Ribeiro	172	
Billy Blanco	128	
Bono	70	
Borba Gato	29	
Boruch Milman	85	
Bruno Giorgi	68, 171	
Burle Marx	68	
Burt Lancaster	147	
<b>C</b>		
Café Filho	32, 121, 178	
Cândido de Figueiredo	171	
Carlos Drummond de Andrade	73, 129	
Carlos Lacerda	103, 129, 134, 146, 158, 187	
Carlos Lessa	130	
Carlos Luz	178	
Carlos Munilo Felício dos Santos	46	
Carlota Pereira de Queiroz	176	
Carmem Portinho	35	
Carmem Verônica	158	
Cary Grant	147	
Celly Campello	160	
César Prates	107	
Charles Elbrick	179	
Christian Dior	75, 160	
Christopher Wren	77	
Clarice Lispector	182	
Claude Lévi-Strauss	144	
Clodomir Vianna Moog	30	
Clodovil Hernandez	158	
Clóvis Pestana	140	
Coco Chanel	160	
<b>D</b>		
Dado Villa-Lobos	166	
David Nasser	130	
Denier Pamplona	157	
Dilermando Reis	52, 107	
Dina Merrill	147	
Dom Carlos Carmelo	117	
Dom Henrique de Coimbra	117, 134	
Dom José Newton de A. Baptista	143	
Dom Manuel Gonçalves Cerejeira	134	
Dom Pedro II	145	
<b>E</b>		
Dom Quixote	50	
Dorival Caymmi	80	
<b>F</b>		
Éder Jofre	70, 190	
Elvis Presley	160	
Emílio Garrastazu Médici	179	
Emival Calado	103	
Ernest Boeckmann	169	
Ernesto Geisel	179	
Ernesto Silva	32, 95, 104, 171	
Euclides da Cunha	37, 171	
Eugênio Gudin	121	
Evandro Lins e Silva	59	
<b>G</b>		
Federico Fellini	190	
Fernando Henrique Cardoso	179	
Fernando Sabino	185	
Flávio de Aquino	75	
Francisco Alves	177	
Francisco Pereira Passos	56	
Francisco Varnhagen	34	
Frei Vicente do Salvador	29	
<b>H</b>		
Gabriella Pascolato	161	
Garrincha	122, 161	
George Harrison	70	
Getúlio Vargas	43, 95, 176	
Giovanni Bosco	37	
Guilherme de Almeida	143	
Gustavo Corção	116, 187	
<b>I</b>		
Helena Costa	73	
Henrique Teixeira Lott	29, 104, 178	
Herbert de Souza (Betinho)	119	
Herbert Vianna	172	
Hipólito José da Costa	142	
Horácio Lafer	163	
Humberto Castello Branco	178	
<b>J</b>		
Íris Meinberg	104	
Israel Pinheiro	25, 43, 52, 85, 95, 103, 142, 163, 178	
<b>K</b>		
Jacinto de Thormes	143	
Jacques Fath	160	
Jales Machado	35	
Jânio John	185	
Jânio Quadros	29, 111, 134, 185, 186	
Jean Manzon	145	
Jean-Baptiste Debret	144	
Jean-Louis Lacerda Soares	147	
Jerry Lewis	147	
Jesco von Puttkamer	144	
João Baptista Figueiredo	101	
João Cabral de Melo Neto	58, 77	
João Gabriel Gondim de Lima	144	
João Gilberto	29, 166	
João Goulart	134, 177	
João Guimarães Rosa	41	
João Henrique Rocha	85	
João Moogen de Oliveira	142	
João Paulo II	182	
João XXIII	134	
<b>L</b>		
Joaquim Cardozo	52, 58	
Joaquim Roriz	168	
Jofre Mozart Parada	90	
Johann Moritz Rugendas	144	
John Dos Passos	110	
John Lennon	70	
Jorge Zalsupin	164	
José Amádio	139	
José Batista Sobrinho (Zé Mineiro)	111	
José Bonifácio	32, 76	
José Carlos de Figueiredo Ferraz	58	
José Carlos Sussekind	58	
José Eduardo Belmonte	172	
José Lins do Rego	129	
José Maria Alkmin	43	
José Neiva Moreira	139	
José Pessoa	32	
José Roberto Arruda	29	
Josué Montello	130	
Joubert Guerra	103	
Juan Manuel Fangio	147	
Juca Ludovico	44	
Julietta Costa	75	
Juracy Magalhães	134, 163, 186	
Juscelino Kubitschek (JK)	14, 20, 25, 29, 41, 50, 62, 95, 99, 103, 121, 126, 134, 144, 146, 149, 156, 171, 176, 182	
<b>M</b>		
Kirk Douglas	147	
<b>N</b>		
L.R. Carvalho Franco	85	
Le Corbusier	70, 73, 86, 152	
Lenin	50	
Lincoln Gordon	121	
Louise H. Emmons	142	
Lucas Lopes	104	
Lucio Costa	14, 25, 27, 29, 62, 70, 85, 97, 99, 117, 149, 166, 182, 190	
Luís XV	77	
Luiz Cruls	30	
Luiz Inácio Lula da Silva	121, 130, 179	
<b>O</b>		
Manuel Bandeira	58	
Marcel Camus	130	
Marcel Gautherot	144	
Marcelo Bonfá	166	
Marcelo Roberto	85	
Márcia Kubitschek	44, 143, 160	
Márcio de Souza Mello	179	
Maria Elisa Costa	73, 90, 185	
Maria Estela Kubitschek	143, 160	
Maria Martins	68	
Maria Teresa Goulart	162	
Mário Fontenelle	23, 144	
Mário Pinotti	146	
Martha Garcia	162	
Martha Rocha	162	
Masahiko Harada	70	
Maurício Roberto	85	
Max Bense	145	
Mena Fiala	158	
Monsenhor Olímpio de Melo	186	
<b>P</b>		
Nara Leão	160	
Negrão de Lima	178	
<b>Q</b>		
Negrete (Renato Rocha)	166	
Nelson Rodrigues	124	
Ney Fontes Gonçalves	85	
Nicolas Behr	168	
Noel Rosa	139	
<b>R</b>		
Océlio Medeiros	139	
Oscar Niemeyer	14, 25, 29, 50, 58, 62, 70, 73, 85, 97, 99, 104, 140, 147, 152, 160, 164, 168, 182, 190	
Oswaldo Montenegro	168	
Ozires Pontes	139	
<b>S</b>		
Paul McCartney	70	
Paulo Antunes Ribeiro	85	
Paulo Fragozo	85	
Pedro Álvares Cabral	134	
Pelé	161	
Peter Scheier	144	
Pier Luigi Nervi	58	
Pierre Verger	144	
<b>T</b>		
Renato Russo	14, 166, 179	
Ringo Starr	70	
Rino Levi	85	
Roberto Campos	104	
Roberto Cerqueira César	85	
Roberto Corrêa	168	
Rodrigo Melo Franco Andrade	153	
Rosa de Libman	158	
Rubem Braga	124	
Ruth de Almeida Prado	160	
<b>U</b>		
Samuel Wainer	126	
Sandra Cavalcanti	187	
Santos Dumont	99	
Sarah Kubitschek	101, 126, 143, 158	
Sebastião Paes de Almeida (Tião Medonho)	178	
Seixas Dória	147	
Serafim de Carvalho	42	
Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta)	158	
Sérgio Rodrigues	164	
Stalin	52	
Stamo Papadaki	75	
<b>V</b>		
Tadao Ando	70	
Tenório Cavalcanti	187	
Theodoro Figueira de Almeida	34	
Thomaz Farkas	145	
Tiradentes	95, 134	
Tom Jobim	80, 166	
Tony Curtis	147	
<b>W</b>		
Ulysses Guimarães	179, 184	
<b>X</b>		
Vera Lúcia Cabreira	52	
Vinícius de Moraes	166	
<b>Y</b>		
William Holford	75	

ESPECIAL  
**veja**  
Brasília 50  
ANOS

**COORDENAÇÃO E EDIÇÃO**  
Fábio Altman

**PESQUISA**  
Susana Horta Camargo

**PROJETO GRÁFICO**  
Carlos Neri (capa)  
e Tadeu Nogueira

**EDIÇÃO DE IMAGENS**  
Paulo Vitale

**REPORTAGEM**  
Cecília Pinto Coelho,  
Débora Chaves, Débora Rubin,  
Gustavo Nogueira Ribeiro,  
Humberto Werneck, Neide Hayama  
e Sérgio Rodrigues

**ARTIGOS**  
André Correa do Lago, Augusto  
Nunes, James Holston, Ronaldo  
Costa Couto e Sérgio de Sá

**FOTOGRAFIA**  
**Editora Visual** — Gilda Castral  
**Coordenação** — Alexandre Reche  
**Equipe** — Amaílton Alvaro de  
Souza, Ana Paula Galisteu, Gilson  
de Souza Passos, Ismael Carmino  
Canosa, Paulo José Bianchi  
**Fotógrafa** — Ana Araújo

**ARTE**  
**Infografia** — Adriano Pidone  
**Ilustração** — Tato Araújo

**PESQUISADORES**  
Ana Carolina Oliviero, Cacilda  
Fontes Cruz, Luis Raul Contreras,  
Sueley Bordin, Suzi Sampaio  
L. Rutledge, Valdirene Mendes  
da Costa, Vera Lucia Lucas Pinto

**CHECAGEM**  
Rosana Agrella Silveira (*chefe*),  
Andressa Tobita, Daniela Macedo  
dos Santos, Simone Aparecida Costa

**PRODUÇÃO EDITORIAL**  
Clara Baldrati, Felice Morabito,  
Jô de Melo e Marcos Prestes  
(*supervisores*) e equipe

**TRATAMENTO DE IMAGEM**  
Danilo A. Ferreira (*supervisor*)  
e equipe

**TRADUTORES**  
Jefferson José Teixeira  
Rodrigo Leite

**AGRADECIMENTOS**  
Carlos Marcelo Carvalho,  
Daniel Perdigão, Chika Yoshida,  
Jeferson Tavares, José Carlos  
Sussekund, Manfredo Caldas,  
Silvestre Gorgulho, Valéria Martins,  
equipe do Arquivo Público do DF

[www.veja.com](http://www.veja.com)

**Editor:** Roberto Civita

**Presidente Executivo:** Jairo Mendes Leal

**Conselho Editorial:** Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente),  
Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo

**Diretor de Assinaturas:** Fernando Costa

**Diretora de Mídia Digital:** Fabiana Zanni

**Diretor de Planejamento e Controle:** Auro Luís de Iasi

**Diretora Geral de Publicidade:** Thaís Chede Soares

**Diretor Geral de Publicidade Adjunto:** Rogerio Gabriel Comprido

**Diretor de RH e Administração:** Dimas Mierito

**Diretor de Serviços Editoriais:** Alfredo Ogawa

**Diretor Comercial e Administrativo:** Claudio Ferreira

**veja**

**Diretor de Redação:** Eurípedes Alcântara

**Redator-Chefe:** Mario Sabino

**Editores Executivos:** Carlos Graieb, Jaime Kliniowicz, Vilma Gryzinski, Anna Paula Buchalla, Carlos Rytlewski, Diogo Xavier Schelp, Fábio Portela Savietto, Felipe Patry, Giuliano Guandalini, Isabela Boscov, Jerônimo Teixeira, Julio Cesar de Barros, Karina Pastore, Liza Bydlowski, Monica Weinberg, Okky de Souza, Thaís Oyama **Editores Especiais:** Lauro Jardim, Roberto Pompeu de Toledo **Editor de Edições Especiais:** Fábio Altman **Subeditores:** Gabriela Carelli, Marcelo Marthe **Editores Assistentes:** Eduardo Gracioli Teixeira, Isabel Moherdau, Thomaz Favaro **Repórteres:** Adriana Dias Lopes, Benedito Sverber, Bruno Meier, Carolina Romanini, Cíntia Cancian Borsato, Juliana Linhares, Kallio Coura, Laura Diniz, Laura Ming, Leo Branco, Natara Magalhães do Carmo, Paula Neiva, Raquel Salgado, Sandra Brasil, Sérgio Martins **Sucursais:** **Belo Horizonte** - José Edward Vieira Lima **Brasília** - **Chefe:** Policarpo Junior **Editor:** Alexandre Oltramari **Repórteres:** Diego Escosteguy, Otávio Cabral, Sofia Krause **Porto Alegre** - Igor Paulin **Rio de Janeiro** - **Chefe:** Lucila Teixeira Soares **Editor:** Ronaldo França **Repórteres:** Marcelo Bortolotti, Ronaldo Soares, Silvia Rogar Salvador, Leonardo Coutinho **Nova York** - **Correspondente:** André Petry **Chedadores** - **Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, Daniela Macedo dos Santos, Patricia Moura Cação, Simone Aparecida Costa **Fotografia** - **Editora Visual:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Fotógrafos:** **Rio de Janeiro** - Oscar Cabral **Brasília** - Ana Araújo **Pesquisa:** Paulo José Bianchi (*coordenador*) Ana Paula Galisteu, Gilson de Souza Passos, Ismael Carmino Canosa **Diretor de Arte:** Carlos Neri **Editor de Arte:** Reinaldo Anunes de Moura **Designers:** Daniel Marucci, Eduardo Lunghin Junior, Leonardo Eichinger, Marcos Vinicius Rodrigues, Mario José Carvalho, Tadeu Nogueira **Infografia** - **Editora:** Andressa Caires **Infografistas:** Adriano Pádua Pidone, Alexandre Akermann, André L. Araújo de Oliveira, Ewerton dos Santos Gondari, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial:** **Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Felice Morabito, Jô de Melo, Marcos Prestes **Secretários de Produção:** Ana Faustino, Júlio Yamamoto, Shirley Souza Sodré, Vera Fedschenko **Coordenadores:** Marcelo Silvestre dos Santos, Marco Antonio Alvarez Salvador, Ricardo Horvat Leite **Revisão:** Ana Elisa Camasmie, André Luis Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Célia Regina Rodrigues de Lima, Elvira Gago, Marina de Souza, Selma Corrêa, Sérgio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Tratamento de Imagem:** Danilo Antonio Ferreira **Preparadores Digitais:** Eduardo Henrique Conde Salomão, Edval Moreira Vilas Boas, Fabio Martins Makiyama, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Ferrari, Roberta de Donno, Rubens Antonio Melo de Paula, Silvio Felix **Atendimento ao Leitor:** Eduardo Tedesco, Loraine Gonçalves dos Santos **Colaboradores:** Claudio de Moura Castro, Diogo Mainardi, Lya Luft, Mailson da Nobrega, Millôr Fernandes, Reinaldo Azevedo e Stephen Kanitz **Trainee Editorial:** Luis Guilherme Barnuch **Estagiários:** Eduardo Lopes, Gabriel Beraldo Jimenez, Jacqueline Manfrin, Juliana Ferreira Cavacana, Marina Fumie Yamaoka, Nathália Prósperi Butti, Suzana Villaverde **VEJA.COM** - **Editora:** Katia Perin **Subeditores:** Giancarlo Lepiani, Jadyr Magalhães Pávao Jr., Viviane Zandonadi **Repórteres:** Cecília Araújo, Isadora Pamplona, Paulo Celso Pereira, Raquel Hoshino, Silvio Nascimento **Estagiários:** Aline Estela de Moura Banzato, Julia Rodrigues, Marina Dias Webmasters, Adriano Ramos de Oliveira, Dalva Azevedo, Ester Angélica de Azevedo **Webdesigner:** Alexandre Hoshino **Assistentes:** Andre Fuentes, Luciana Martins Souza **Arte e Imagens:** Alexandre Ortiz Ramos **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

[www.veja.com](http://www.veja.com)

**SERVIÇOS EDITORIAIS**

**Apoio Editorial:** Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia) **Dedoc e Abril Press:** Grace de Souza **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

**PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Baisi **Artista Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Edson Melo **PUBLICIDADE VEJA Diretora:** Márcia Sotter **Gerentes:** Adriano Christostomo, João Paulo Pizarro **Executivos de Negócios:** Adriana Nazare, Ailze Cunha, Alexandre Resende, Ana Paula Teixeira, Daniela Serafim, Danielle Amaral, Ellane Pinho, Emiliano Hanssens, Fernando Pompeu, José Castilho, Juliana Ertal Leonardo, Karine Thomaz, Lena Costa, Letícia Moreira, Lucia Veiga, Luciano Almeida, Luciene Ribeiro, Marcelo Calveirinho, Marcelo Pezzato, Marcio Bezerra, Maria Angélica Góis, Maria Lucia Strohbeck, Renata Mioti, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Silzer Daghi, Sueli Fender, Sueli Mello, Susana Vieira, Thiago Ricco, Vanessa Ferreira, Viviane Martins **Coordenador:** Ailton Soré (SP) **Planejamento, Controle e Operações:** Gerente: José Paulo Rando **Processos:** Gerente: Luis Augusto Castex **MARKETING E CIRCULAÇÃO Diretor de Marketing Publicitário:** Ricardo Packness de Almeida **Diretor de Marketing Leitor:** Simone Sousa **Gerente de Circulação Assinaturas:** Marcia Simone Donha **Gerente de Circulação Avulsas:** Andréa Abelleira **Gerente de Publicações:** Angelica Garcia **ASSINATURAS Operações de Atendimento ao Consumidor:** Malvina Galatovic **RH Diretora:** Claudia Ribeiro **Consultoria:** Marizete Ambram

**Em São Paulo: Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo** [www.publilbril.com.br](http://www.publilbril.com.br) **Classificados** 0800-701-2066, Grande São Paulo tel. (11) 3037-2700 **ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:** Central-SP tel. (11) 3037-6564; **Bauri** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0578; **Belem Xingu** - Consult. e Serv. Comunica., tel. (91) 3222-2303; **Belo Horizonte** Escritório tel. (31) 3282-0650; **Triângulo Mineiro** F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda., tel. (16) 3620-2702; **Representante Cross Mídia Representações**, tel. (31) 2511-7612; **Blumenau** M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820; **Brasília** Escritório tel. (61) 3315-7554; **Representante Carvillhaw Marketing Ltda.**, tel. (61) 3426-7542; **Campinas** CZ Press Com. e Representações, tel. (19) 3251-2007; **Campo Grande** DM Comunicação & Marketing, tel. (67) 8125-2828; **Cuiabá** Agronegócios Representações Comerciais, tel. (65) 8403-0616; **Curitiba** Escritório tel. (41) 3250-8000; **Representante Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda.**, tel. (41) 3234-1224; **Florianópolis** Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1617; **Fortaleza** Midiasolution Repres. e Negoc. tel. (85) 3264-5939; **Goiania** Middle West Representações Ltda., tel. (62) 3215-5158; **Maringá** Alitude de Comunicação e Representação, tel. (44) 3028-6969; **Porto Alegre** Escritório tel. (51) 3327-2850; **Representante Print Sul Veículos de Comunicação Ltda.**, tel. (51) 3328-1544; **Recife** MultiRevistas Publicidade Ltda., tel. (81) 3327-1597; **Ribeirão Preto** Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025; **Rio de Janeiro** tel. (21) 2546-8282; **Salvador** AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999; **São Paulo** Mídia Company, tel. (11) 3022-7177; **Vitória** Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-8952

**PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL:** Almanaque Abril, Ana Maria, Arquiteria e Construção, Atividades, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Disney, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info Corporate, Info Lovetene, Manequim, Manequim Nova, Men's Health, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Runner's World, Saúde!, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Titi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você RH, Você S/A, Women's Health **Fundador Victor Civita:** Nova Escola

**VEJA** Especial 2138 (ISSN 1677-0463), ano 42 nº 45, Veja é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornalista. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

**INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING:** UNITED STATES: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062. World Media, 19 West 36th Street, New York, New York, 10018, tel.: 1-212-244-5610, fax: 1-212-213-8836. Charnay/Palacios & Co. 5201 Blue Lagoon Drive, Suite 200, Miami, Florida 33126, tel.: 1-786-388-6340, fax: 1-786-388-9113 JAPAN: Shinano International, Inc., Akasaka Kyowa Bldg. 2F, 1-6-14, Akasaka, Minato-Ku, Tokyo 107-0052, tel.: 81-3-3584-6420, fax: 81-3-3505-5628 TAIWAN: Lewis Int'l Media Service Co. Ltd. Floor 11-14 N° 46, Sec. 2 Tun Hua South Road Taipei, tel.: 02-707-5519, fax: 02-709-8348. **VEJA** is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil). A Yearly subscription abroad costs US\$ 280. Except for Asia the subscription costs US\$ 380. To subscribe call: 55-11-5087-2112, or write to: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil.

**IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.** Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Pq. Pimenta do O, São Paulo, SP



**Presidente do Conselho de Administração:** Roberto Civita  
**Presidente Executivo:** Giancarlo Civita  
**Vice-Presidentes:** Arnaldo Tibyriça, Douglas Duran,  
Marcio Ogliara, Sidney Basile

[www.abril.com.br](http://www.abril.com.br)





# UMA JANELA PARA A HISTÓRIA

## A CORRIDA DO OESTE

*A inauguração de Brasília atraiu ao cerrado gente em busca de vida nova e emprego no país que nascia*

PLANALTO CENTRAL - 1960

FOTO: RENÉ BURRI / MAGNUM / LATINSTOCK

A inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, foi a realização de uma utopia, como foram todas as grandes epopeias fundadoras de nações. Erguer uma capital modernista no meio do cerrado, a centenas de quilômetros dos grandes centros urbanos, exigiu uma visão de mundo tão ampla, corajosa e ousada quanto a que levou o homem às grandes navegações e à conquista do espaço. Meio século depois, poucos se lembram das razões, das emoções e das poderosas forças, a favor e contra, desencadeadas pela construção de Brasília. Era fácil ser contrário à aventura do presidente Juscelino Kubitschek. A empreitada quebraria os cofres do país e traria a inflação, dizia-se. Quebrou mesmo. A inflação veio. O Brasil de hoje venceu a inflação e a desordem financeira. O país tem a admiração mundial pela estabilidade política, pela busca da justiça social e pela racionalidade na política econômica, o mais acabado tripé da modernidade. Muito dessa superação foi antevista pelos traços de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Eles desenharam não apenas uma cidade, mas uma nação.

Esta edição especial de VEJA recupera a grande aventura em todos os seus aspectos — humano, econômico, político, geográfico e arquitetônico. Ela narra uma magnífica história futurista que ainda vai emocionar gerações quando a Brasília dos escândalos, um dia quem

sabe, for coisa do passado. A revista que você tem em mãos foi editada por Fábio Altman, de VEJA, secundado na tarefa por Susana Camargo e Suely Bordin, insuperáveis em sua curiosidade histórica e exatidão, e por Paulo Vitale na seleção de imagens. Foram quatro meses de pesquisas em três dezenas de acervos fotográficos, quase uma centena de mapas, atlas e teses acadêmicas.

VEJA convidou profissionais com conhecimento específico sobre arquitetura e história para contribuir com artigos exclusivos explicando os ineditismos de Brasília. Ronaldo Costa Couto, jornalista e historiador, autor do livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*, conta segredos de JK. Sérgio de Sá, neto de um dos precursores, Bernardo Sayão, construtor da Belém-Brasília, investiga a peculiar cultura produzida no cerrado, cujo ícone é a banda Legião Urbana, de Renato Russo. O escritor Humberto Werneck faz o minucioso relato do primeiro dia da capital, testemunhado por ele quando tinha 15 anos. Diz Altman: “Combinamos a emoção das testemunhas daquele instante fundamental com a acuidade de informações e fotografias extraordinárias. O resultado é esta Edição Especial Brasília 50 Anos, desde já uma referência para quem quiser entender o nascimento da cidade que originou o Brasil de hoje”.



## Goyaz

Limites — Ao N. e NE. o Maranhão; a L. o Piauí, Bahia e Minas Geraes; ao S. as Minas Geraes e Matto Grosso; e a O. ainda Matto Grosso e o Pará.

Superfície — 750.000 kilometros quadrados.

População — 511.900 habitantes.

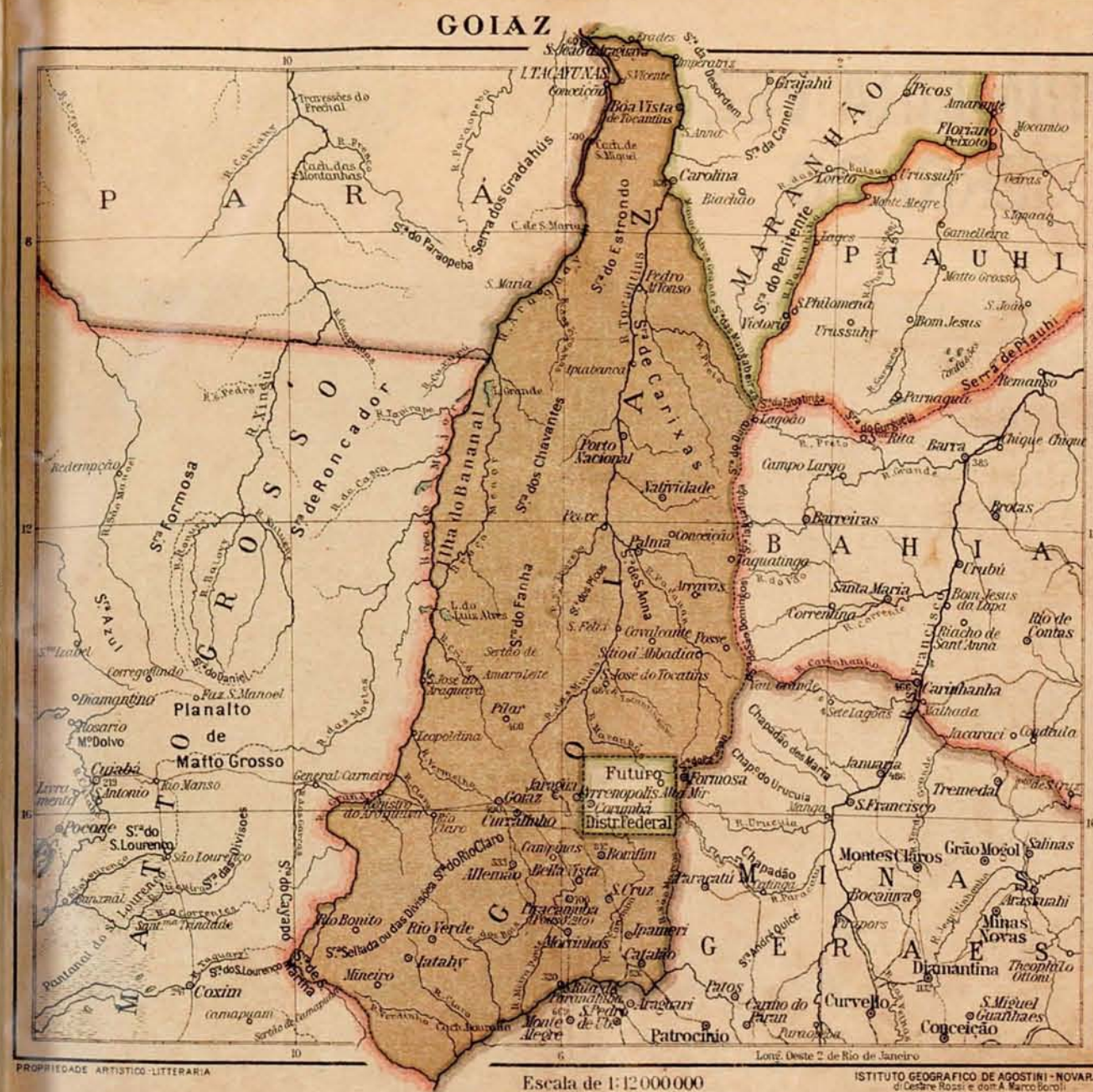
Capital — Goyaz, com 21.200 habitantes.

Cidades — O Estado possui 24 cidades. As principais são: Catalão, Pyrenopolis, Boa Vista, Porto Nacional, Santa Luzia e Bomfim.

Agricultura — Está ainda afrazada. Cultiva-se comtudo a canna de assucar, o fumo, algodão, o café, a vinha e alguns cereaes.

Industria — As principais industrias são a pastoril, a do beneficiamento do arroz e do preparo do fumo.

Commercio — E' fraco o commercio goyano cujas exportações principais consistem em gado vivo, arroz, fumo, xarque, couros, borracha, banha, toucinho, peessecos, etc.



**NO CENTRO DO PAÍS** O espaço destinado ao futuro Distrito Federal, definido em 1893, aparece no Pequeno Atlas do Brasil, de 1922. O ponto demarcado era conhecido como Quadrilátero Cruis, referência à missão exploratória

# A PRIMEIRA VEZ NO MAPA



# A PRIMEIRA VEZ NO CERRADO

## OS PÉS NA IMENSIDÃO

Às 7h45 de 2 de outubro de 1956 o DC-3 da Força Aérea Brasileira decolou do Aeroporto Santos Dumont a caminho do ponto onde seria erguida Brasília. A pista de 2.000 metros para pouso tinha sido construída na véspera. Depois de descobrir "a vastidão desconcertante do vazio", Juscelino Kubitschek escreveu no Livro de Ouro: "Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

PLANALTO CENTRAL - 2 | 10 | 1956  
FOTO: JEAN MANZON





# O PRIMEIRO CRUZAMENTO

## DOIS EIXOS

*Para o antropólogo carioca Milton Guran, a imagem destas páginas é "a mais extraordinária fotografia do Brasil moderno, um registro seminal que simboliza o momento em que o brasileiro tomou posse efetiva de seu destino". O fotógrafo Mário Fontenelle, a bordo de um monomotor, pediu ao piloto que voltasse: "Quero fazer esta foto". Ela mostra o cruzamento do Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário, o Eixão, o ponto zero da cidade imaginada pelo urbanista Lucio Costa.*

*A história desculpa a precariedade do registro.*

BRASÍLIA - 1957

FOTO: MARIO FONTENELLE/  
ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



# OS PRIMEIROS PROJETOS

## QUATRO MOSQUETEIROS


*Debruçados na maquete da cidade que nascia, Oscar Niemeyer (à esq.), Israel Pinheiro, presidente da Novacap, Lucio Costa e Juscelino Kubitschek observam o avanço nas obras da Praça dos Três Poderes. Naquela altura, o Palácio da Alvorada já tinha sido inaugurado.*

BRASÍLIA - 22 | 11 | 1958

FOTO: MARIO FONTENELLE /

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL





DE LONGE, A PERFEIÇÃO  
Inchado na periferia, com  
2,6 milhões de habitantes,  
o Plano Piloto da capital  
federal visto do espaço  
tem o formato imaginado  
por Lucio Costa. De cima,  
a distância, nada parece afetar  
o traçado elaborado em 1957

BRASÍLIA - 2008  
FOTO À PARTIR DO SATELITE IKONOS  
SPACE IMAGING DO BRASIL / GEOEYE

# BRASÍLIA, 50 ANOS



# A REDESCO BERTA DO BRASIL

Em oposição ao bandeirante predador, Juscelino Kubitschek cultivou a imagem do pioneiro, o desbravador que tiraria o país do litoral para levá-lo ao centro. Foi o nascimento de uma nação

FÁBIO ALTMAN

**E**m 1960, um imenso painel da campanha do marechal Henrique Teixeira Lott à Presidência da República mostrava o candidato da situação de farda ao lado de Juscelino Kubitschek, que terminava seu mandato. JK aparecia como “o grande bandeirante do século”, com as vestes e a postura de um Borba Gato, o céu do cerrado como moldura. A uni-los — Lott e JK —, os traços de Brasília recém-inaugurada a partir dos desenhos e dos projetos de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Lott perderia as eleições para Jânio Quadros, mas seu cabo eleitoral, o presidente bossa-nova, faria história ancorado na cidade que ergueu no meio do nada. Faria história por seu empenho, razoavelmente bem-sucedido, de introduzir no Brasil uma nova família de desbravadores, afeitos a abandonar o litoral a caminho do Centro-Oeste. Homens e mulheres que deixaram para trás uma civilização de quatro séculos,

banhada pelo Oceano Atlântico, com pessoas “arranhando ao longo do mar como caranguejos”, na metáfora do frei Vicente do Salvador (1564 - c. 1635). A densidade populacional à beira-mar chegava, em algumas cidades, a cinquenta habitantes por quilômetro quadrado. No Centro-Oeste, a menos de um — hoje, ali, são sete habitantes por quilômetro quadrado.

O presidente pé de valsa, o Nonô de Diamantina, o desenvolvimentista — mas também o capitão do início do descontrole inflacionário —, morreu em 1976, em um acidente de carro na Via Dutra, com o legado de campeão da democracia. JK foi o chefe de estado que pôs o Brasil na modernidade a bordo de um Fusca ao som de João Gilberto. Mas ele se vangloriava, mais do que tudo, no fim da vida, de ter induzido, por meio de Brasília, o renascimento do país. Até a aventura no Planalto Central, havia um muro entre a escassez do interior e a abundância do litoral, sem estradas a ligar os dois pontos. As diferenças entre as regiões ainda existem, são muitas e intransponíveis, mas JK deflagrou um processo que, nas palavras do atual governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, representou “o redescobrimiento do Brasil”. Para redescobri-lo era preciso matar o passado, era preciso criar um movimento colado à imagem com a qual JK aparecia no cartaz de campanha, de botas e chapelão em mãos. Tratava-se,

## AVANTE, BRASÍLIA

No cartaz de campanha para as eleições de 1960 — vencidas por Jânio —, JK aparece ao lado de Teixeira Lott como se fosse o Borba Gato do século XX

BRASÍLIA - 1960  
FOTO: PETER SCHEIER / INSTITUTO MOREIRA SALLES







enfim, de criar uma nova modalidade de ocupação.

O próprio JK, no livro de memórias *Por que Construí Brasília*, anotou o que pensava da conquista de um pedaço quase virgem de Brasil. Em um parágrafo de 150 palavras, escreveu: “Há quem confunda pioneiro com bandeirante, já que ambos fazem do desbravamento sua atividade habitual. Entretanto, uma diferença enorme os distancia. O bandeirante descobre e passa à frente. Sua sina é avançar. Finca um marco. Poda uma árvore. Faz um monte de pedras. É tudo que deixa, como sinal de sua passagem. Trata-se de uma imagem fugidia. Brilha, e desaparece. Já o pioneiro é influenciado pela atração da terra. Descobre e fica. É um símbolo do que se projeta através de um ânimo de permanência. A jornada pode ser longa, mas a parada — quando ocorre — é quase sempre mais longa ainda. Planta e espera pela colheita. Não deixa sinal de sua passagem, porque ele próprio se

### MISSÃO CRULS, 1892-1893

*O grupo liderado por um astrônomo belga fez o primeiro levantamento da região no Planalto Central onde seria construída a capital*

GOIÁS — 1892

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

detém. E do seu rastro, que por algum tempo foi efêmero, brotam valores duradouros: povoados, que se transformam em vilas; vilas que se convertem em cidades; e cidades que armam a estrutura de uma civilização”.

Brasília, cidade artificial, criada no papel antes de ter gente, apresenta todos os problemas do Brasil real — inclusive os da corrupção debaixo das duas cúpulas, a côncava e a convexa, da Praça dos Três Poderes. Mas é inegável que a cidade costurou algum tipo de civilização a que se refere JK. Segundo o historiador Luís Carlos Lopes, autor de *Brasília — O Enigma da Esfinge*, JK considerava “necessário curar o brasi-

leiro de seu ancestral desamor pelo trabalho e do seu espírito lúdico contumaz”. E mais: “Era preciso discipliná-lo e organizá-lo a partir desta base, para aproximá-lo do pioneiro norte-americano; dar a Macunáfma a firmeza de caráter e a capacidade de empreender as mudanças de propostas e de interesses de seus amos; queria-se fazer com que o capitalismo vencesse e transfigurasse as origens escravistas do país. O bandeirante tinha que metamorfosear-se no pioneiro”.

Ao perceber, já na campanha eleitoral que o levaria ao Palácio do Catete e nos primeiros meses de governo no Rio, que qualquer espirro de crise provocava uma pneumonia e que uma solução política seria ficar distante da encantadora mas turbulenta Velhacap, JK pôs para andar a máquina mudancista. Tomou emprestada, como cimento ideológico a mover seus passos, a tese de Clodomir Vianna Moog (1906-1988), ensaísta gaúcho autor de um clássico





da sociologia brasileira, *Bandeirantes e Pioneiros — Paralelo entre Duas Culturas* (1954). Nessa obra, o escritor, ao comparar as sociedades americana e brasileira, conclui que houve “um sentido inicialmente espiritual, orgânico e construtivo na formação dos Estados Unidos” e “um sentido predatório, extrativista e quase só secundariamente religioso na formação brasileira”. Nos Estados Unidos, deu-se tudo pelas mãos de pioneiros. No Brasil, dos bandeirantes. JK, portanto, ao beber de Vianna Moog, pensador de relevância internacional, propunha o despertar de um novo bandeirante.

Só ele, parente do pioneiro americano, seria capaz de pôr em marcha a interiorização do Brasil como engrenagem de riqueza. A escolha do local onde seria plantada a nova capital foi feita com o objetivo de corrigir uma distorção natural, a inexistência de rotas geográficas que favorecessem, rumo ao oeste, o uso de todo o potencial do ter-

#### MISSÃO JOSÉ PESSOA, 1954-1955

*Convidado pelo presidente Café Filho, o marechal Pessoa (de chapéu) lidera a Comissão de Localização da Nova Capital, na trilha aberta por Cruls*

PLANALTO CENTRAL — 1955  
FOTO: CPDOC/FGV

ritório brasileiro. Para Vianna Moog, o Brasil é cortado de norte a sul pelo rio que deveria ser o da integração nacional, o São Francisco — que ainda assim corre muito perto da costa. A Serra do Mar também se agiganta paralela ao litoral, funcionando como mais uma barreira à integração. Fosse sua orientação de leste a oeste, ela seria um corredor. A explicação geográfica foi encampada por JK e posta a funcionar com a sagacidade de nomes como Ernesto Silva, hoje aos 95 anos, “o pioneiro do antes”, o pediatra por formação e desbravador por natureza, que recebeu JK no cerrado, em outubro de 1956, com um mapa da região

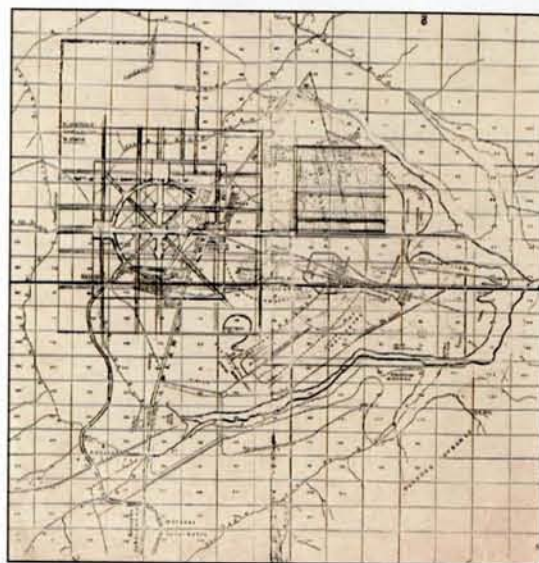
debaixo do braço e conduziu o primeiro comboio.

O mapa de Ernesto era o resultado do trabalho de dois grupos de investigação científica e geográfica: a Comissão Exploradora do Planalto Central (1892-1893), liderada pelo astrônomo belga radicado no Rio de Janeiro Luiz Cruls, nascido Louis Ferdinand Cruls em Diest, amigo do imperador Pedro II, com quem conversava sobre estrelas e cometas; e a Comissão de Localização da Nova Capital Federal (1954), comandada pelo marechal José Pessoa, indicado pelo presidente Café Filho. Ambas escrutaram o mesmo chão, a 1100 quilômetros do Rio e 1000 quilômetros de São Paulo, originalmente conhecido como Quadrilátero Cruls, naco de terra de 160 por 90 quilômetros. Desde o fim do século XIX até a eleição de JK, todos os governos tangenciaram a mudança da capital para aquele ponto do país, tal qual um Eldorado. Era uma ideia à procura de quem a rea-



## Os projetos antes da hora

O arquiteto Jeferson Tavares, da USP de São Carlos, resgatou os desenhos anteriores ao tempo do concurso de Brasília promovido por JK



### 1927, AUTOR DESCONHECIDO

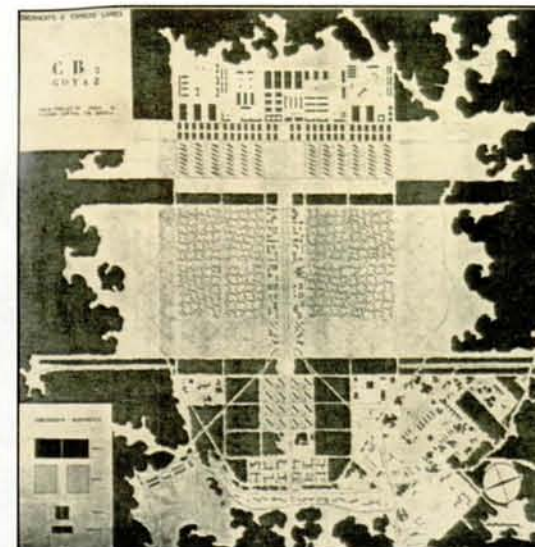
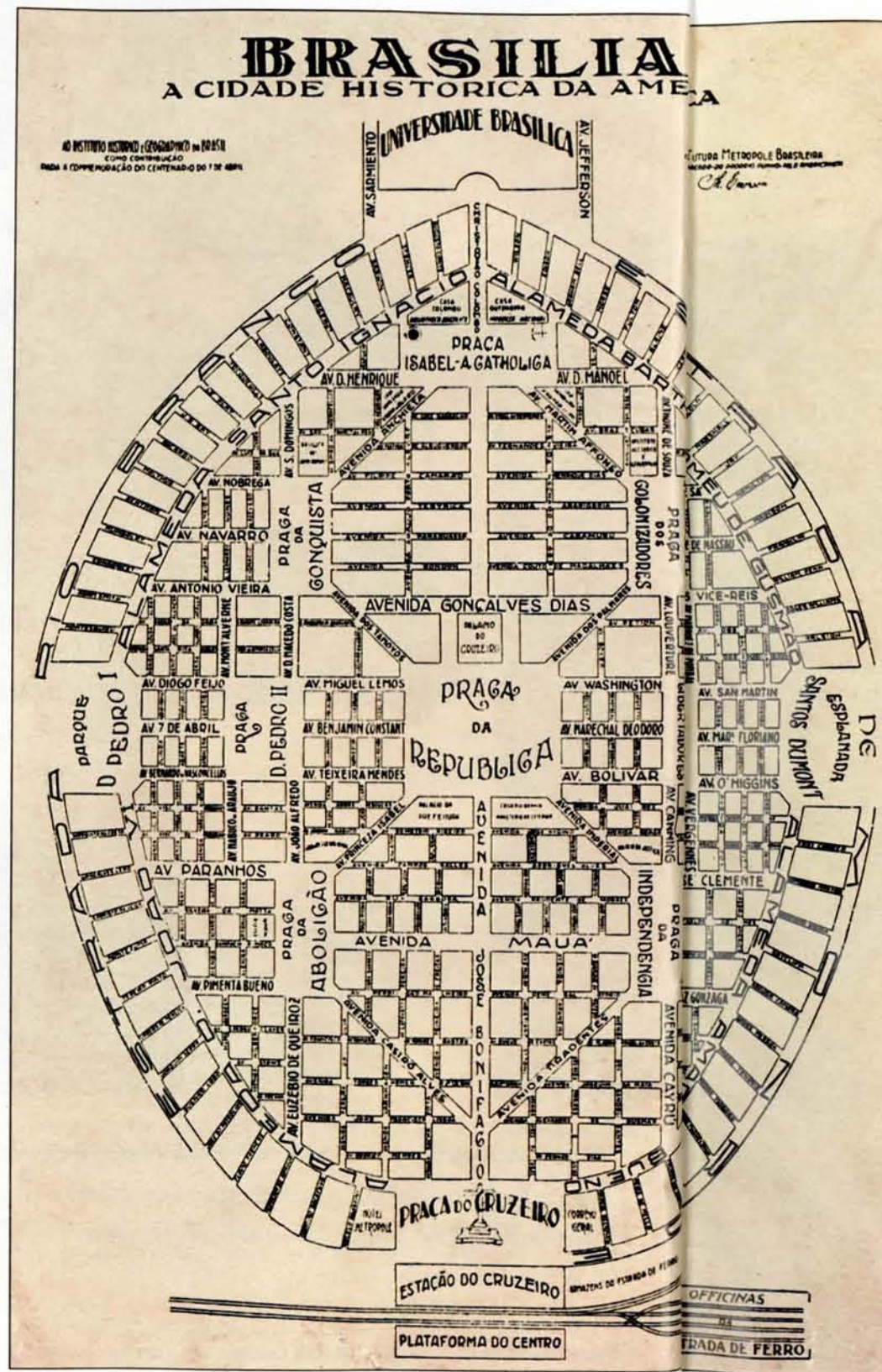
Documento encontrado no Cartório de Registro de Imóveis de Planaltina

### 1930, THEODORO FIGUEIRA DE ALMEIDA

O historiador usa pela primeira vez o nome Brasília na concepção da cidade

lizasse. Nascera com José Bonifácio, o Patriarca da Independência, que sugeriu o nome de Petrópolis ou Brasília, ainda na Constituinte de 1823, para a nova capital. Crescera um pouco mais tarde, por meio do diplomata e historiador Francisco Adolfo de Varnhagem, para quem a transferência civilizaria o sertão. Muito tempo antes de Lucio Costa vencer o concurso, Brasília já aparecera em esboços, diversas vezes com as avenidas monumentais, típicas do modernismo na arquitetura, que a tornariam conhecida.

JK tomou posse dessa linha histórica, fez-se herdeiro dela e criou uma ci-



### 1936, CARMEM PORTINHO

Desenho de inspiração modernista de autoria da terceira mulher a se formar em engenharia no Brasil, em 1925



### 1948, JALES DE MACHADO

O plano do deputado federal apresentava a rede de estradas a ligar o Planalto ao resto do país



### 1955, VERA CRUZ

Na definição do marechal José Pessoa, a capital — de traços semelhantes aos de Lucio Costa — tem o nome inspirado na alcunha original do Brasil

dade. Mais de uma vez, depois dos três épicos anos de construção, o presidente disse que a existência de Brasília sempre fora "aspiração geral do país". O professor de sociologia Márcio de Oliveira, da Universidade Federal do Paraná, autor de uma detalhada dissertação de mestrado sobre as origens de Brasília, faz a indagação incômoda mas necessária: "Se Brasília já era uma aspiração geral do país e JK estava convencido do fato, como explicar sua ausência no plano de metas original?". Brasília só viria a se tornar a meta de número 31, a meta-síntese, depois do primeiro comício da vitoriosa campanha de



**COMBOIO NO ERMO**

A bordo de jipes, a primeira incursão a caminho da futura cidade. "Os veículos iam na frente, e a estrada atrás", diz Ernesto Silva, conhecido como "o pioneiro do antes"

PLANALTO CENTRAL - 21.10.1956  
FOTO: ARQUIVO PESSOAL DE ERNESTO SILVA



1955. Uma resposta possível à demora é que a ideia simplesmente ainda não existia; JK a alimentou por necessidade política. "Depois, ele contou a história do Brasil, por meio de livros escritos por colaboradores e revistas ligadas à empreitada brasiliense, para dar a impressão de que seu governo não fazia mais que realizar um destino, a interiorização do Brasil", afirma Oliveira.

Houve, na formação do mito, falsificações. Nos relatos de Brasília, conta-se com paixão o sonho do padre italiano Giovanni Bosco, que em meados do século XIX fizera referência a um "leito muito largo, que partia de um ponto onde se formava um lago, situado entre os paralelos 15 e 20 graus de latitude sul". Dormindo, Bosco deparou com a imagem de uma "terra prometida, donde correrá leite e mel". Brasília, pois. Tudo muito adequado não fosse o sumiço, nas versões oficiais alimentadas por JK, de um trecho em que Bosco dissera ter avistado uma cordilheira e, entre colchetes, a Bolívia. Com um detalhe: Bosco nunca pôs os pés no Planalto Central.

**Um meio para muitos fins.** Tendo ou não cultivado retroativamente a história, tendo ou não trabalhado com mitos, JK fez de Brasília uma cidade de sucesso desigual como o país que a cerca. Enquanto o PIB brasileiro cresceu em média 4,8% ao ano de 1961 a 2000, o do Distrito Federal teve expansão de 57,8% (veja gráfico na pág. 189). Brasília, numa definição já consagrada, foi "um meio para muitos fins". Serviu aos interesses políticos de JK. Serviu para inventar uma nova economia que fugisse da tradicional cabotagem na franja litorânea. Ao país descontínuo até o início dos anos 60, sem ligações terrestres, ofereceu estradas como a Belém-Brasília. Ao isolado sertão cantado por Euclides da Cunha, ofereceu a chance de integrar-se ao Brasil. E por fim, como corolário da aventura, representou o nascimento de uma ideia de nação num país continental. O 21 de abril de 1960 é um instante fundador como o foram o 7 de setembro de 1822 e o 15 de novembro de 1889. ■



# POR QUE JK CONSTRUÍU BRASÍLIA?



**A LARGADA** Antonio Soares Neto (no destaque) minutos antes de pôr Juscelino contra a parede, no primeiro comício de campanha

Sapo pula por precisão, não por boniteza, ensinou Guimarães Rosa. Juscelino precisava ficar longe do Rio, sob o risco — e com receio — de ser deposto antes do fim do mandato

RONALDO COSTA COUTO\*

Jataí, no sertão goiano, 12 000 habitantes, 4 de abril de 1955, 10 da manhã. O bimotor Douglas DC-3 PP-ANY fura as nuvens negras, circula a cidadezinha, embica exato para a pista de terra batida, desliza macio, perseguido por rio de poeira. Para, manobra, taxia,

os motores são desligados. A porta se abre, um passageiro elegante, risonho, ágil e inquieto, pouco mais de 50 anos, muito bem vestido, acena entusiasmado para a pequena multidão que o espera. É Juscelino Kubitschek de Oliveira, governador de Minas até cinco dias antes, que chega para seu primeiro comício de candidato da coligação PSD-PTB à Presidência da República.

## O diálogo de 4 de abril de 1955

“O senhor mudaria a capital, conforme determinado nas Disposições Transitórias da Constituição?”

**Antonio Soares Neto,** corretor de seguros, autor da pergunta decisiva

“Cumprirei na íntegra a Constituição. Durante o meu quinquênio, farei a mudança da sede do governo e construirei a nova capital.”

**Juscelino Kubitschek,** candidato a presidente, aparentemente pego de surpresa



JATAÍ (GO) — 4 | 4 | 1955 FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Tudo à brasileira. Foguetório, cumprimentos, muita agitação e deslocamento para a praça central, onde se comprime a maior multidão da história de Jataí: mais de 1.000 pessoas. Tudo pronto, comitiva e líderes goianos no palanque, cai um toró de fazer gosto. Correia, dispersão, alguém chama para o galpão da oficina mecânica. Mais de 200 pessoas entram, espremendo-se, ocupam todos os espaços. Põem JK sobre a carroceria de um velho caminhão à espera de conserto.

Orador vibrante, ele dispara discurso sedutor. Fala do que fez em Minas, de democracia e desenvolvimento, industrialização, energia e transportes, fim da miséria, empregos, ocupação territorial, cumprimento fiel das leis e da Constituição. No final, inova: abre o comércio para perguntas, como modo de encerrá-lo. Um primo do chefe local Serafim de Carvalho se anima. É Antonio Soares Neto, o simpático corretor de uma seguradora, 29 anos. Ofegante, voz embargada, mas tudo na ponta da língua, indaga se o candidato "mudaria a capital, conforme determinado nas Disposições Transitórias da Constituição". JK conhecia a senha de cor e saltado. Tinha lutado muito para aprovar a ideia. Mas, talentoso ator político, desses capazes de aparecer vestidos de piloto de jato supersônico, valentes e destemidos, aparentou espanto, refletiu teatralmente alguns segundos e respondeu: "Cumprirei na íntegra a Constituição. Durante o meu quinquênio, farei a mudança da sede do governo e construirei a nova capital".

Euforia. Um trovão de palmas, gritos de entusiasmo. Era o que todos queriam saber. O sonho maior de Goiás e de quase todo o Brasil profundo. Toniquinho garante que nada foi combinado. Hoje, às vésperas dos

#### LÁ VAMOS NÓS

*Sem estradas, intula o presidente, a nova capital levaria a lugar nenhum. A Belém-Brasília foi instrumento crucial na retórica de Juscelino*

BELEM-BRASILIA - 1958 FOTO: JEAN MANZON



preparativos para a celebração das cinco décadas de Brasília, ele já festejou seu cinquentenário particular. "São os 55 anos da minha pergunta", diz. O que, para muitos, soaria como arrogância, para Toniquinho, agora advogado aposentado, morando em Goiânia, é apenas o registro de um momento histórico. A pergunta o fez conhecido, a pergunta o autoriza a ter uma imagem de Juscelino no cartão de visita, a pergunta o levou a ser convidado para a inauguração de Brasília (embora, lembra com humor, de sorriso largo, tenha sido barrado no baile de gala do 21 de abril de 1960). Em suas memórias, *Por que Construí Brasília*, JK diz que a capital nasceu em Jataí e que ouviu a mesma indagação nos demais comícios. A ideia o ajudou a fugar apreciável apoio no interior, inclusive no Nordeste. Venceria as eleições de 3 de outubro de 1955 com apenas 33,82% dos votos.

Almoço, conagração (lá estava Toniquinho, claro), hora de partir para o comício seguinte, em Anápolis. O DC-3 urra, patina levemente na lama, avança, posiciona-se, acelera mais, dispara bonito e empina roncando para o céu agora limpo. Embaixo, aplausos e emoção. Todos sabiam que Juscelino era homem de palavra, de grandes desafios e até de corajosas aventuras desenvolvimentistas. Provara isso na prefeitura de Belo Horizonte e no governo de Minas. Tinha experiência urbanística arrojada e inovadora: a Pampulha, com sua arquitetura precursora da brasiliense. Dispunha, portanto, de credenciais e equipe para concretizar a cidade moderna, diferente.

**Município pessedista.** Mas por que a escolha do Planalto Central como palco para o comício inaugural, lugar de complicado acesso e escassos eleitores? Por que não Belo Horizonte, Rio, São Paulo, Recife, Salvador, Porto Alegre ou outra grande cidade? Há quem acredite que foi por ser Jataí o município proporcionalmente mais pessedista do país. Outros, que JK quis prestigiar o amigo jataiense Serafim de Carvalho, colega

de curso de medicina em Minas. Com boa vontade e bastante candura, até poderia ser. Mas, nas Minas do manhoso e pragmático PSD de José Maria Alkmin, todo mundo sabe que em política a versão vale mais do que o fato. JK escolheu a simbólica e totalmente mudancista Jataí porque sabia que o coração do Brasil era o ambiente e o palco mais adequados para anunciar seu principal compromisso: a construção da nova capital e a interiorização do desenvolvimento, com ênfase em energia e transportes. A futura Brasília, centro irradiador de desenvolvimento, seria o marco de seu governo.

A decisão já estava tomada. O que houve em Jataí foi o anúncio do histórico compromisso público do candidato. Mais: político habilidoso e pragmático, consciente da forte resistência à mudança, principalmente no Rio, o astuto JK preferiu não tomar a iniciativa de revelá-la. Melhor fazê-lo perto do local previsto, surpreendido por justa e espontânea cobrança popular de obediência à Constituição. Coisa fácil de combinar, provocar ou induzir. Solução brilhante, engenhosa, politicamente mais palatável. Inclusive junto ao poder militar, guardião da Carta Magna e tão influente em tempos de Guerra Fria. Como um verdadeiro democrata poderia descumprir o que a Constituição mandava e o povo cobrava?

Juscelino não tirava o assunto da cabeça. Deputado constituinte em 1946, lutara duro pela mudança da capital. Ao lado de Israel Pinheiro e outros aliados, conseguiu incluir a regra declarada por Toniquinho. Dizem que foi porque ninguém acreditava que sairia do papel, e, ao não sair, a derrota política seria inevitável.

JK fez o que pôde para que a nova capital fosse no Triângulo Mineiro, perto de Tupaciguara. Perdeu por cinco votos para o Planalto Central, dos goianos. Chegou a Jataí sabendo o que queria. Sabia que os membros da Comissão de Localização, criada por decreto de Getúlio Vargas em 1953, estavam prestes a indicar o sítio da futura capital, ali ao lado. Sabia que o governador goiano





## A JATO

*Carismático e afeito  
ao marketing  
político antes de  
a expressão existir,  
JK faz um voo  
supersônico*

RIO DE JANEIRO —  
NOVEMBRO DE 1957  
FOTO: AGÊNCIA O GLOBO



## VARIG, VARIG, VARIG

*Entre o Palácio do Catete e o Catetinho,  
em Brasília, JK aproveitava as travessias  
de mais de três horas para dormir*

EM VOO DE CRUZEIRO — c. 1957/1960 FOTO: JEAN MANZON

Juca Ludovico iria ao limite do possível pela causa. No fim de 1954, cinco meses antes da ida a Jataí, já em pré-campanha, JK visitou Goiás. Ficou lá quase uma semana, assuntando, falando de interiorização, integração nacional, capital no Planalto.

O sapo pula não é por boniteza, porém por precisão. Fazer nova capital não era só paixão política, visão geopolítica estratégica ou meta-síntese do futuro programa de desenvolvimento. Brasília entrou para a história dos tempos de JK como a meta das metas, a de número 31, acrescentada de última hora, o ápice do presidente que queria fazer cinquenta anos em cinco.

JK disse várias vezes à filha Márcia Kubitschek que considerava o Brasil praticamente ingovernável do Rio. Que se ficasse lá e aderisse à rotina presidencial acabaria deposto. Teria de presidir com um pé no Rio e outro no Planalto — os mesmos pés com meias, em cima da mesa, que exibiria já cassado, pouco antes de morrer.

**Bravata.** A segunda metade dos anos 50 era um ambiente político-militar emoldurado pela Guerra Fria, minado pelo assanhamento intervencionista de lideranças militares. Pesado, ameaçador, envenenado pela luta quase corpo a corpo pelo poder. O próprio

Palácio do Catete era vulnerável. O presidente ficava exposto, acuado. No discurso de campanha de Belém do Pará, JK desabafou: “Não é possível que cinquenta cidadãos na capital da República estejam a inquietar e a ameaçar 50 milhões de brasileiros”.

Vivera de perto a crise que levava ao suicídio de Getúlio Vargas, em agosto do ano anterior. Acompanhara a luta final, era seu candidato a presidente. Sabia que, no Rio, qualquer discurso político mais contundente produzia perturbações. Bastava uma declaração destemperada ou mesmo uma bravata de algum general ou almirante ou brigadeiro para traumati-



zar e instabilizar o governo. Até manifestações de rua de estudantes contra o preço de comida e passagens de bonde punham a Presidência da República em xeque. Clima intolerável. O Rio respirava agitação e golpismo. Era imperioso mudar. Fazer a nova capital aceleradamente, governar de lá no fim do mandato.

Carlos Murilo Felício dos Santos, primo e parceiro fiel de JK, diz que bastava juntar povo na frente do Palácio do Catete para os tanques saírem à rua, negócio perigosíssimo. Conta que Juscelino estava preocupado com essa vulnerabilidade muito antes de ser eleito. Qual a saída? A mudança da capital, para cumprir a Constituição e desenvolver o interior. Daí, ressalve-se, a incorporação de Brasília como meta-síntese.

Construir e inaugurar Brasília no horizonte de governo foi decisão audaciosa e complexa, longamente amadureci-

da. Por que, então, o atento Juscelino deixou nas memórias que a cidade nasceu de um aparte político, aquela pergunta de Toniquinho? Ninguém sabe. Sua delicadeza e os interesses, mistérios e manhas eleitorais do PSD mineiro terão tido peso decisivo?

Ou será que a explicação está é num certo João Guimarães Rosa, amigo fiel de JK, companheiro de farda e medicina na Polícia Militar de Minas Gerais? Rosa ensinava que "contar é muito difícil. Não pelos anos que se já passaram, mas pela astúcia que têm certas coisas passadas". ■

**\*Ronaldo Costa Couto**, economista e escritor, é doutor em história pela Sorbonne (Paris IV) e autor de *Brasília Kubitschek* de Oliveira (Ed. Record) e de *Matarazzo* (Ed. Planeta). Está concluindo biografia de *Bernardo Sayão*

## NA VELHA CAPITAL

*No Rio de Janeiro, definitivamente longe do poder, tirava os sapatos porque tinha um problema nos dedos, que doíam com frequência*

RIO DE JANEIRO - 1971  
FOTO: DAVID DREW ZINGG

# O PRESENTE CONTÍNUO DE OSCAR

O passado de arquiteto tombado sempre incomodou Niemeyer, mais interessado nos trabalhos que faria do que naqueles já construídos

SÉRGIO RODRIGUES

*Dias antes de ser internado no Hospital Samaritano, no Rio, no fim de setembro, para a retirada da vesícula e de um tumor no cólon, o arquiteto de Brasília recebeu VEJA para dar sua versão do nascimento da cidade artificial.*

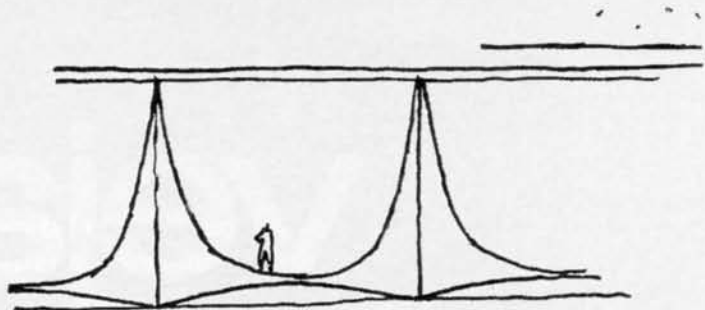
Oscar Niemeyer, o homem que ensinou o concreto armado a voar, completará 102 anos no próximo dia 15 de dezembro, mas ainda é capaz de se assombrar quando recorda a aventura quase impossível da construção de Brasília. “Fico espantado”, diz a VEJA, corpo miúdo engolido pela cadeira na sala dos fundos de seu escritório voltado para o mar de Copacabana, onde, devido à dor em uma vértebra fissurada, já não tem podido aparecer para trabalhar com a disciplina

partidária que sempre marcou sua carreira. “O problema era erguer uma cidade em menos de cinco anos, então a minha parte era fazer uma arquitetura mais simples, mais fácil”, lembra, sob o olhar de um Dom Quixote de sucata. Uma sombra de sorriso maroto passa por seu rosto vincado. “Mas não fiz nada disso. Por exemplo: as colunas do Alvorada podiam ser mais fáceis de construir, sem aquelas curvas. Mas foram elas que o mundo inteiro copiou.”

Espanto é uma palavra-chave no discurso de Oscar, como o chamam amigos e colaboradores. Resume o efeito de beleza inesperada que toda boa arquitetura deve provocar, segundo a cartilha que ele conserva inalterada desde a juventude. A ideia é que “o sujeito pare e se espante”. No caso de Brasília, diz, “a arquitetura de fantasia valeu a pena porque tornou a cidade mais conhecida”, mas a mesma certeza já estava em sua cabeça quando projetou, no

início dos anos 40, o curvilíneo conjunto da Pampulha por encomenda de Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte. Niemeyer sempre enfatizou — e volta a enfatizar agora, por via das dúvidas — que na capital mineira foi plantada a semente da nova capital federal. O futuro presidente desenvolvimentista encontrara seu arquiteto. E seu arquiteto encontrara um estilo — para sempre.

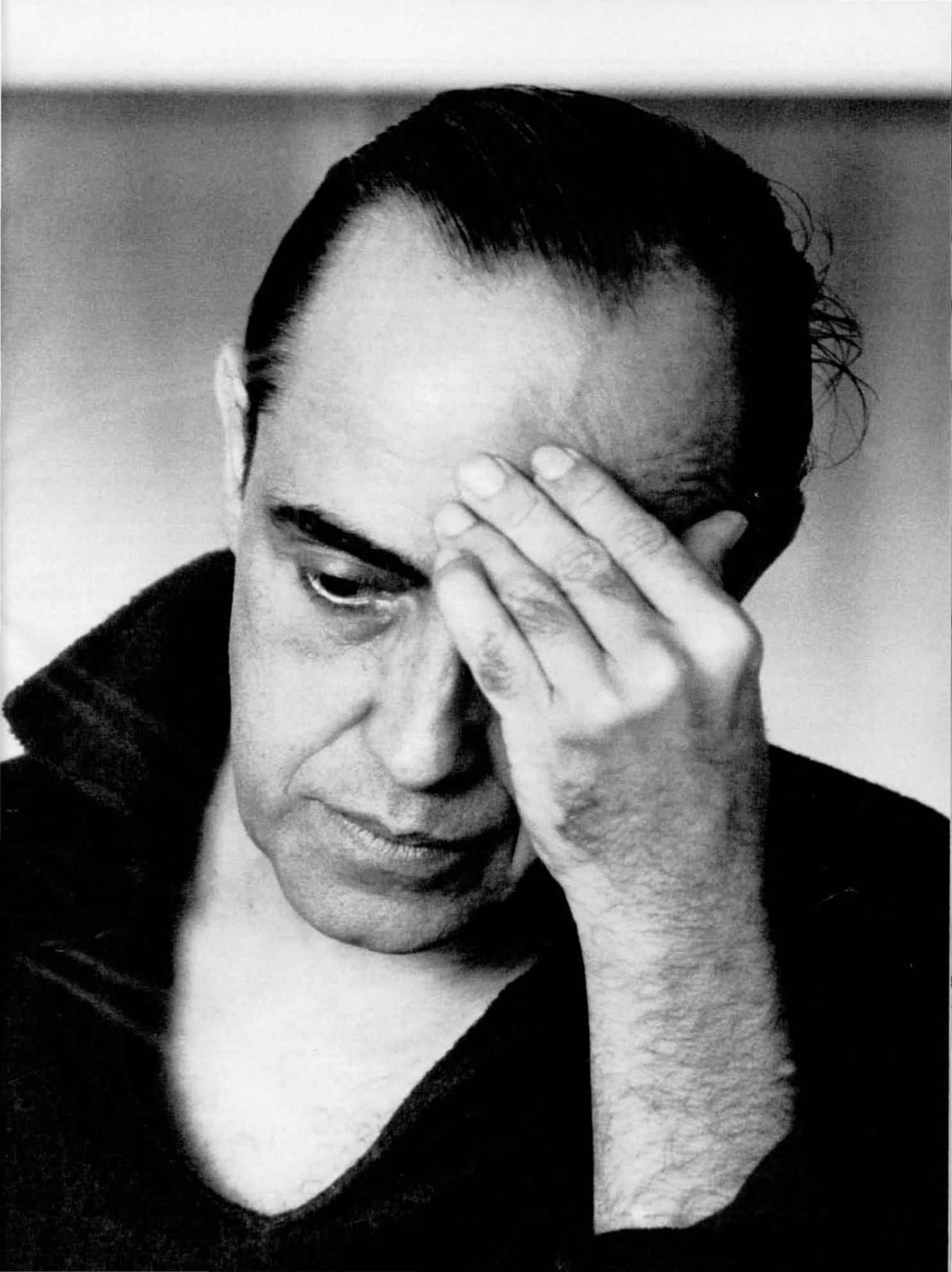
O busto de Lenin sob uma das prateleiras arqueadas de livros que forram as paredes não é o único sinal de desafio ao tempo no ar do escritório, que Niemeyer continua perfumando com a fumaça de sua cigarrilha. “Uma coisa que eu noto quando olho para trás é que, quando comecei Brasília, eu pensava exatamente igual a hoje”, diz, a voz baixa — mas ainda clara —, cheia de curvas e chiados cariocas. Essa resistência de concreto das ideias que o moldaram explica muita coisa, desde a coerência



**IMODESTO** “As colunas do Alvorada podiam ser mais fáceis de construir, sem aquelas curvas. Mas foram elas que o mundo inteiro copiou”

BRASÍLIA — c. 1960  
FOTO: RENE BURRI/MAGNUM







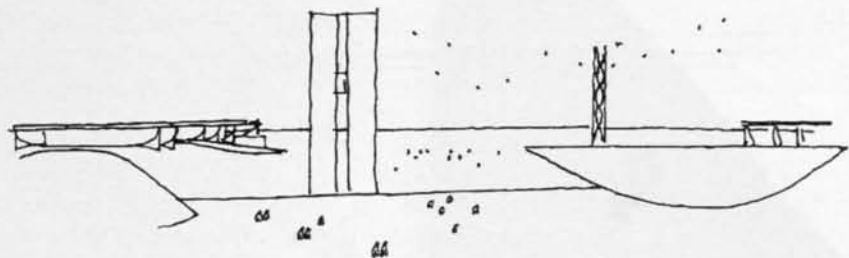
de sua obra ao longo de tantas décadas até o fato de que, entrevistado hoje, ele continua produzindo respostas — às vezes com as mesmas palavras — que já estavam em seu livro *Minha Experiência em Brasília*, lançado em 1961. Lá, como aqui, se encontram expressões-chave como “liberdade plástica”, as curvas femininas como inspiração, imagens poéticas sobre “palácios suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto”.

Envelhecimento físico à parte, o homem mudou pouco. Tanto nas convicções políticas — continua fiel ao comunismo e admirador do ditador soviético Josef Stalin, que diz ter sido “demonizado pela mídia” — quanto na capacidade de se entusiasmar com o trabalho. É difícil mantê-lo interessado por muito tempo na conversa sobre uma cidade construída há meio século, mesmo sendo a cidade um caso provavelmente único na história de tela em branco entregue ao gênio de um arquiteto. Niemeyer vibra mais ao falar dos prédios oficiais que o governador mineiro Aécio Neves lhe encomendou, do teatro que está sendo erguido neste momento na cidade argentina de Rosario ou da praça “fantástica, monumental” que projetou para o governo do Cazaquistão. Não é por acaso que, após uma união de 76 anos com Annita, que morreu em 2004, ele se casou novamente há três anos com Vera Lúcia Cabreira, 62 anos, sua secretária desde 1992. Seu tempo de vida se dilata para abarcar uma filha, quatro netos, treze bisnetos e cinco trinetos, mas parece um presente sem fim.

Desse ponto de vista, entende-se que Brasília esteja “tão longe”, como ele diz ao justificar uma de suas muitas lacunas de memória sobre os anos de 1956 a 1960. É possível que a distância seja uma metáfora daquela, geográfica, que quase o fez desistir da encomenda de JK ao pisar pela primeira vez na desolação poeirenta do Planalto Central. Nesse caso, porém, trata-se de uma distância medida no tempo e não no espaço. Nas palavras de Niemeyer, os cinquenta anos da capital do país ora se espicham em “oitenta”, ora sofrem um abatimento para virar “quarenta, sei lá”. Não se trata de falta de lucidez, mas de desapego a detalhes. Da experiência de Brasília ele preservou, como repetiu em centenas de entrevistas, o prazer da convivência com os amigos que levou consigo — “nem todos arquitetos, alguns só para a gente poder conversar e esquecer a arquitetura” — e os animados saraus promovidos por JK ao som do violão de Dilermando Reis. Mas guardou sobretudo a sensação de ter vivido uma utopia igualitária, morando nas mesmas casas geminadas dos operários e comendo ao lado deles no mesmo restaurante, “como uma grande família, sem preconceitos nem desigualdades”. Pronta a cidade, registrou em *Minha Experiência...* sua decepção com o fim do sonho: “Agora tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos”.

Antes do choque de realidade, contudo, houve tempo de escrever um épico: “Era aquele sol, a terra vazia e cheia de poeira. Tínhamos de tomar banho de manhã e à noite. Era uma coisa radical”, recorda. Coube ao arquiteto escolher — ou algum verbo semelhante que incluía uma dose de aleatório, como seria de esperar em terreno quase desprovido de marcos e acidentes — o local onde seria fincado o Palácio da Alvorada, antes de existir o Plano Piloto, “com capim a nos bater nos joelhos”. Os projetos saíam de sua prancheta diretamente para a mesa do calculista, Joaquim Cardozo, e o próprio original seguia então para a obra. “Não havia programas”, diz Niemeyer, referindo-se à falta de informações minimamente precisas sobre as construções que lhe cabia projetar. Na companhia de Israel Pinheiro, presidente da Novacap, visitava pessoalmente as instalações governamentais no Rio de Janeiro para contar salas, medir espaços — e depois multiplicar tudo por dois ou três. O que ainda seria pouco. “O Palácio do Planalto foi feito para 150 pessoas. Tem 600”, diz. O clima de improviso não excluía questões financeiras. Niemeyer concebeu tudo o que Brasília tem de monumental recebendo um salário de funcionário público, mas, quando faltou dinheiro para construir o chamado Catetinho, a residência de madeira que abrigaria o presidente da República durante as obras, o próprio arquiteto e outros amigos de JK levantaram empréstimo num banco.

“Foi um período que me afastou de muita coisa”, lembra. Seu pai, também chamado Oscar, morreu quando

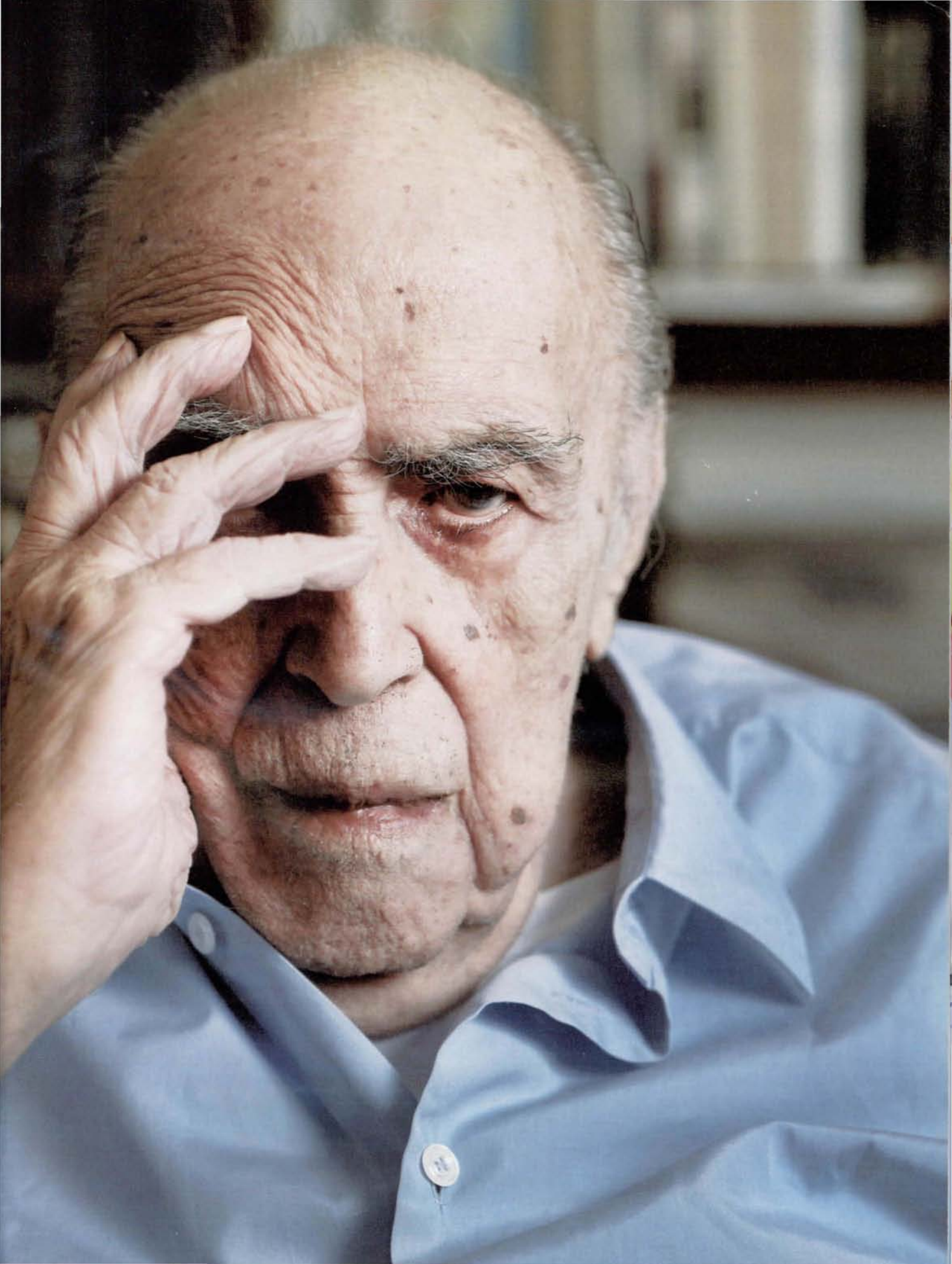


## AVESSO A MUDANÇAS

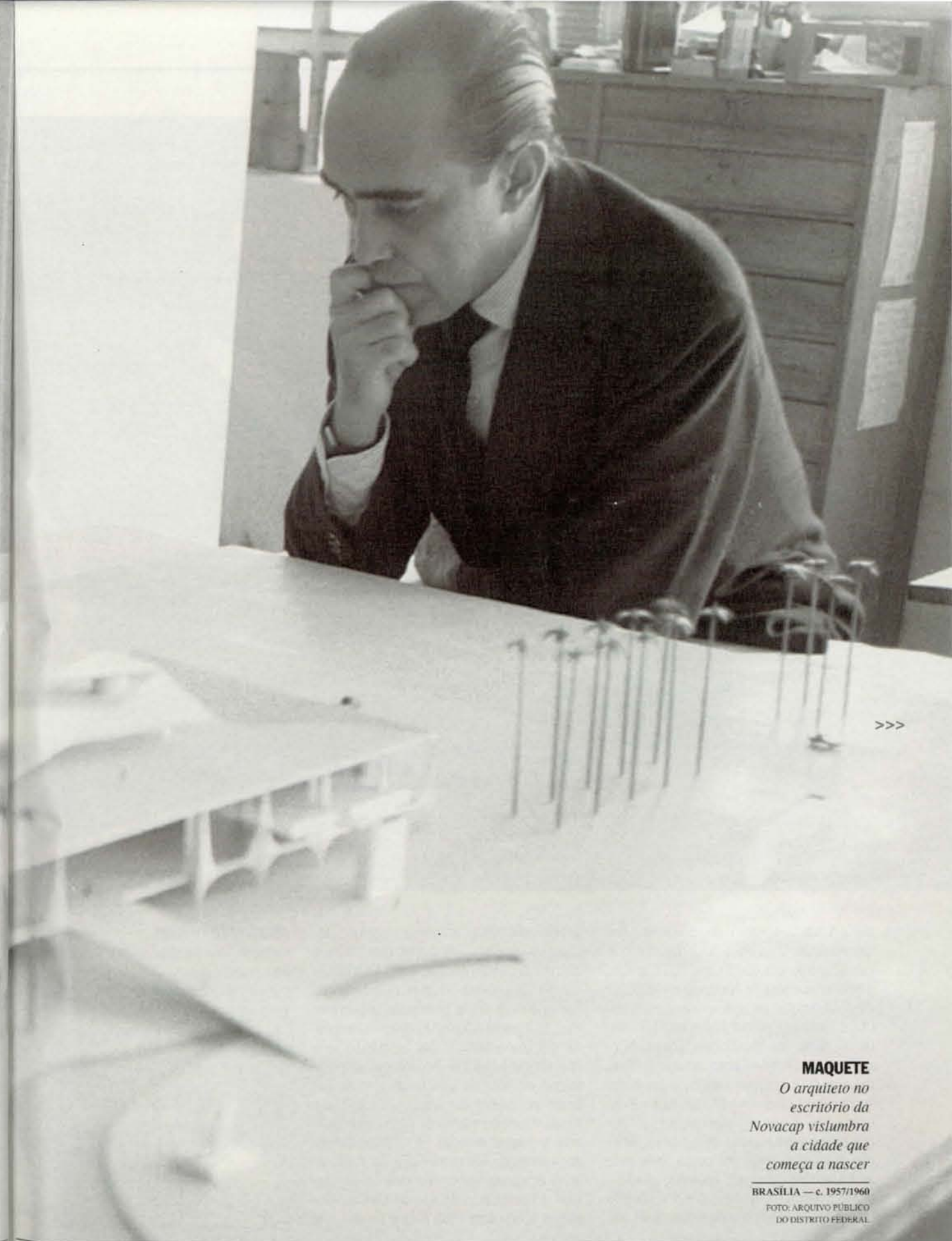
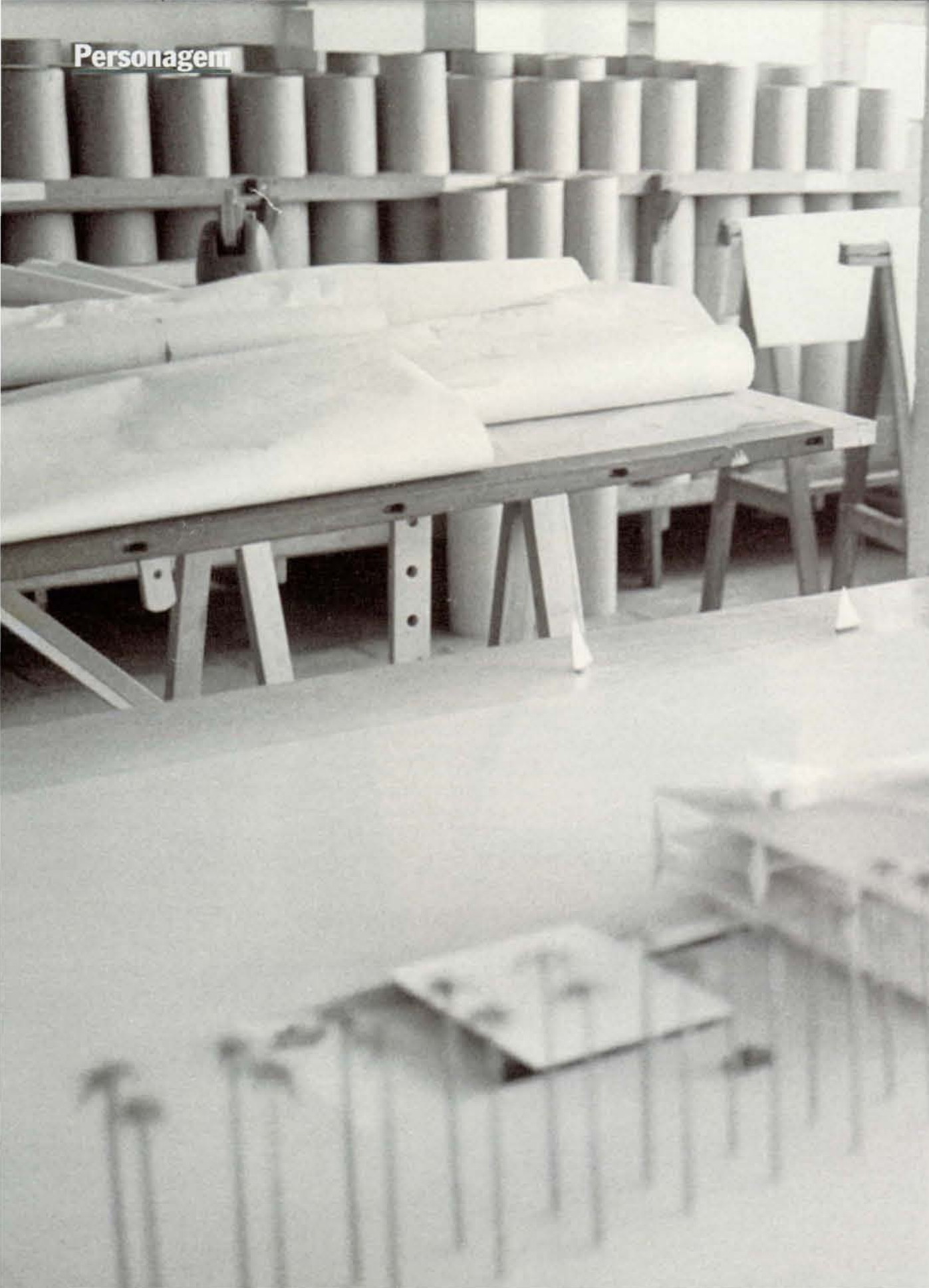
“Uma coisa que noto quando olho para trás é que, quando comecei Brasília, eu pensava exatamente igual a hoje”, diz

RIO DE JANEIRO — 2009  
FOTO: PAULO VITALE









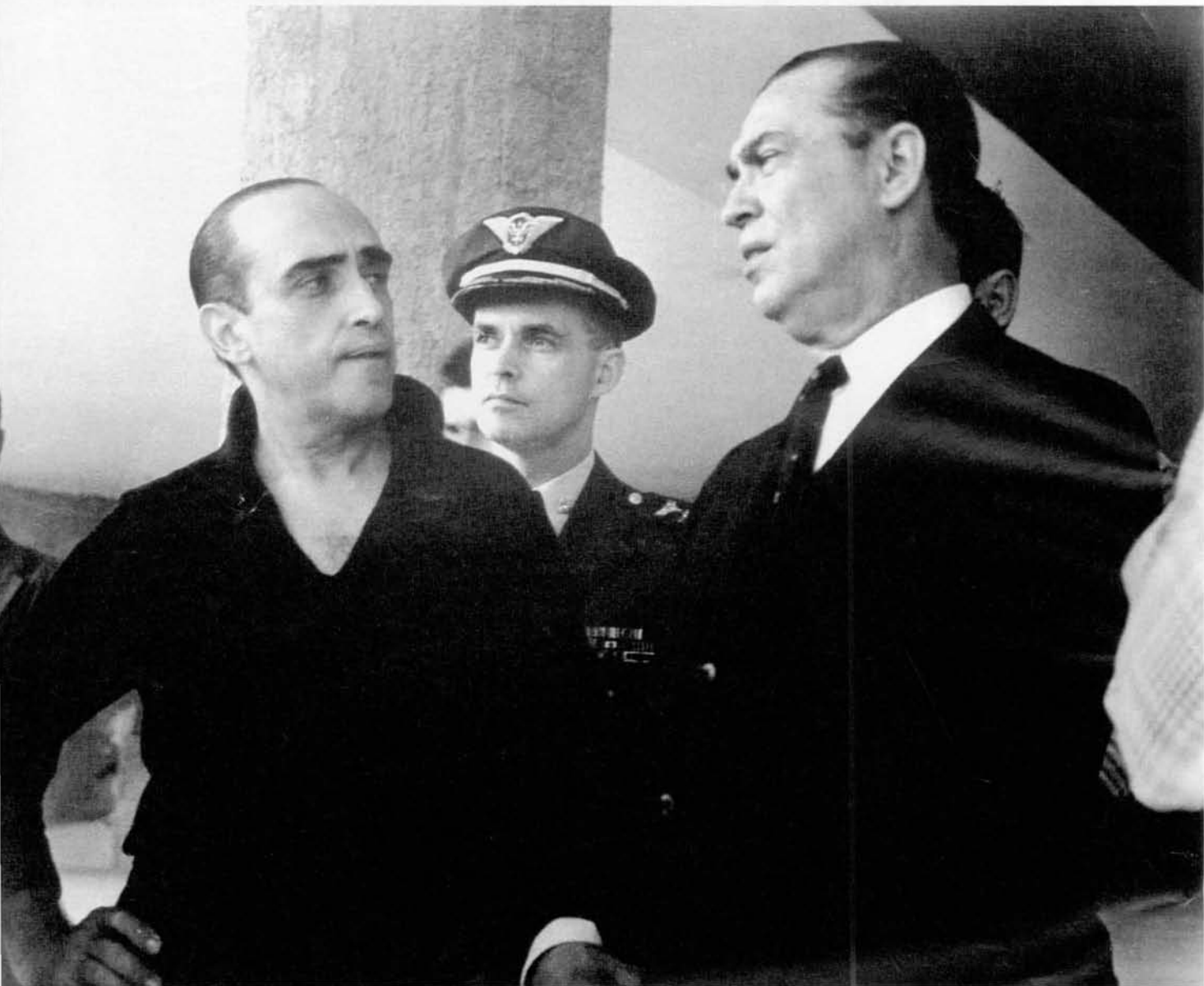
>>>

**MAQUETE**

*O arquiteto no  
escritório da  
Novacap vislumbra  
a cidade que  
começa a nascer*

BRÁSILIA — c. 1957/1960  
FOTO: ARQUIVO PÚBLICO  
DO DISTRITO FEDERAL





ele estava “no meio do deserto”. Por questões de segurança, sua mulher, que ficou no Rio, deixou a Casa das Canoas, a bela residência de concreto e vidro que ele construíra no início dos anos 50 (hoje tombada pelo Patrimônio Histórico e parte da Fundação Oscar Niemeyer), e se mudou para um apartamento. Avesse a viagens aéreas, o arquiteto sofreu um grave acidente de carro a caminho do Rio que o deixou preso “por um mês” a uma cama de hospital. Niemeyer parece levar em conta todo esse investimento pessoal quando, comentando a recente polêmica sobre o projeto da monumental Praça da Soberania, que

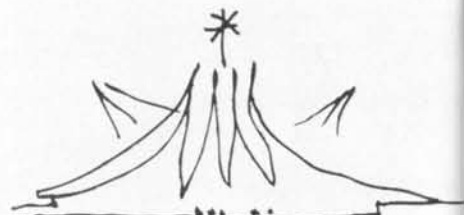
a comunidade brasiliense rejeitou, declara magoado: “Eu achei que tinha o direito de fazer essa praça”. O tombamento da capital do país o incomoda. “Se o Brasil fosse tombado, o prefeito Pereira Passos não teria feito essa avenida tão importante”, diz, referindo-se à Rio Branco, artéria de inspiração parisiense rasgada no centro do Rio de Janeiro no início do século XX. “Tudo muda. Quando a água do polo derreter, o mar vai subir e todas as cidades litorâneas terão de ser modificadas”, especula. A Praça da Soberania está na gaveta, mas o presente contínuo de Oscar Niemeyer ainda tem vista para o futuro. ■

## ARQUITETO OFICIAL

*Com JK, uma relação de pouca amizade mas muita confiança, desde os primeiros projetos da Pampulha*

BRASÍLIA — 1959

FOTO: ARQUIVO DO MEMORIAL JK





# A POESIA CONCRETA DE JOAQUIM CARDOZO

Homem de formação renascentista, o calculista de Niemeyer transgrediu todas as normas da engenharia. Morreu triste e só

FÁBIO ALTMAN

A Brasília modernista não existiria sem Joaquim Maria Moreira Cardozo, o pernambucano que calculou os edifícios de Oscar Niemeyer. Cardozo era um intelectual da Renascença no Recife da primeira metade do século XX. Poeta (parceiro modernista de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto), chargista, professor universitário, editor e filósofo diletante, entrou para a história da capital como o engenheiro civil que transformou possibilidades em certezas. Para Niemeyer, com quem trabalhava na Pampulha, era o brasileiro mais culto que existia.

Cardozo buscava na matemática a esbelteza, os vãos audaciosos e as curvas rabiscadas por Niemeyer. Como conseguir, nas colunas do Alvorada, que elas tocassem o chão e o teto muito delicadamente, parecendo flutuar, “leves como pena”, na definição do arquiteto — e ainda assim sustentar o edifício? Cardozo desrespeitou as normas técnicas corriqueiras e chegou a uma solução. Para o arquiteto e urbanista Jeferson Tavares, da USP de São Carlos, ele alimentava “um protesto silencioso contra a obviedade”.



FUNDACAO JOAQUIM NABUCCO

No fim dos anos 50, as regras de engenharia estabeleciam o uso de no máximo 6% de barras de ferro nas estruturas de concreto. Cardozo pôs 20% de ferro na trama das colunas, rompendo com os modelos de cálculo em voga. Hoje, com o avanço da tecnologia e da resistência dos materiais, é possível conseguir o mesmo efeito com apenas 3% de metal.

“Cardozo foi um transgressor”, diz José Carlos Sussekind, o mais recente calculista de Niemeyer, quarenta anos ao lado do arquiteto. O que era concreto armado, sorri Sussekind, virou uma trama de “aço à milanesa” na concepção de Cardozo. Não fosse ele, o ministro francês da Cultura André Malraux, em visita a Brasília, não poderia ter dito que “as colunas do Alvorada são o elemento arquitetônico mais importante desde as colunas gregas”.

Cardozo inovou também nas delgadas lajes. O italiano Pier Luigi Nervi (1891-1979), o grande mestre das estruturas, capaz de pôr tudo em pé, espantou-se ao ver o Palácio Itamaraty. Ao se deter diante do mezanino do Ministério das Relações Exteriores, confessou: “Projetei uma ponte com 3 quilômetros de extensão, mas conseguir esta espessura de laje

## MÚLTIPLAS ATIVIDADES

Poeta, chargista, professor, filósofo e, por fim, engenheiro

me parece bem difícil”. Antes, o próprio Nervi criticara o trabalho de Cardozo, atávico rompedor de normas, por considerar que ele desrespeitava padrões estabelecidos, e essa postura era arriscada. “Mas, ao contrário do que estabelece o senso comum, a engenharia só avança quando rompe as normas”, afirma o engenheiro Yopanan Rebello, diretor técnico da Ycon, de São Paulo, estudioso da obra de Cardozo.

Rebello lembra uma máxima do engenheiro José Carlos de Figueiredo Ferraz, prefeito de São Paulo entre 1971 e 1973, para quem os ditames cartesianos, rigorosos, davam conta “apenas dos abismos, esquecendo-se dos buracos corriqueiros”. Por isso, muitas vezes, é preciso desafiá-los.

**Intuição.** Na cúpula invertida da Câmara dos Deputados, Cardozo criou uma rede de anéis de aço embutidos no concreto. Niemeyer se lembra da euforia do discreto parceiro, que lhe telefonou para dizer: “Encontrei a tangente que vai permitir que a cúpula pareça apenas pousada na laje”.

Até hoje não se sabe de que maneira Cardozo fazia os cálculos — a inexistência de arquivos é empecilho. “Ele intuía as estruturas e somente depois as calculava”, afirma Rebello. “Os atuais programas de computador, apesar de 100% precisos, parecem ter matado a intuição.” No caso de Cardozo, imaginação e engenharia andavam juntas. “As estruturas planejadas pelos arquitetos modernos são verdadeiras poesias”, dizia. “Trabalhar para que se realizem esses projetos é concretizar uma poesia.”





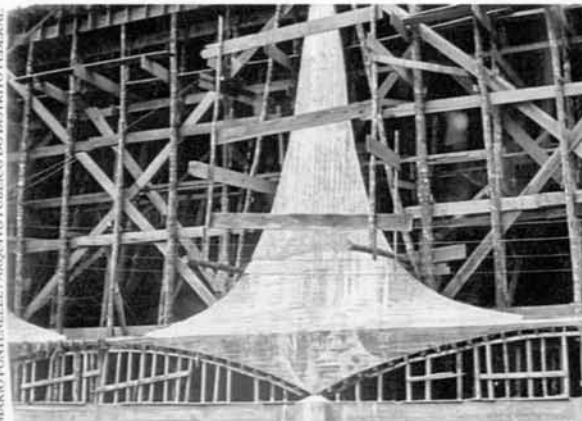
O homem que calculava morreu triste e praticamente só (era solteiro, sem filhos) em 1978, aos 81 anos. Em fevereiro de 1971, uma obra desenhada por Niemeyer e calculada por ele, o Pavilhão da Gameleira, em Belo Horizonte, desabou, provocando a morte de 68 operários. Cardozo foi inicialmente condenado, em 1974, a dois anos e dez meses de prisão. Um recurso de apelação do jurista Evandro Lins e Silva o absolveu, mas já era tarde. Chorava muito, diariamente. Nos últimos anos de vida, deprimido, sumia no corpo magro. Um ano antes de morrer foi convidado por Niemeyer, generoso, a passar um tempo com ele no Rio. Hospedado num hotel em Copacabana, ia diariamente ao escritório do arquiteto para conversar. Mas já tinha perdido parte da lucidez, num processo que se acelerara. Joaquim Cardozo é o pilar mais injustiçado da história da construção de Brasília.

### A CURVA CERTA

*Anéis de aço embutidos garantiram a tangente buscada na cúpula invertida do Congresso*

CÂMARA DOS DEPUTADOS – 1959

FOTO: MARCEL GAUTHEROT/INSTITUTO MOREIRA SALLES



■ **ALVORADA** As estruturas de metal deram força às colunas

## A INVENÇÃO DE FERRO

As técnicas de Cardozo

**6%** de ferro nas estruturas de concreto era o patamar estabelecido pelas normas internacionais nos anos 50

**20%** de ferro foi a quantidade usada por Joaquim Cardozo nas tramas do Alvorada

■ O recurso permitiu que as colunas fossem esbeltas mas fortes o suficiente para sustentar a laje do palácio



# NIEMEYER, MODO DE USAR

Um pequeno guia para entender a importância histórica e o prazer estético dos edifícios federais

TEXTO: ANDRÉ CORREA DO LAGO\*

FOTOS: CRISTIANO MASCARO

**É** impossível dissociar Oscar Niemeyer de Brasília. O Plano Piloto, realizado a partir do projeto de Lucio Costa, valoriza particularmente a arquitetura de Niemeyer, pois as grandes avenidas, perspectivas e parques permitem ver os edifícios de vários ângulos e de forma desimpedida. Provavelmente, nenhuma cidade na história teve um arquiteto "oficial" com tantas realizações e tanto poder. O resultado é um conjunto impressionante, com melhores e piores momentos, a meio caminho entre a irracionalidade dos que veneram Niemeyer cegamente e a daqueles que o criticam automaticamente, ancorados numa suposta dificuldade de viver e trabalhar dentro dos prédios por ele construídos.

Niemeyer foi escolhido para projetar todas as edificações monumentais da nova capital por decisão de Juscelino Kubitschek. Prefeito de Belo Horizonte, no início dos anos 1940 ele já havia pedido ao arquiteto desenhos para as principais instalações da Pampulha, um novo bairro da cidade. Juscelino viu sua

realização estampada nos jornais, nas revistas e nas principais publicações de arquitetura do mundo. Entendeu, rapidamente, que a arquitetura de Niemeyer, por ser popular e de qualidade, podia trazer ganhos políticos.

Juscelino queria o mesmo para a capital federal. Os desafios, no entanto, eram incomparáveis: a escala era muito maior, havia pouco prazo para projetar um grande número de obras com funções diferentes. Era necessário criar um novo monumentalismo que simbolizasse ao mesmo tempo uma sociedade jovem, ousada, dinâmica e democrática. Era muita coisa. Juscelino não tinha tempo para concursos e debates, e, como conhecia a capacidade de Niemeyer de criar formas marcantes e atraentes, deu-lhe a tarefa. Com a fama — nacional e internacional — estabelecida, parecia natural a escolha do arquiteto para o desafio de Brasília.

## PALÁCIO DA ALVORADA

*Inaugurado em 1958, tem colunas que podem ser facilmente desenhadas por crianças*





**D**epois da Pampulha, Niemeyer havia rapidamente provado que seu talento não se limitava a apenas um grande êxito — em poucos anos já era reconhecido como um dos maiores arquitetos de sua geração. Mostrara-se capaz de ter papel de destaque no projeto da sede das Nações Unidas (1947), em Nova York; de realizar construções de grande escala como o Edifício Copan (1951) e o Parque do Ibirapuera (inaugurado em 1954), ambos em São Paulo; ou ainda o Edifício Niemeyer (1954), em Belo Horizonte. Projetos domésticos como a Casa Cavanelas (1954), em Petrópolis, e sua própria casa no Rio (Casa das Canoas, 1952) completavam, em pouco mais de dez anos, uma lista que os grandes arquitetos raramente conseguem reunir em uma carreira.

As realizações mais notáveis de Niemeyer em Brasília são as do chamado período heroico, do início da construção, em 1957, à inauguração, em 1960. Heroico ante os sacrifícios pessoais de trabalhar em condições insalubres, no meio do nada, como dizia Juscelino. E ali, na poeira vermelha do cerrado, nasceram da prancheta do arquiteto projetos que se tornariam ícones da arquitetura mundial. O Congresso, o Palácio do Planalto, o Supremo e a Catedral. O Alvorada, cujas portas se abriram em 1958, havia sido projetado antes mesmo da escolha do Plano Piloto. Outra obra-prima do arquiteto na cidade, o Palácio Itamaraty foi projetado depois do governo Juscelino e terminado no fim dos anos 1960, já com os militares no poder.

Com esses edifícios, que apresentavam soluções e formas ao mesmo tempo variadas, chamativas e elegantes, e com uma arquitetura que conseguia transmitir ao conjunto uma rara coerência, Niemeyer tornou-se definitivamente uma estrela. Firmou-se então a percepção, pressentida por Juscelino, de que era um arquiteto diferente dos outros grandes arquitetos, admirado por seus pares, pela crítica especializada, pelo público mais culto e pelo “homem comum”.

A arquitetura de Brasília está hoje firmada no imaginário brasileiro. As colunas do Alvorada são um dos símbolos do país, adotadas até nas fachadas de casas simples do interior. A entrada de honra do Planalto levou à expressão “subir a rampa”. Niemeyer, ao contrário da maioria de seus colegas, nunca fez “arquitetura para arquitetos”. Seus edifícios são criados de maneira que tenham qualidades perceptíveis em diferentes dimensões, a depender do observador, do mais ingênuo ao mais exigente. A saber, os quatro passos fundamentais, gradativos, para entender Niemeyer:

1. Os prédios, para quem os vê de relance, apresentam formas marcantes, belas e simples;
2. Para aqueles que os observam com maior atenção e um pouco mais de tempo, novas características se revelam, sobretudo as notáveis diferenças segundo o ângulo pelo qual o conjunto está sendo visto;
3. Entrar nas obras — eis o segredo do terceiro momento — é um passeio por soluções originais, principalmente no tocante aos acessos (escadas, rampas, pontes); e
4. Uma quarta dimensão é destinada aos observadores com maior interesse nas artes, que podem se deleitar com o detalhamento engenhoso, as ideias inesperadas e a contribuição de diferentes artistas, cujas intervenções são desenvolvidas em conjunto com o arquiteto.

O apelo popular da arquitetura niemeyeriana vem das duas primeiras dimensões: com apenas um olhar ou uma foto, o edifício é reconhecível, é um marco, é um ícone. O próprio Niemeyer

## CAPELA DO PALÁCIO DA ALVORADA

*A transparência, por meio de imensos vidros, como sinônimo de inventividade*







traduziu essa condição: "Quando me pedem um prédio público, procuro fazer diferente, criar surpresa, porque sei que os pobres poderão, ao menos, passar e ter um momento de prazer ao ver uma coisa nova". As colunas do Alvorada, as cúpulas do Congresso Nacional e a rampa externa do novo Museu Nacional (2006) podem ser facilmente desenhadas por crianças, apesar de sua complexidade e sofisticação. O arquiteto criou uma ponte entre suas obras e aquelas pessoas que, geralmente, são indiferentes à arquitetura. Na realidade, eliminou a distância que a maioria dos arquitetos estabelece com o público.

A terceira dimensão é perceptível por meio da circulação entre os espaços. A entrada do Alvorada, por exemplo, é claramente indicada pela ruptura do ritmo das colunas, que dá acesso a um hall de pé-direito alto. Sobe-se por uma rampa que dirige o olhar para uma parede de azulejos dourados, para chegar aos salões que abrem caminho a uma varanda de piso preto que reflete a colonata ininterrupta. Nesse trajeto, a sensação de que se está entrando em um palácio é muito clara. A transparência, a originalidade das colunas e a forma de circular em seu interior mostram uma grande inventividade. O Alvorada é, indiscutivelmente, o primeiro palácio do movimento moderno: país nenhum tinha posto antes de 1958 seu presidente numa caixa de vidro. A mesma atenção à circulação — como se fosse um rito de iniciação — pode ser sentida na Catedral: a entrada é feita por uma rampa que desce em um túnel negro, de maneira a tornar ainda maior o impacto de ver a claridade do interior do templo e a leveza da estrutura. Circular pelo Congresso ou pelo Planalto provoca sensações similares.

A quarta dimensão, a mais complexa, está particularmente presente no Palácio Itamaraty, onde jardins de Ro-

#### **PALÁCIO ITAMARATY**

*A escadaria curva da entrada está entre as mais belas do século XX*



berto Burle Marx e obras de Athos Bulcão, Bruno Giorgi, Maria Martins e tantos outros artistas podem ser contemplados em espaços imensos e estruturalmente ousados, com iluminação e ventilação naturais. A escadaria curva da entrada está entre as mais belas do século XX. O acabamento excepcional, que associa o concreto aparente aos melhores materiais, contribui para que seja impossível a indiferença.

Apesar de Niemeyer sempre ter favorecido a importância da intuição ao se referir à forma de trabalhar, seus edifícios são o resultado de um talento inegável, polido por um longo processo de formação e ampla cultura. Nas suas melhores obras, as quatro dimensões de sua arquitetura recebem grande atenção. Nas realizações mais recentes, como o Museu Nacional e a Biblioteca, ambos no Setor Cultural Sul, ou quando o projeto é mal executado, como o “mi-

nhocão” da Universidade de Brasília ou o Museu do Índio, não é o caso: apenas duas ou três camadas de percepção se verificam.

Mas mesmo quando os projetos não estão entre os mais bem-sucedidos há um padrão de qualidade. Impõem-se, portanto, admiração e carinho pelo que representam para nossa história os edifícios do início da aventura brasiliense. A descoberta mais atenta dos melhores edifícios de Niemeyer na capital está certamente entre as experiências mais enriquecedoras da cultura de nosso tempo. ■

**\*André Correa do Lago**, diplomata e crítico de arquitetura, é o autor de *Oscar Niemeyer: uma Arquitetura da Sedução* (BEI, 2007) e editor do livro *sobre os cinquenta anos de Brasília a ser publicado em 2010 pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo*

## CONGRESSO NACIONAL

*Com apenas um olhar ou uma foto, o edifício é reconhecível, é um marco, um ícone*



**ITAMARATY** Reúne arquitetura ao paisagismo de Burle Marx e a obras de Athos Bulcão, Maria Martins e Bruno Giorgi





# TODAS AS POSSIBILIDADES DO CONCRETO

Para o arquiteto **Tadao Ando**, a obra de Niemeyer transcende os limites impostos pelo modernismo de Le Corbusier

Oscar Niemeyer é um arquiteto singular que materializou nosso sonho de “desejar criar cidades ideais de acordo com a ordem arquitetônica”. Como exemplo do sonho de um arquiteto realizador de sonhos há igualmente o projeto criado por Le Corbusier para a cidade indiana de **Chandigarh**, no início dos anos 50. Entretanto, o impacto da capital Brasília é de uma natureza absolutamente diversa do projeto do arquiteto franco-suíço.

As duas gigantescas cúpulas alinhadas do Congresso Nacional, a residência do presidente com seus arcos em formato de bumerangue, a catedral semelhante a uma nave espacial. Em cada uma de suas obras se delineia um cenário arquitetônico enérgico e dinâmico, a ponto de eu, que comecei minhas atividades de arquiteto no Japão trinta anos depois de Niemeyer, não ter sido capaz de aceitá-las plenamente com meu bom senso.

Niemeyer trabalhou com Lucio Costa e Le Corbusier e, aprendendo arquitetura em meio ao modernismo sem se entregar aos dogmatismos fáceis, reconstituiu os princípios arquitetônicos no ambiente peculiar brasileiro, fazendo com que se desenvolvessem até criar um cenário arquitetônico moderno que só poderia surgir no Brasil.

No atual pós-modernismo, seu trabalho reveste-se de um significado ainda maior e mais profundo. Mas o que mais impressiona é o fato de Niemeyer, depois de ensaiar uma conclusão para o modernismo, não ter se contentado com essa posição gloriosa. Ele continuou a correr em direção a um novo mundo arquitetônico.

As formas ousadas e delicadas desenhadas sob estruturas acrobáticas intensificaram-se com o decorrer do tempo. Foram criadas sucessivamente, por meio de seu traço, obras que ocultam uma força que transcende os limites não apenas do modernismo como de toda a arquitetura.

Em particular, nada melhor para chamarmos de arte do que a série de obras de Niemeyer depois de seu retorno da Europa para o Brasil, quando o país voltou à democracia e ele retomou os desenhos em sua terra natal. Não posso deixar de admirar seu talento em conseguir explorar



Edifício da Assembleia Legislativa

de forma tão excepcional as possibilidades do concreto como matéria-prima e a contínua sensação de tensão que nos oferece.

Mesmo com mais de 100 anos de idade, Niemeyer não deixou de trabalhar. Desejo manifestar aqui minha mais profunda gratidão e respeito ao Grande Mestre.

*Tadao Ando, arquiteto japonês nascido em 1941, vencedor do Prêmio Pritzker em 1995 e professor emérito da Universidade de Tóquio, é um dos nomes mais respeitados em sua atividade. Para Bono, do U2, “Ando é Paul, John, George e Ringo numa só pessoa, um budista punk com olhar presbiteriano”. Autodidata, ele começou a desenhar apenas em meados dos anos 60. Antes, foi caminhoneiro e lutador de boxe. Ando chegou a lutar com Masahiko Harada, o japonês que em 1965 tirou de Eder Jofre o título mundial de peso-galo, conquistado em 1960, um pouco depois da fundação de Brasília, no apogeu dos anos JK.*





NA ÚLTIMA HORA

O documento com 24 páginas de papel no formato A4, além de uma prancha com o traçado, é datado de 10 de março de 1957, véspera do prazo final para o concurso

- 1 PLACA DOS TRÊS POPULES
- 2 ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS
- 3 CATEDRAL
- 4 SETOR CULTURAL
- 5 CENTRO DE DIVERSÕES
- 6 SETOR DE BANCOS E OCORRÊNCIAS
- 7 SETOR COMERCIAL
- 8 HOTÉIS
- 9 TORRE EMIGRANTE RADIOSTV
- 10 SETOR ESPORTIVO
- 11 PRACA HUMANO DAL
- 12 QUARTIS
- 13 ESTÁDIO PERMANENTE
- 14 ALUGADORIA E PRODUÇÃO INDUSTRIAL
- 15 CIDADE UNIVERSITÁRIA
- 16 BARRACOMAS E CLOACAS
- 17 SETOR RESIDENCIAL
- 18 CASAS INDIVIDUAIS
- 19 HORTICULTURA, HORTICULTURA E FRUTAS
- 20 JARDIM BOTÂNICO
- 21 JARDIM ZOOLOGICO
- 22 LUGAR DE CULPA
- 23 ESCOLA ROBINHO A
- 24 YACHT CLUB
- 25 RESIDÊNCIA A
- 26 SOCIEDADE NÁUTICA
- 27 ÁREA DESTINADA A REGRAS, CIRCO, ETC.
- 28 CEMITÉRIO
- 29 AEROPORTO

P.P.B.

10/3/57

# “ERA UM RABISCO E PULSAVA”

Assim Carlos Drummond de Andrade se referiu ao relatório escrito e desenhado por Lucio Costa, um dos documentos fundamentais — embora quase desconhecido — da história do urbanismo brasileiro

FÁBIO ALTMAN

Circunspeto como sempre, Lucio Costa conduzia o Hillman bege pelas ruas do Rio, do Leblon ao Centro, a caminho do Ministério da Educação e Saúde Pública, o Palácio Capanema, na Rua da Imprensa, número 16. Ali, na sobreloja do edifício projetado pelo próprio Lucio em 1937 com a ajuda de Charles-Édouard Jeanneret, dito Le Corbusier (1887-1965), e de cinco jovens arquitetos brasileiros, entre eles Oscar Niemeyer, estavam reunidos os sete membros do júri que escolheria o projeto para a construção de Brasília, além de alguns assessores.

Chovia naquele 11 de março de 1957, uma segunda-feira. Faltavam dez minutos para as 7 da noite, dez minutos portanto para o encerramento do prazo estabelecido para a entrega dos trabalhos ao concurso, quando o carro encostou à porta principal do prédio modernista. Um guarda chegou a reclamar da manobra, proibida. As filhas de Lucio, Maria Elisa, estudante de arquitetura, e Helena, ainda menina, saíram correndo com

CASA DE LUCIO COSTA

BANDEIRA FINCADA

Lucio Costa em sua primeira visita ao cerrado depois da vitória do relatório

BRASÍLIA - 1957  
FOTO: JEAN MANZON



Ar. Lucio Costa  
1 orig e 2 cópias  
1 espaço 2.

P.P. BRASILIA

--- José Bonifácio, em 1823, propôs a transferência da capital para Goiás e sugeriu o nome de BRASILIA.

Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação <sup>sumária</sup> ~~sumária~~ da parte do aqui sugerido para a nova capital, e também justificar-me.

Não pretendia competir e, na verdade, não concorre, — apenas uma desvencilha de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu por assim dizer, já <sup>pronta</sup> ~~pronta~~.

Concedo, não como técnica devidamente apurada, pois nem sequer dispunha de escritório, mas como simples maquiagem do urbanismo, que não me teria prosseguido no desenvolvimento da ideia apresentada sem eventualidade, na qualidade de mero consultor. E se procedo assim candidamente é porque me ampara num raciocínio igualmente simplório: se a sugestão é válida, estes dados, conquanto <sup>sumários</sup> ~~sumários~~ na sua aparência, já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original, ela foi, depois, inteiramente

#### MÁQUINA DE ESCRIVER

O manuscrito de Lucio foi levado a uma firma da Rua da Quitanda, no Rio de Janeiro, com a orientação de que fosse datilografado em espaço 2 e se fizessem duas cópias.

#### ORTOGRAFIA

A correção do português foi feita por Drummond. Não houve mudança de estilo, tampouco erros. Lucio escrevia em português antigo; punha "h" onde já não havia; escrevia "sumaria" em vez de sumária e "prompta" no lugar de pronta.

pranchas de cartão duro debaixo do braço. Uma das folhas levava colado o traçado da cidade, na improvável forma de avião, em escala de 1/25 000, a nanquim e colorido com lápis de cor. Outras quatro cartolinas tinham, cada uma, seis páginas datilografadas, com alguns poucos desenhos, da memória descritiva do projeto. Eram 3 857 palavras que começavam com um pedido de desculpas pela "apresentação sumária".

Um funcionário da Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, recebeu a documentação e entregou um recibo, de número 26. O que se deu do outro lado do guichê foi revelado anos depois, em 1974, em texto para a revista *Manchete*, por Flávio de Aquino, arquiteto que trabalhava com Niemeyer (ele mesmo um dos jurados): "Uma hora antes, Niemeyer, Sir William Holford, André Sive, Stamo Papadaki e eu fomos jantar rapidamente no restaurante Albamar. O clima era de desolação. Lamentávamos que os trabalhos até então entregues não estivessem à altura do plano urbanístico de uma grande capital".

A chegada do papelório de Lucio, mandado a um escritório da Rua da Quitanda para ser datilografado em espaço 2, impôs novo ânimo ao grupo, depois de breve decepção. Nas palavras de Aquino: "Então nos aproximamos das pranchas. (...) Ficamos desiludidos. Niemeyer sentou-se num caixote, a cabeça entre as mãos. Mas o presidente da comissão julgadora, Sir William Holford, começou a estudar as pranchas (ele lia italiano e um pouco de espanhol). De vez em quando perguntava o significado de uma palavra. De repente exclamou, entusiasmado: "Mas esta é a maior contribuição urbanística do século XXI!"

O poeta Carlos Drummond de Andrade — vizinho de mesa de Lucio no 8º andar do Ministério da Educação, parceiro no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) —, a quem couberam uma das primeiras leituras do texto e a correção ortográfica, tivera reação semelhante, descrita numa de suas crônicas. "Peguei da folha e tive entre os dedos nada menos

que a cidade de Brasília, inexistente e completa, como um germe contém e resume a vida de um homem, uma árvore, uma civilização", escreveu Drummond. "Era um rabisco e pulsava."

"Rabisco", como se percebe, era a palavra comum a definir o relatório de Lucio Costa. Quem primeiro o viu, por direito hereditário, foi Maria Elisa, "a cobaia ideal", segundo ela mesma diz, porque além de filha estudava arquitetura. Maria Elisa lembra de ter sido chamada pelo pai, na cobertura onde moravam no Leblon, ao voltar da praia. Ele estava no terraço de trás, onde funcionava seu escritório ("embora o escritório de Lucio fosse sua cabeça", diz ela). Animado, suando, descreveu "tintim por tintim a nova capital". Levá-la ao concurso custou apenas 25 cruzeiros. Lucio ganhou 1 milhão de cruzeiros, mas deixou o dinheiro no banco, à mercê da inflação.

**Prêmio com Christian Dior.** A Brasília de papel nascera um ano antes, em 1956, numa cabine do navio *Rio Jachal*, nos doze dias de viagem entre Nova York e o Rio de Janeiro. Lucio — viúvo, sempre acompanhado das filhas — fora aos Estados Unidos para receber homenagem, ao lado do estilista Christian Dior, da Parsons The New School for Design. O trabalho solitário, compartilhado apenas com Maria Elisa e Helena, era o conforto a uma dor incessante — em 1954, Julieta, a Leleta, mulher de Lucio desde 1929, morrera num acidente de carro na estrada Rio-Petrópolis. Lucio era quem dirigia o automóvel (o mesmo Hillman bege com o qual fora ao Palácio Capanema na undécima hora da entrega), e ele sempre alimentou, discretamente, o sentimento de culpa pela tragédia.

A tristeza, revelam amigos, o fizera ainda mais discreto. Homem que, nas palavras de Drummond, "não tinha nem de leve ar importante, e parecia mesmo querer se ocultar de todos e de tudo, até do nome Lucio Costa, tanto que assinava os seus pareceres com um esmaecido LC, saído do toco de um lápis que era todo o seu equipamento de trabalho".



P.P.B.

... JOSÉ BONIFÁCIO, em 1823, propõe a transferência da Capital para Goiás e sugere o nome de BRASILIA.

Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova Capital, e também justificar-me.

Não pretendia competir e, na verdade, não corro, - apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, já pronta.

Compareço, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquis do urbanismo, que não pretende prosseguir no desenvolvimento da idéia apresentada senão eventualmente, na qualidade de mero consultor. E se procedo assim candidamente é porque me amparo num raciocínio igualmente simplório: se a sugestão é válida, estes dados, conquanto sumários na sua aparência, já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original, ela foi, depois, intensamente pensada e resolvida; se o não é, a exclusão se fará mais facilmente, e não terei perdido o meu tempo nem tomado o tempo de ninguém.

#### PATRONO

A referência a José Bonifácio foi o modo encontrado para indicar que a mudança da capital era ideia antiga. Lucio fecha o texto com outra citação a Bonifácio: "Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade-parque. Sonho arqui-secular do Patriarca."

#### P.P.B.

São as iniciais de Plano Piloto de Brasília. A expressão "plano piloto" não nasceu com a capital brasileira. Foi criada por Le Corbusier para definir os projetos das cidades que imaginava no papel.

#### RESISTÊNCIA

Maquis é a expressão em francês para designar a vegetação fechada onde se escondiam os fugitivos da Justiça na Córsega. Por extensão, foram chamados de maquis os grupos de resistência a regimes como o franquismo na Espanha e a ocupação alemã na França, durante a II Guerra Mundial.

Companhia Urbanizadora da Nova  
Capital do Brasil

LUCIO COSTA

PROTOCOLO

N.º 026

EM 11-3-57

Entregou a data e  
Plano Piloto

Departamento de Imprensa Nacional

#### RECIBO

As filhas de Lucio entregaram a papelada no guichê do Ministério da Educação. Faltavam dez minutos para o término do prazo, em 11 de março de 1957

Sem vaidades evidentes, o desapego lhe permitia ter a bainha da calça feita com grampeador. A simplicidade era condição que o autorizava a trabalhar num canto absurdamente apinhado de papéis, livros e caixas e dirigir, já no fim da vida, um Fusca com um rombo no assoalho. Não que Lucio desconhecasse a importância de suas ideias na construção da arquitetura e do urbanismo brasileiros, um dos mais refinados intelectuais a escrever e pensar em português (e francês). Modesto, até os anos 1980 ele se referia à capital como "Brasília, cidade inventada". Ante o sumiço de seu nome, apagado pela notoriedade de Niemeyer, embora não cultivasse mágoa, passou a usar outra definição: "Brasília, cidade que inventei".

E que cidade era essa, nascida dos papéis hoje naturalmente amarelados? O próprio Lucio gostava de repetir, a quem lhe perguntasse, a reação do inglês Holford depois da seleção. "Li o seu texto três vezes; na primeira, não entendi; na segunda, entendi; e, na terceira, *I enjoyed*", disse Holford, ao explicar seu entusiasmo. Na apreciação final, ao ressaltar a simplicidade e a clareza das ideias, comparava-as aos planos de "Pompeia, de Nancy, de Londres, feito por Wren, e de Paris, de Luís XV".

Era um manifesto a anteceder uma obra de arte. "Não um manifesto como foi o dos dadaístas ou dos futuristas", diz o arquiteto Jefferson Tavares, estudioso da história de Brasília, "porque estes iam contra alguma coisa, opunham-se ao estabelecido, apenas negavam o passado".

No caso de Lucio Costa, o relatório que engendrara Brasília era o casamento de alguns dos pilares do modernismo — na linha de Le Corbusier e dos congressos internacionais de arquitetura moderna (Ciam), nos anos 1920 a 1950

— com a tradição brasileira. "Era um olhar antropofágico como fora o da Semana de Arte Moderna de 1922", diz Tavares. "Era a soma do antigo, da arquitetura colonial, com as imposições do novo." Visto aos olhos de hoje, pode-se dizer que misturava Ouro Preto com Brasília. Não havia contradição por ser ao mesmo tempo defensor do patrimônio — cargo de Lucio no ministério — e criador de uma cidade do amanhã.

Há, no documento de Brasília, lírico à Drummond e seco como João Cabral de Melo Neto, ao menos uma frase antológica, usada para definir o que brotava do traço: "Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse — dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz".

**Moderno, e não modernista.** A cruz era o mais evidente símbolo de apego às tradições. Lucio não escondia o aborrecimento quando era chamado de "modernista". Preferia ser identificado como "moderno", e ponto. Admitia ter bebido nas premissas de Le Corbusier, nos princípios da cidade-parque, dos espaços abertos, dos pilotis, como fizera com o Parque Guinle, no Rio, dos anos 1940. "Mas ele buscou na tradição suas escalas", diz Maria Elisa. Para ela, "o gabarito de seis andares nas quadras brasilienses nada tem a ver com os Ciam, é o gabarito tradicional pré-elevador; a escala monumental assumida, determinante do caráter de capital que Brasília tem desde o início, também não tem nada a ver com os Ciam".

O urbanista, sempre discretamente, só mostrava real aborrecimento quando lhe diziam que Brasília era cidade sem



Dito isto, vejamos como nasceu, se definiu e resolveu a presente solução.

1 - Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou de le toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.<sup>F.1</sup>

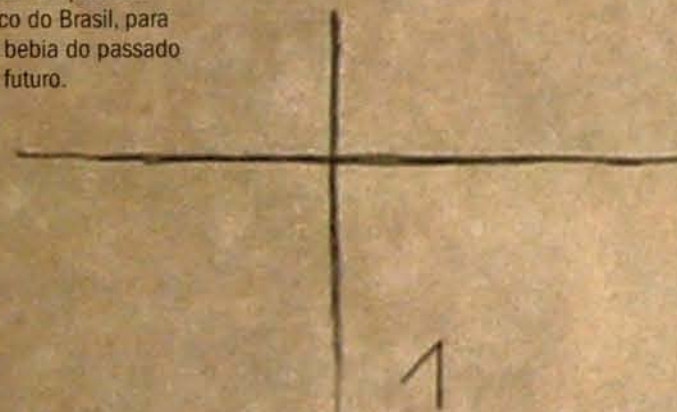
2 - Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada.<sup>F.2</sup>

3 - E houve o propósito de aplicar os princípios francos da técnica rodoviária - inclusive a eliminação dos cruzamentos - à técnica urbanística, conferindo-se ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circulatória tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais para o tráfego local, e dispendo-se ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais.<sup>F.3</sup>

4 - Como decorrência dessa concentração residencial, os centros cívico e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais, e, por fim, a estação ferroviária, foram-se naturalmente ordenando e dispendo ao longo do eixo transversal que passou assim a ser o eixo monumental do sistema.<sup>F.4</sup> Lateralmente à intersecção dos dois eixos, mas participando funcionalmente e em termos de

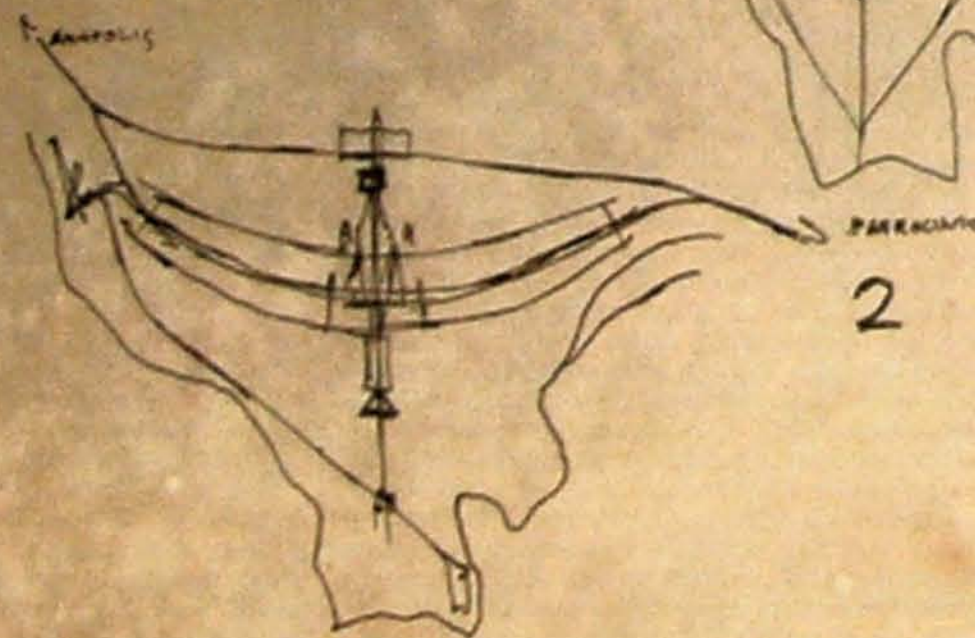
## CRUZ

Ele usa uma imagem tradicional, intimamente ligada ao passado colonial e católico do Brasil, para demonstrar que bebia do passado para imaginar o futuro.



## ARCO E FLECHA E AVIÃO

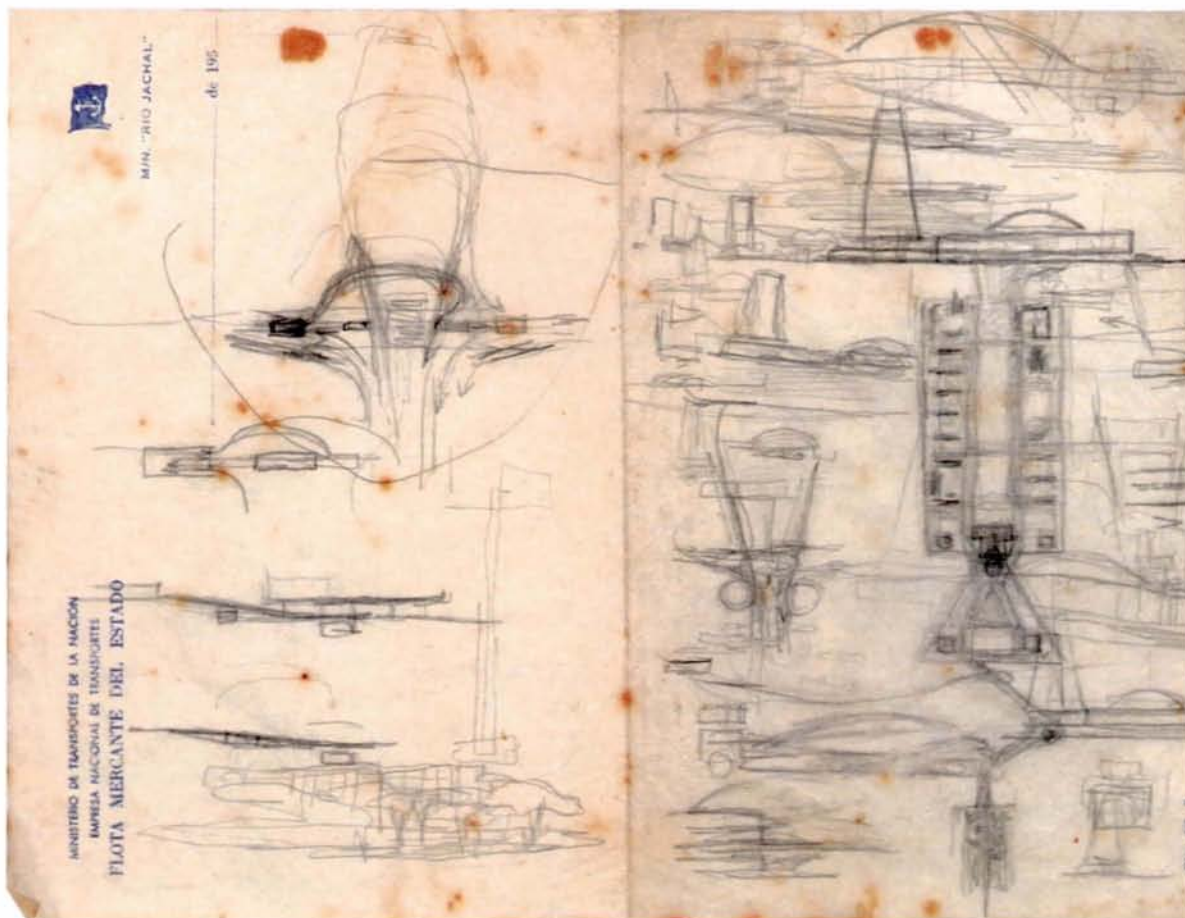
Poucas coisas irritavam mais o urbanista Lucio Costa que a versão de que o projeto de Brasília havia sido inspirado na forma de um avião. "É uma analogia aceitável, mas seria o cúmulo do ridículo planejar uma cidade parecida com um avião. Assim, ela se parece com uma cruz, libélula, nave espacial ou um arco e flecha. Cada um enxerga aquilo que quer", dizia.





## CROQUIS

No navio Rio Jachal, em 1956, na travessia de doze dias de Nova York ao Rio, Lucio já esboçava o traçado urbano da capital, inclusive o desenho dos edifícios administrativos depois eternizados por Oscar Niemeyer



CASA DE LUCIO COSTA

vida, que do papel saíra fria. Em novembro de 1984, numa de suas raras visitas à capital, ele teve reação inteligente ao ser entrevistado na plataforma da rodoviária pelo *Jornal do Brasil*, tendo às costas o Congresso e a Esplanada dos Ministérios. Olhava para os ônibus, para o comércio de camelôs, para o buia. “Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. É o Brasil... Eles estão com a razão, eu é que estava errado.”

Lucio Costa, nascido em Toulon, na França, em 1902, morreu aos 96 anos. Seu principal legado, este que era um rabisco e pulsava, hoje está em um con-

junto de seis gavetas de aço de um arquivo que dorme num contêiner no qual foi instalado um duto de ar condicionado. O lugar, precário mas criativo, amorosamente cuidado por familiares e amigos, com dinheiro próprio e da Petrobras, está dentro do Jardim Botânico, no Rio, nas instalações do Instituto Antonio Carlos Jobim. As gavetas mais baixas do armário têm os traços de Lucio, separados por folhas de papel vegetal. As de cima, as partituras e letras originais de Dorival Caymmi (1914-2008). Ao lado, em sala contígua, o acervo de Tom Jobim (1927-1994). Lucio Costa, o urbanista, ajudou a definir o Brasil, por meio do relatório que antecede Brasília, tanto quanto Caymmi e Jobim fizeram com a música.

Só não teve o mesmo renome por hu-

mildade. Numa carta escrita à revista americana *Time* em maio de 1960, ele retrucava reportagem que, para tratar do caos e das brigas políticas na inauguração de Brasília, destacara a ausência do inventor nas festividades. Escreveu Lucio: “Senhores. Acompanhei e aprovei o desenvolvimento do projeto de Brasília a partir do escritório da Novacap no Rio, e acredito que a execução da ideia original se mostrou melhor do que o esperado. Não vou até lá por dois motivos: em primeiro lugar, porque desejo deixar todo o crédito de expressão arquitetônica e da construção propriamente dita da cidade para Niemeyer e Israel Pinheiro; em segundo lugar, porque minha mulher, Leleta, teria adorado estar lá, e prefiro compartilhar com ela a impossibilidade de fazê-lo”.

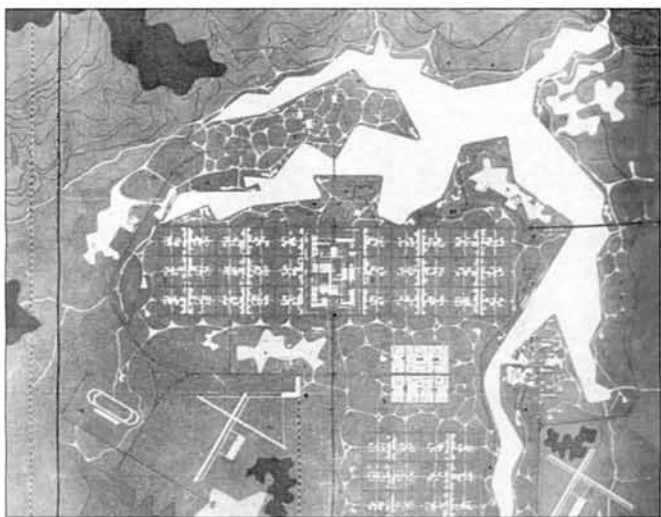


# O FUTURO QUE NUNCA SERÁ

Os traçados derrotados no concurso revelam como poderia ter sido a capital

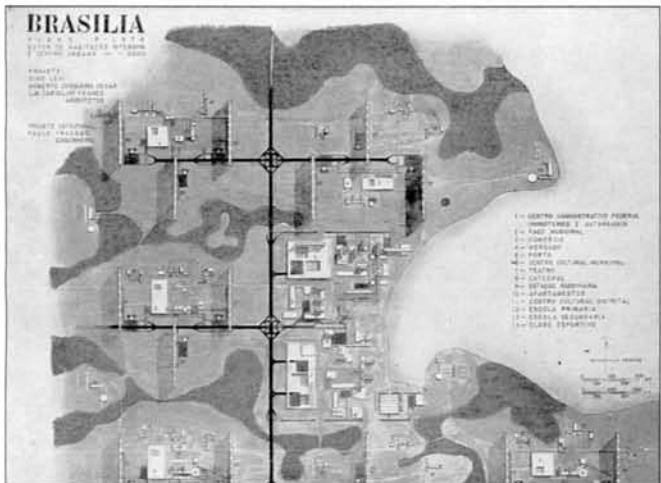
## PROJETO CLASSIFICADO EM 2º LUGAR

**Autores:** Boruch Milman, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves



## PROJETOS EMPATADOS EM 3º LUGAR

**Autores:** Rino Levi, Roberto Cerqueira César, L.R. Carvalho Franco e Paulo Fragoso



**DÉBORA RUBIN**

**D**urante apenas cinco dias, de 12 a 16 de março de 1957, o júri internacional avaliou 26 projetos para a construção de Brasília. O edital estabelecia alguns parâmetros para nortear a seleção: a capital deveria ser diferente de qualquer outra cidade, para expressar “a grandeza de uma vontade nacional”. Sua principal característica deveria ser a administração pública, para onde todas as funções convergiriam. Quatro projetos atenderam a essas exigências, e competiram até o final.

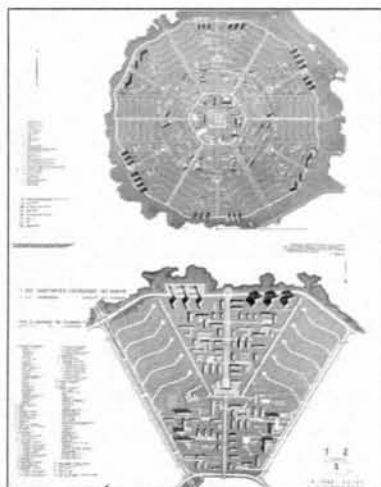
Houve confusão. O arquiteto Paulo Antunes Ribeiro, representante do Instituto de Arquitetos do Brasil, não concordou com a escolha do plano de Lucio Costa. Alegou pressa na decisão, reclamou de arbitrariedade e sugeriu que fossem reunidos os onze melhores projetos. A partir deles, propunha montar um grupo de trabalho para pensar o desenho da nova capital. Israel Pinheiro, o presidente da Novacap, rechaçou a ideia. Diz Oscar Niemeyer, um dos jurados: “O IAB queria anular o concurso e dele se ocupar oficialmente. Israel surpreendeu-se,

pedindo a Antunes Ribeiro que me procurasse. A conversa foi curta e radical. Disse-lhe que encontravam da minha parte todos os obstáculos na defesa do plano de Lucio, praticamente o vencedor”. Os derrotados reclamaram de jogo de cartas marcadas.

VEJA recriou Brasília tal como foi imaginada pelo segundo colocado e pelos dois grupos que empataram em terceiro lugar.

Saiba como Brasília ficaria nas próximas páginas.

**Autores:** Marcelo e Maurício Roberto, do escritório M.M.M. Roberto





# MODERNISTA DE CARTEIRINHA

O projeto mais próximo dos rigorosos preceitos de Le Corbusier perdeu por pouco

A trinca de arquitetos era a mais ligada às normas pétreas do modernismo, estabelecidas pelos congressos internacionais de arquitetura moderna, os Ciam, liderados pelo franco-suíço Le Corbusier dos anos 20 aos 50. "Menos é mais", na definição do alemão Mies van der Rohe, e "a forma segue a função", do americano Louis Sullivan, eram as regras fundamentais. Mais até que o projeto vencedor de Lucio Costa, propunham nítido isolamento entre os setores administrativo, residencial e comercial. Na apresentação do trabalho, foram usadas as divisões urbanas estabelecidas pelos textos de Le Corbusier: "habitar, trabalhar e circular".

Os edifícios teriam doze pavimentos (Lucio projetou prédios com seis andares).

No desenho, a Brasília de Milman, Rocha e Gonçalves teria semelhança com aquela estabelecida pela dupla Lucio Costa-Oscar Niemeyer. No lugar da "asa" brotava um "L" a acompanhar o Lago Paranoá. Havia a premonitória indicação de residências na beira da água, tal como se vê hoje nas mansões que beijam o Lago Sul. "Era um projeto inteligente, linear, que previa o crescimento da cidade", diz Aline Moraes Costa Braga, a autora da dissertação *(Im)Possíveis Brasília*.

## 2º LUGAR

**Autores:** Boruch Milman, João Henrique Rocha e Ney Fontes Gonçalves

### Avaliação dos jurados

#### PRÓS

- Muito atraente a localização das habitações na península
- Densidade aproximadamente exata

#### CONTRAS

- Centro comercial isolado e formalizado numa série rígida de superblocos de tamanho igual
- Não utilização da parte mais elevada do terreno







## COM JEITÃO DOS JETSONS

Torres de 300 metros de altura desafiavam os engenheiros e o prazo

O arquiteto modernista Rino Levi já era uma celebridade no fim dos anos 50. Fora presidente do escritório paulistano do Instituto de Arquitetos do Brasil em 1954 e 1955. Para Brasília, imaginou torres gigantes, de 75 a oitenta andares, com 300 metros de altura, 400 de largura e 18 de profundidade — pouco menores, portanto, que a Torre Eiffel. Seriam bairros verticais, superblocos a arranhar o céu. Alguns pavimentos, entre os andares, funcionariam como ruas, com serviços e comércio.

Para fazer a interligação de tudo, existiriam elevadores de dois tipos: os grandes, que levariam às avenidas; e os menores, para transportar as pessoas para casa. Os jurados ficaram impressionados, mas jogaram a toalha ante a impossibilidade de construção dessa cidade futurista dos Jetsons no prazo político de três anos estabelecido por Juscelino. Os próprios autores, no memorial descritivo do projeto, deram as pistas da derrota no concurso: "Talvez esta seja a cidade do século XXI e os homens que a projetaram e a calcularam já estejam com seus passos trilhando as vias super-rápidas do ano 2000 para diante". Ficou para depois, ou nunca.

### 3º LUGAR (EMPATADO)

**Autores:** Rino Levi, Roberto Cerqueira César, L.R. Carvalho Franco e Paulo Fragoso

#### Avaliação dos jurados

##### PRÓS

- Boa aparência
- Boa orientação

##### CONTRAS

- Do ponto de vista plástico, são os edifícios de apartamentos que dão feição à capital — não os edifícios governamentais
- Altura desnecessária; resistência aos ventos



# AO PERDEDOR, UM LUGAR NA BELÉM-BRASÍLIA

O traçado foi usado por Paragominas, no Pará, que o atribui erroneamente a Lucio Costa

**P**arecem imensos quiosques. As sete unidades urbanas previstas pelo escritório M.M.M. Roberto teriam 72 000 moradores. No centro de cada unidade haveria um setor governamental. "A ideia era fazer uma capital com caráter de cidade do interior", diz a arquiteta Aline Moraes Costa Braga, autora de *(Im)Possíveis Brasília*, dissertação de mestrado pela Unicamp.

O projeto é pivô de um imbróglio em Paragominas, no Pará, à margem da Belém-Brasília. Os documentos oficiais do município perpetuam um erro — informam que o traço urbano é resultado de uma planta de Lucio Costa, "a qual havia concorrido, junto a outras, para o projeto de construção de Brasília, classificando-se assim em quarto lugar". Os desenhos teriam sido apresentados, em 1958, ao fundador da cidade por Jofre

Mozart Parada, geólogo muito próximo a JK. Houve, portanto, uma involuntária troca de autoria. Apresentado à confusão, Márcio Roberto, filho de um dos autores do projeto que obteve o terceiro lugar no concurso, parece perplexo. "Que absurdo", diz. "Mas naquele tempo não havia mesmo muito respeito a direitos autorais." Maria Elisa Costa, filha de Lucio, também nunca ouvira falar da história. A falsa informação é repetida na justificativa do projeto de lei nº 554, de 2007, que tramita no Congresso, para a criação de uma zona de exportação em Paragominas. Pode-se constatar a semelhança dos croquis de 1957 com o traçado de Paragominas por meio do Google Earth.

AS COORDENADAS DE PARAGOMINAS NO GOOGLE EARTH EM [www.veja.com](http://www.veja.com)



PARAGOMINAS, 2009

Os hexágonos, em imagem de satélite

## 3º LUGAR (EMPATADO)

**Autores:** Marcelo e Maurício Roberto, do escritório M.M.M. Roberto

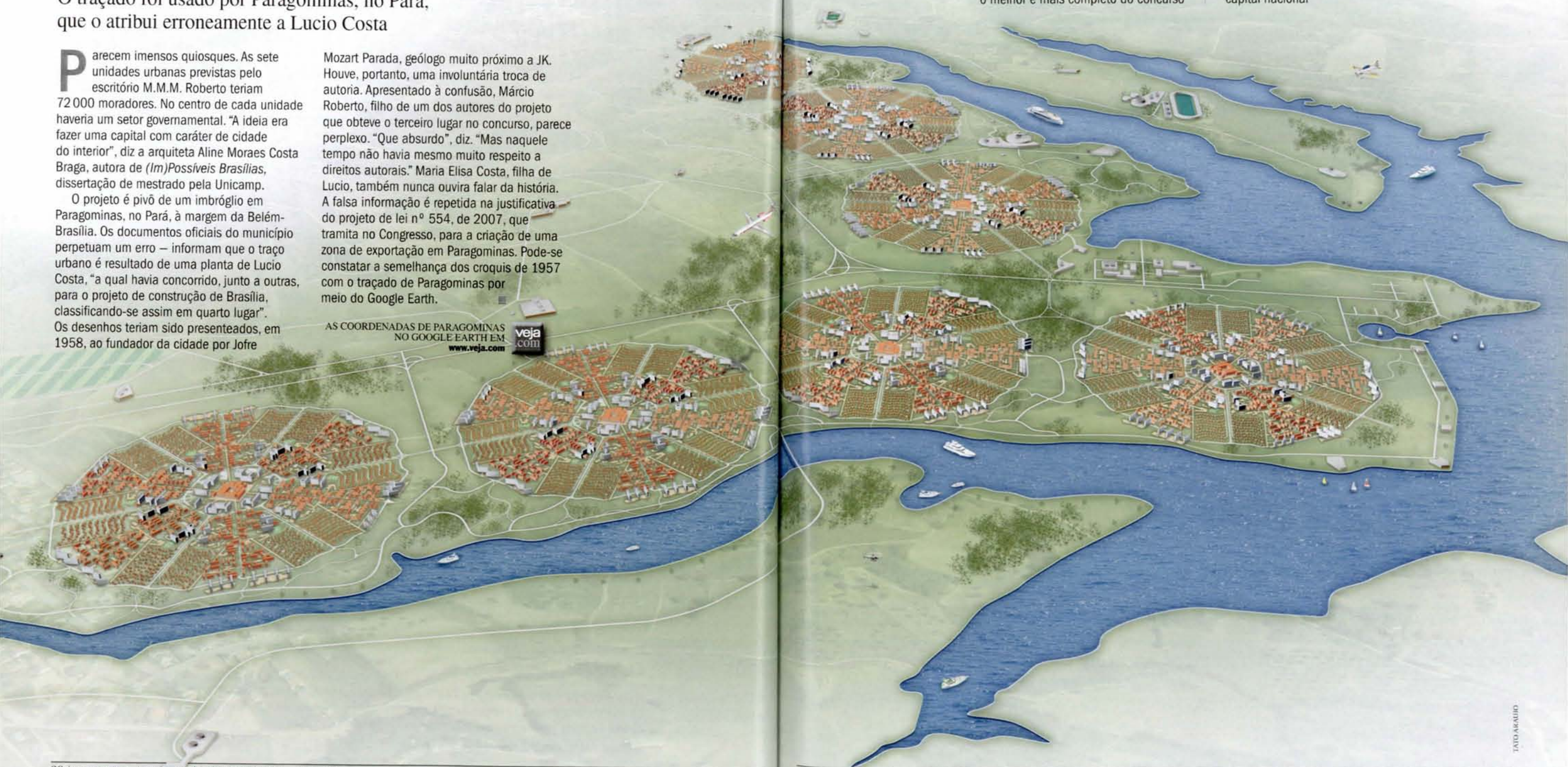
### Avaliação dos jurados

#### PRÓS

- O programa para construção e financiamento é prático e realista
- O estudo sobre a utilização da terra é o melhor e mais completo do concurso

#### CONTRAS

- É válido para qualquer cidade numa região plana; não é especial para Brasília
- Não é o plano para uma capital nacional







TEXTO: FÁBIO ALTMAN  
FOTOS: PAULO VITALE

# A VOZ DOS PIONEIROS

## O FAZ-TUDO DO COMEÇO DA AVENTURA

**Ernesto Silva** já estava lá quando JK fez a visita inaugural ao Planalto Central

**E**m 12 de setembro de 1958, um versinho publicado no *Correio da Manhã* carioca debaixo do título "Brasília e as musas" resumia o papel de três dos principais personagens da construção da cidade:

*"O açúcar e o mel são filhos de Israel. A carne e o pão são filhos do Sayão. E o resto? É do Ernesto".*

Israel era Israel Pinheiro (1896-1973), presidente da Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Sayão era Bernardo Sayão (1901-1959), já mítico construtor de estradas, responsável pela Belém-Brasília, também diretor da empresa que tocava as obras. Ernesto Silva, o único da trinca ainda vivo, é chamado pelos amigos de "o pioneiro do antes". Tem 95 anos recém-completados. Foi ele quem recebeu a comitiva de Juscelino na primeira vez em que o presidente pôs os pés no ponto do cerrado onde hoje está a capital.

**CAFÉ COM PORCOS E GALINHAS**  
Juscelino visita a Fazenda do Gama, na cerimônia de boas-vindas

PLANALTO CENTRAL - 21.10.1956  
FOTO: MÁRIO FONTENELLE / ARQUIVO PÚBLICO DO DF

de barracões e tendas, montados dentro do terreno do Plano Piloto, de modo a transferi-los para regiões mais distantes, na gênese das chamadas cidades-satélite. "Tenho orgulho de viver num lugar que ajudei a construir", diz, em voz baixa, embora não esconda saudosa decepção com o inchaço da metrópole, "que foi pensada para ter 500.000 habitantes e hoje tem cinco vezes mais." O fundador mora na Superquadra Sul 105, uma das primeiras, ainda com o formato original.

É personagem tão antigo, mas tão antigo na história brasileira, que parece já ter chegado idoso (tinha 40 anos). É o próprio Ernesto quem conta uma outra história curiosa a envolver seu nome. É o relato publicado em 1962 na revista da Associação Atlética Banco do Brasil. Está assim no original: "Depois de mais de duas semanas em que se falou, demasiadamente, nas escolas, sobre a fundação de Brasília e seus construtores, a professora aproveita a data de 21 de abril para falar também de Tiradentes. Quais os companheiros de Tiradentes, pergunta a mestre. A resposta: Ernesto Silva e Bernardo Sayão".









# RÉGUA E COMPASSO DE UM TEMPO SEM GPS

O engenheiro **Augusto Guimarães Filho** tirou a cidade do papel para erguê-la no chão

**H**ouve um momento fundamental na construção de Brasília, sem o qual ela jamais sairia do papel: a transferência do desenho em escala 1/25 000 para o chão de verdade. A tarefa coube ao engenheiro civil Augusto Guimarães Filho, hoje com 97 anos, homem de sorriso aberto e rigor cartesiano. Augusto trabalhara com Lucio Costa no Parque Guinle, no Rio, nos anos 40. Na época do concurso de Brasília, projetavam juntos a sede do Banco Aliança, incorporado pelo Itaú, na praça carioca Pio X. Viam-se todos os dias, e no entanto Guimarães só soube que Lucio desenhara o traçado vencedor da nova capital ao ler a notícia no jornal. O convite para trabalhar com Brasília foi tratado como missão. Lucio fez duas únicas observações: a primeira é que estaria subordinado a Oscar Niemeyer. A segunda: Niemeyer é que montaria a equipe. Guimarães foi nomeado chefe da Divisão de Urbanismo da Novacap, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital, sediada no Rio, em 1957.

Projeto em mãos, ele definiu para que lado Brasília ficaria em relação à nascente do sol. Bateu o martelo — e, nesse caso, literalmente — da Estaca Zero, a cruz formada pelos eixos Monumental e Rodoviário, o início de tudo. Ao cotejar a documentação topográfica previamente apresentada com o solo brasiliense, descobriu que havia erros. A solução foi “puxar” a cidade 800 metros ao sul. Tudo feito no lápis, sem os recursos modernos, como o GPS. “Mas garanto que o computador não daria mais precisão ao que fizemos”, afirma. “Apontamos retas, cur-

vas e cotas altimétricas sem erros.” Sua equipe tinha onze pessoas.

A partir do Rio, lembra Guimarães, tudo era feito com zelo matemático e improvisação heroica. À falta de mesas, ele encomendou trinta portas e cavaletes. “Apenas pedi aos arquitetos e engenheiros que usassem meias brancas, porque teriam de tirar os sapatos para subir

nas instalações”, ri. Aos que criavam desenhos de pessoas e bonequinhos para ilustrar as plantas, recurso lúdico tradicional dos arquitetos, pedia que fossem apagados. “O projeto já foi aprovado, não precisa de frescura não, quem vai manipular isso é o pessoal lá na obra.”

Guimarães, modesto, resume seu trabalho a mera transposição das ideias defendidas por Lucio Costa no memorial descritivo da nova cidade. “Peguei aquele relatório e o botei para construir sem nenhuma dificuldade”, diz. “Não tive de perguntar a ele absolutamente nada, tudo estava dito ali.” No escritório do pequeno apartamento onde vive, em Niterói, Guimarães tem pendurada na parede a cópia ampliada do Plano Piloto de Lucio Costa que ele usou entre 1957 e 1960 para pôr de pé uma cidade inteira. ■



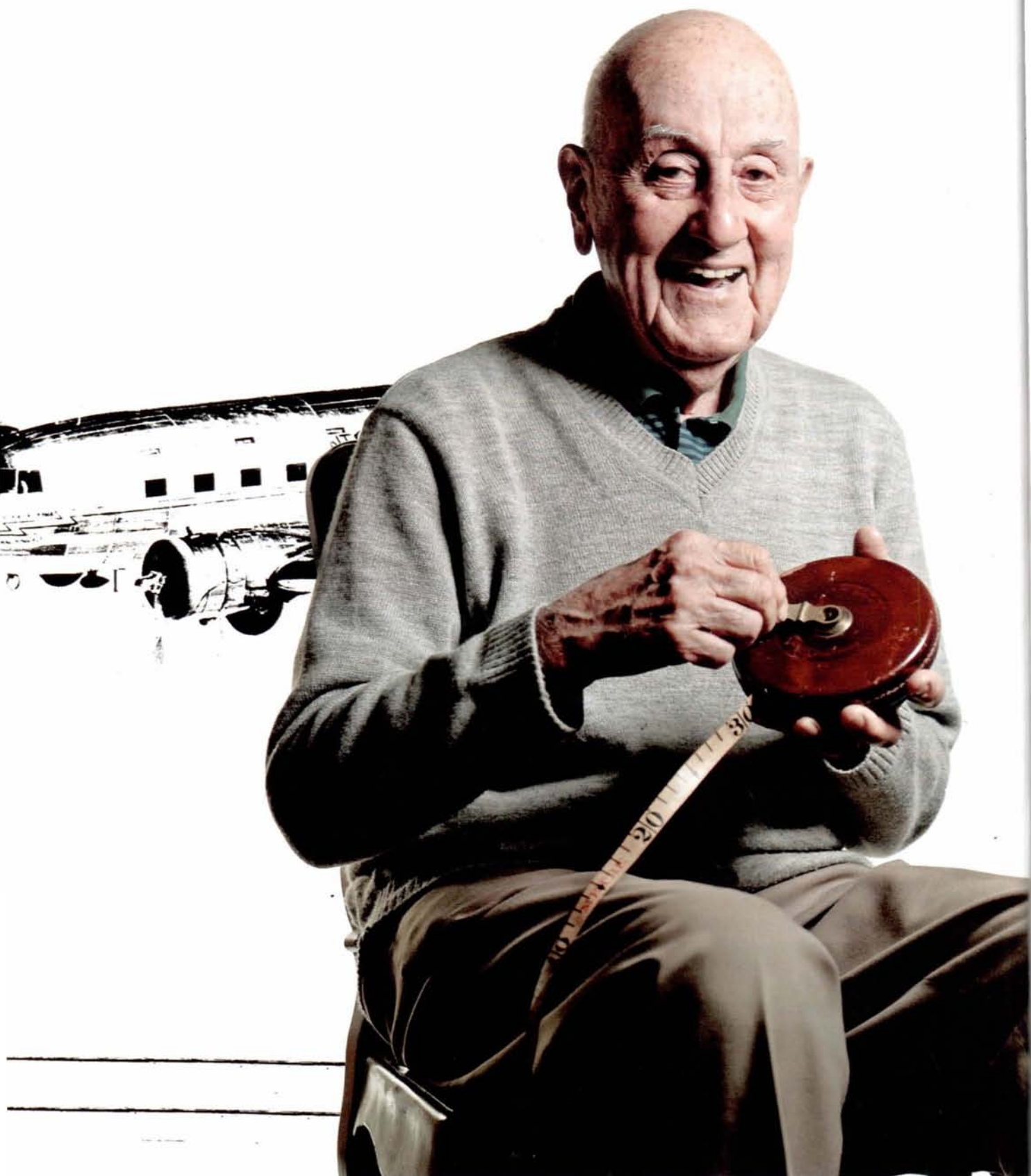
## BRAÇO DIREITO

*De óculos, ao lado de Lucio Costa, no escritório do Ministério da Educação, no Rio. Guimarães só soube da escolha do concurso pelos jornais do dia*

RIO DE JANEIRO –  
c. 1957/1960

FOTO: CASA DE LUCIO COSTA







# O CONSTRUTOR DA PISTA DO AEROPORTO

Nas memórias de **Atahualpa da Silva Prego** há espaço até para brincadeiras com Lucio Costa

Um livro-diário comprado na Papelaria União, no Rio de Janeiro, em 1956, já com as páginas naturalmente amareladas guarda um dos tesouros de Brasília. É o relato minucioso do engenheiro Atahualpa Schmitz da Silva Prego, o responsável pela construção da pista do aeroporto. Sem ela, Juscelino não teria feito as sucessivas viagens ao Planalto Central. Construí-la era fundamental, porque parte do material da construção de Brasília foi levada por aviões. O livreto é o "Diário Ar-7", sigla emprestada do nome da obra. Atahualpa guarda-o com carinho, matéria-prima para um livro de memórias que lançará em breve. A leitura de uma das primeiras entradas, em 25 de outubro de 1956, é um retrato de quão pioneiros foram os primeiros homens e mulheres a desbravar a região. "Permaneci em Luziânia à procura de pessoal carpinteiro, tábuas, caibros, pregos etc.", escreve o engenheiro. "Enviei, pelo telégrafo, mensagens para a firma no Rio. Obtive informações sobre a estrada Vianópolis-Luziânia, de 18 léguas. Reservei na pensão Juca da Ponte acomodações para a chegada de motoristas, de nossos primeiros caminhões, com materiais e equipamentos para oficina. Observei que toda tarde costuma chover na região."

Atahualpa, de 83 anos, hoje vive num casarão no Alto da Boa Vista, no Rio. É homem bem-humorado, capaz de misturar numa mesma frase detalhes técnicos do solo de laterita, típico do cerrado, com lembranças daquele tempo em que os políticos tinham de obedecer aos engenheiros, porque eles é que sabiam o que dava para erguer ou

não. Ele se recorda com saudosismo, rindo sozinho, do modo como reencontrou um dos personagens cruciais na aventura imaginada por JK.

Em 1938, Atahualpa costumava jogar bola com a garotada na Rua Gustavo Sampaio, no bairro do Leme, no Rio. De uma casa ao lado do campinho de paralelepípedos safa, quase diariamente, um cidadão alto, de chapéu-panamá, com feições próximas às de Santos Dumont. "Farto bigode, sisudo em seu porte circunspecto", conta. Invariavel-

mente, o Lancia Sport conversível não pegava, e a meninada era convocada a empurrar a baratinha. Não tardou para que o dono do automóvel, cujo nome as crianças desconheciam, fosse apelidado de Calhambeque.

Em abril de 1957, dezanove anos depois, portanto, das peladas no Leme, houve alvoroço com a chegada de uma comitiva ao Catetinho, a residência de JK no Planalto Central, construída com projeto de Oscar Niemeyer. Conta Atahualpa, ligando os dois episódios de sua linha do tempo particular: "Avancei um pouco mais numa das frestas de curiosos, entre ombros, cabeças e barrigas, e vi olhando para a enorme cópia vegetal da planta um personagem de minha meninice. Era o urbanista Lucio Costa, era o Calhambeque". Atahualpa diz ter saído de fininho para ver se do lado de fora do Catetinho havia um Lancia como o de antigamente. Ele nunca fez esse relato a Lucio, por receio de constranger o urbanista de Brasília. ■



## O MESTRE DO ASFALTO

*O encontro de Atahualpa (no destaque) com o presidente e Israel Pinheiro, de mão na boca. "Sinal de que ele já estava com vontade de sair", ri o engenheiro*

BRASÍLIA  
- c. 1957/1960

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO  
DO DF







# ELE AINDA CHORA POR JUSCELINO

Subchefe do Gabinete Civil, **Affonso Heliodoro** conversava com o presidente até no banheiro

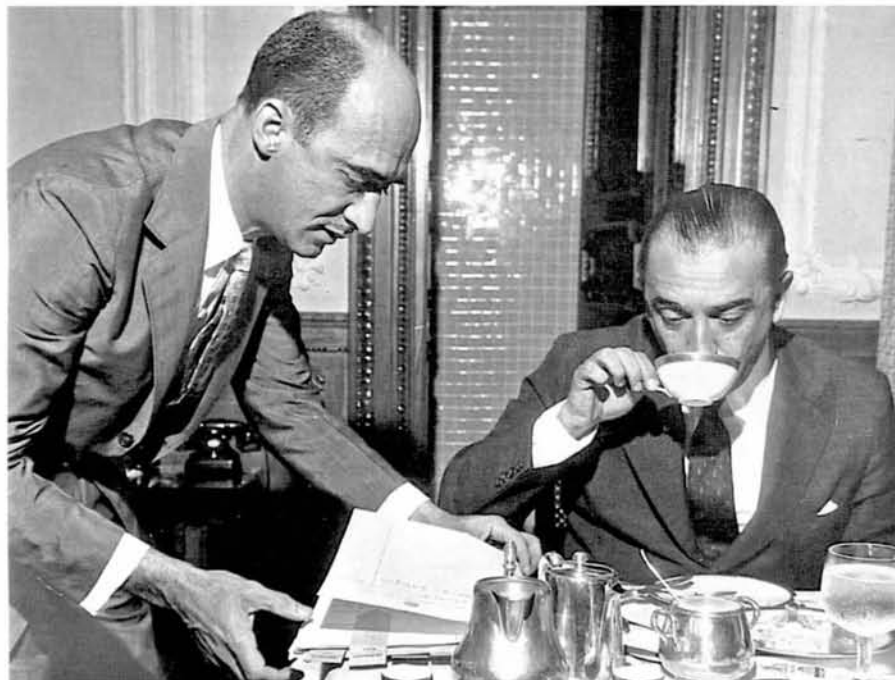
Nada parece enfraquecer o coronel reformado Affonso Heliodoro, subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República de 1957 a 1961. Aos 93 anos, altivo, capaz de subir e descer as escadas de sua casa no Lago Sul de Brasília com facilidade, não toma remédios. Duas pílulas diárias — de vitamina A e ácido fólico — bastam para mantê-lo firme. Ele só perde o prumo quando lembra ter sonhado com Juscelino Kubitschek na noite anterior, os dois numa cerimônia oficial, e chora. Por quê? “Porque ele era um homem admirável.”

O adesivo no vidro de trás do carro dá pistas do fascínio de Heliodoro pelo criador de Brasília: “JK. Procura-se outro”. Como outro não há, o presidente virou um mito a ditar a vida do amigo, dormindo ou acordado. Pastas de plástico guardam a troca de correspondência e os documentos relativos ao Plano de Metas de Juscelino, que Heliodoro ajudou a administrar. Há uma carta de 18 de julho de 1964, tradução da proximidade de ambos. “Todas as manhãs, ao despertar, penso que ainda vou encontrá-lo no meu quarto e no meu banheiro para os primeiros comentários do dia”, escreve JK. “Hábito velho que trouxemos de Minas, levamos ao Rio, transportamos para Brasília e novamente para o Rio.”

**FIDELIDADE** Heliodoro acompanhou JK durante décadas de cafés da manhã, dos anos 30 ao exílio, em Paris e Nova York, depois do golpe de 1964

Heliodoro viu JK pela primeira vez em 1933. O futuro presidente era capitão-médico no Hospital Militar da Força Pública, em Belo Horizonte. Heliodoro começava a trilhar carreira na PM. Nascera também em Diamantina e tinha sido aluno da mãe de JK. “Juscelino tinha 31 anos, eu apenas 17, mas fizemos sólida amizade”, conta Heliodoro. “Era homem carismático, de conversa fácil, adorava contar histórias.” Mesmo depois da morte de JK, em 1976, Heliodoro continuou a ajudar o amigo. Em 1981, às vésperas da inauguração do Memorial JK, Heliodoro foi convocado inúmeras vezes pelo general Newton Cruz, comandan-

te militar do Planalto, para ouvir que “o pessoal do setor militar não gostou do monumento, porque é evidente, na estátua que ficará postada lá em cima, a referência à foice e ao martelo dos comunistas”. Houve pressões para não subila. Oscar Niemeyer e Sarah Kubitschek ameaçaram entrar na Justiça. Coube a Heliodoro ser a ponte entre a família e o governo militar. Ele tentava convencer os generais de que o símbolo comunista, embora evidente, era miragem. Até que veio a ordem do presidente João Baptista Figueiredo: “Sobe a estátua”. Subiu, e Affonso Heliodoro tomou posse como o primeiro diretor do memorial.





# A SAGA DA CONSTRUÇÃO



Há uma única unanimidade, o épico feito de erguer uma metrópole do nada em menos de quatro anos

RONALDO COSTA COUTO

**R**io de Janeiro, Copacabana, 1961. A carioquinha de 5 anos adora Brasília e JK é amigo de seu pai. Ela provoca a babá:

— Quem fez o céu?  
— Foi Deus.  
— E o mar?  
— Foi Deus.  
— E eu?  
— Também foi Ele, menina. Foi Deus quem fez tudo.  
— É. Mas Brasília foi o Juscelino.

Polêmica muito antes de nascer, apaixonadamente idolatrada ou execrada, Brasília produziu pelo menos uma unanimidade, talvez a única: sua construção no ermo goiano em apenas 43 meses, desde a primeira vez em que JK pôs os pés no cerrado, é um feito admirável. Do governo, da arquitetura e da engenharia, dos construtores e técnicos, do exército de candangos movido a necessidade.

Palácio do Catete, meados de setembro de 1956. O Congresso aprova o projeto de lei da construção de Brasília. JK comemora a notícia com lágrimas. Diz ao velho amigo Joubert Guerra, companheiro desde os tempos de prefeito de Belo Horizonte: “Hoje é o dia mais feliz da minha vida. E sabe por que o projeto foi aprovado? Eles pensam que não vou conseguir executá-lo”.

O deputado oposicionista goiano Emival Caiado, entusiasta da mudança,

havia lhe contado o acontecido nas entranhas udenistas. Só aprovaram porque concluíram que Brasília inacabada seria o túmulo político do presidente. Quando o udenista Adauto Lúcio Cardoso perguntou ao líder Carlos Lacerda se a capital ia mesmo mudar, ouviu: “Vai nada. Juscelino não é de nada. Isso aí vai é desmoralizá-lo, porque ele não dará conta”.

Provocação e desafio. Brasília agora, além de prioridade, é questão de honra para JK. O sucesso e a velocidade da construção passam a ser parte de seu jogo de sobrevivência e afirmação política.

A aprovação do projeto, vitória fundamental, garante a criação da Novacap, empresa que comandará o planejamento, a urbanização e a construção com carta branca. Sancionado sem alarde, converte-se em lei em 19 de setembro de 1956. JK ganha ampla liberdade de ação para construir Brasília — ainda sem definição da data de inauguração.

Mas quem dirigirá a poderosa empresa? Precisa ser alguém confiável, identificado com a causa mudancista, experiente em obras, de pulso forte. Ou seja: precisa ser o enérgico engenheiro Israel Pinheiro da Silva, homem franco, de poucas palavras e sorrisos, e de muita ação. O problema é que ele e a família estão muito bem e felizes no Rio de Janeiro. Deputado federal, preside a cobijada Comissão de Orçamento.

É complicado tirá-lo de lá para ir trabalhar e morar no mato. Complicado e constrangedor. Por duas vezes, JK esteve com ele, rodeou, rodeou, e não fez o convite. Era urgentíssimo, precisava dar um jeito. Acionou então o PSD mineiro. Logo inventaram um pretexto e costuraram um voo de Belo Horizonte ao Rio em que os dois ficariam à vontade. O pequeno avião decolou, passou Santos Dumont, Barbacena, Juiz de Fora, e nada. JK falava sobre política, governo,

## SENADO FEDERAL

BRASÍLIA — c. 1957  
FOTO: MARCEL GAUTHIER/INSTITUTO MOREIRA SALLES



Minas, Diamantina, família, o tempo e o vento, mas não entrava no assunto. Depois de Petrópolis, quase chegando, Israel resolveu a parada: "Tá bem, Juscelino, você não precisa me convidar, eu aceito".

Israel é nomeado em 24 de setembro de 1956, juntamente com o diretor executivo Bernardo Sayão — o novo bandeirante de JK, vice-governador de Goiás e exímio engenheiro construtor de estradas — e o diretor administrativo Ernesto Silva. O quarto nome saiu de lista tríplice da UDN: o deputado mineiro Íris Meinberg. Chefe do Departamento de Urbanismo e Arquitetura: Oscar Niemeyer.

Estava quase tudo pronto para a grande aventura. Só faltava o dinheiro. Como financiar o megaprojeto, pesado até para as grandes economias desenvolvidas? JK dizia que os recursos sairiam de sua cabeça. Argumentava que o crescimento rápido resultante da escalada de investimentos produziria novo equilíbrio da economia, num patamar mais alto. Terminaria por estabilizar a moeda e as finanças públicas. Precisava desse discurso que sobrepujasse a política à economia política. Tinha de fazer gastos que estarreciam e arrepiavam especialistas e assessores do porte de Roberto Campos e Lucas Lopes. O Plano de Metas exigia gastos públicos monumentais.

**Prédios do Exército.** Sertão de Goiás, cerrado bruto, local da construção de Brasília, 2 de outubro de 1956, dia bonito, primeira visita de JK. O veterano Douglas DC-3 embica para a pista de terra vermelha improvisada por Sayão. Pancada de pneus batendo no chão áspero, muita poeira, solavancos, e pronto. Saem JK, o marechal Teixeira Lott, ministro da Guerra, diversos outros ministros e assessores. O voo fora turbulento. Muitos estão assustados. Num pau fincado ao lado da pista, vê-se a tosca tabuleta em que o otimismo quase infinito de Sayão anotou: "Aeroporto Vera Cruz". São 11h40.

O urbaníssimo presidente mostra entusiasmo. Sob sol de estourar mamona,

zanza pra lá e pra cá no meio do mato ralo e das árvores retorcidas, vestido como se fosse a restaurante sofisticado de Paris. Bem cortado terno claro, lençinho no bolso superior do paletó, camisa imaculadamente branca, bela gravata italiana, chapéu de feltro, respaldados sapatos pretos. Olha tudo, faz uma pergunta atrás da outra. Sonha o futuro no meio do dia e do nada. Fala de uma cidade monumental, moderna e deslumbrante.

Caminha, anda de jipe com Niemeyer até o ponto mais alto. Depois sobe a área da futura Brasília no tecto de Sayão. Parecendo vê-los, indica e descreve palácios, praças, avenidas monumentais, estradas de acesso, um lago gigantesco, aeroporto internacional e muito mais. O avião pousa na precária pista de terra. Perplexo com o que já viu e sobretudo com o que não vira, o cartesiano marechal Teixeira Lott, fardado, olhos apertados pela luminosidade, chovendo suor, aproxima-se:

— Mas o senhor vai mesmo construir Brasília aqui, presidente?

— Vou, meu caro ministro. E aqui vou terminar o nosso governo e passar a faixa ao sucessor.

Conformado, Lott vai a Niemeyer:

— Os prédios do Exército serão modernos ou clássicos?

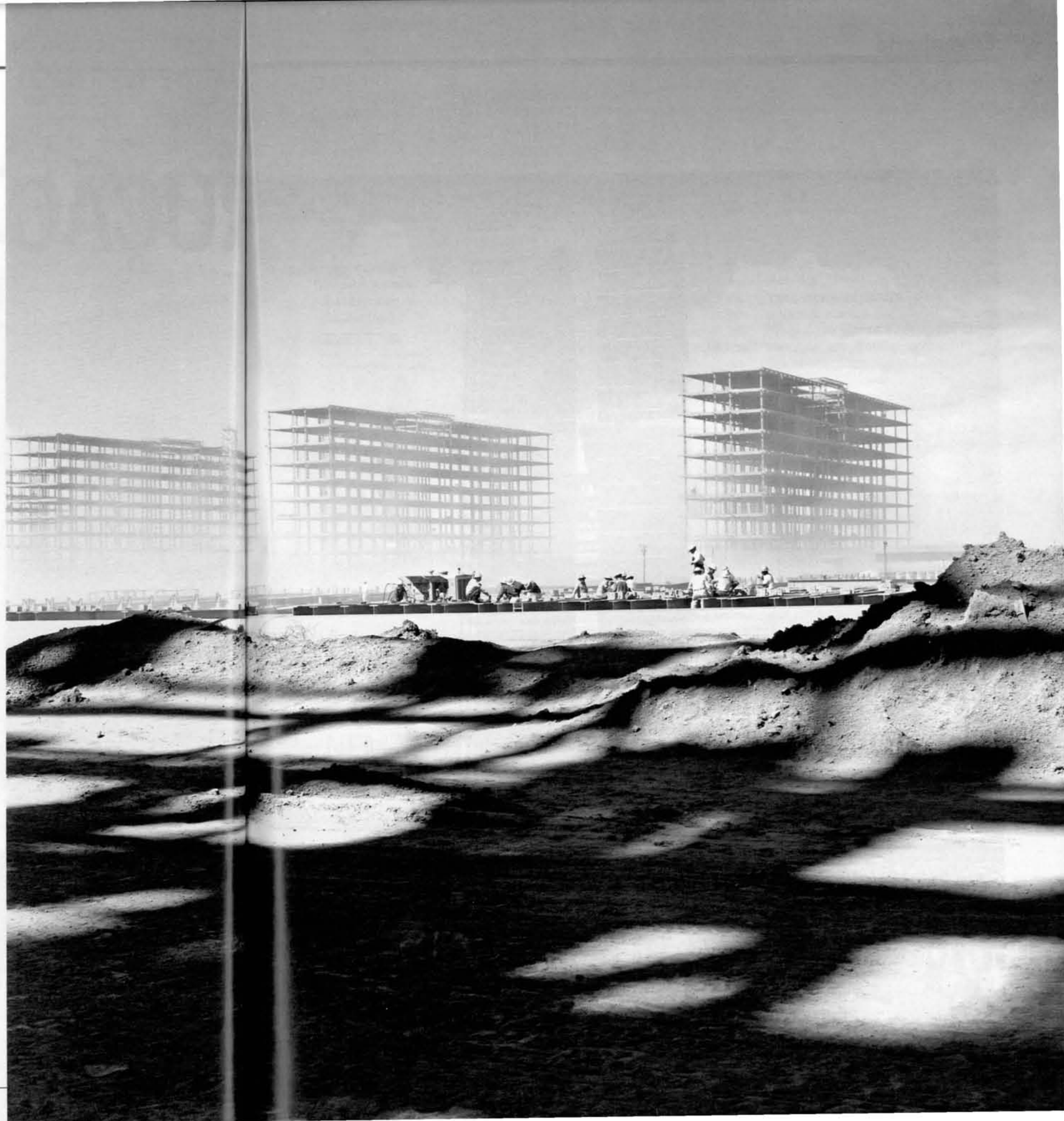
— Numa guerra, o senhor prefere armas modernas ou clássicas?

De volta ao Rio, JK faz publicar edital de concurso para o Plano Piloto de Brasília. Era indispensável e urgente fixá-la em termos arquitetônicos e urbanísticos, projetar e desenhar as obras. "Não iniciaria a construção da capital para deixá-la, ao fim do meu governo, inacabada. Os meus sucessores a abandonariam, e a ideia morreria de novo."

## ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS

BRASÍLIA — c. 1958

FOTO: MARCEL GAUTHEROT/INSTITUTO MOREIRA SALLES







## CONGRESSO NACIONAL

*Os dois edifícios anexos à Câmara e ao Senado, com 28 andares cada um, usaram aço importado dos Estados Unidos*

BRASÍLIA — c. 1958  
FOTO: MARCEL GAUTHEROT/  
INSTITUTO MOREIRA SALLES

Rio de Janeiro, Hotel Ambassador, Rua Senador Dantas, 12 de outubro de 1956, encontro dos chamados “boêmios patriotas” do Juca’s Bar, amigos de JK. Presentes Oscar Niemeyer e uma penca de parceiros, entre eles o seresteiro César Prates e o violonista Dilermando Reis. Surge a ideia de construir uma residência provisória para o presidente em Brasília. Niemeyer esboça o projeto na hora. Um palácio tosco, de tábuas, depois apelidado de “Catetinho”, sustentado por grossos troncos de madeira de lei. Não havia tijolos nem pedras no endereço: clareira no meio do mato, Fazenda do Gama, Brasília. Prazo de construção: dez dias.

Em 10 de novembro de 1956, JK e pequena comitiva chegam no DC-3 para a festa de inauguração. Música, boa comida, boa bebida. Há uísque de qualidade, mas falta gelo. De repente, cai um pé-d’água assustador, bombardeando granizo. Assim que o temporal passa, todos correm para fora, catam o que podem, dão graças a Deus, brindam a São Pedro.

No meio da festa, Juscelino pede a Sayão que se instale na área. “Quando, presidente?” “Ontem.” Sayão decola para Anápolis. No dia seguinte, começo da manhã, volta dirigindo um caminhão barulhento, com a mulher, Hilda, e metade dos filhos, Lia e Lillian. Feliz da vida, estaciona debaixo de uma árvore próxima e arma sua barraca de lona. Pronto: um diretor da Novacap já está morando em Brasília com a família. Juscelino: “Com Sayão à testa dos trabalhos, a atividade redobrou. Quem olhasse o local onde estava sendo iniciada a construção de Brasília sempre o veria: chapelão na cabeça; rosto queimado de sol, suando em bica. Estava em toda parte e sempre em atividade. Reservava para si as tarefas mais árduas e perigosas e as executava com seu inextinguível bom humor. À beleza viril do físico privilegiado, aliava-se invejável formação moral. Era bom por natureza e bravo por instinto”.

Sayão morreu em 15 de janeiro de 1959, com apenas 57 anos, atingido por um gigantesco galho de uma árvore de 40 metros, quando cortava a mata >>>

## Tecnologia

# NEM TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR

O aço — e não o concreto — salvou do atraso os principais prédios

“Não há arquitetura sem tecnologia” é uma das mais conhecidas definições de Oscar Niemeyer, o mais dedicado defensor do uso do concreto armado, um dos primeiros a utilizá-lo em formas curvas. Niemeyer, no olhar leigo, é sinônimo de concreto. Na construção de Brasília, contudo, ante a pressão do tempo imposta por JK, houve extraordinários avanços no emprego do aço. Típico das edificações americanas, base dos edifícios de Chicago, raríssimas vezes ele tinha sido usado no Brasil. O aço, e não o concreto, nasceu com Brasília.

As construções com moldes de madeira recheados de cimento pediam tempo, significavam lentidão. Com estruturas metálicas, apenas depois revestidas de concreto, tudo era mais rápido. O Brasília Palace Hotel, de 1958, utilizou 905 toneladas de aço, fabricadas em

Volta Redonda e transportadas de trem até Anápolis (GO) e por rodovia até Brasília. Para as obras dos ministérios e dos anexos do Congresso, inaugurados em 1959 e 1960, foram importadas 15 000 toneladas de uma empresa americana.

Como não houvesse técnicos no Brasil, a montagem ficou a cargo da americana Reymond Pill, estabelecida como Construtora Planalto. A dificuldade: mão de obra que soubesse trabalhar com o novo material. “Antigamente, quando se terminava uma estrutura, viam-se apenas lajes e apoios”, dizia Niemeyer, anos após a construção de Brasília. “A arquitetura vinha depois, secundária, e eu queria o contrário, essa junção das estruturas com a arquitetura.” As imagens dos esqueletos de aço de Brasília em construção são algumas das mais bonitas daquele tempo.



## PALÁCIO DA ALVORADA LAGO PARANOÁ

BRASÍLIA - 10 | 6 | 1960  
MARIO FONTENELLE/ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL





fechada para dar passagem à Rodovia Belém-Brasília. Personagem perfilado na revista *Life* por John Dos Passos, era um mito cujo enterro parou o cerrado, num féretro de jipes, caminhões e tratores. Foi o primeiro mártir da construção de Brasília.

A Novacap, durante e depois de Sayão, tinha tarefas de dois tipos: as urgentes e as urgentíssimas. Além do concurso para o Plano Piloto, precisava iniciar o aeroporto definitivo, preparar a estratégica rodovia para Anápolis, abrir estradas entre os canteiros de obras, construir prédios provisórios para a administração e instalar-se; fazer alojamentos para funcionários e operários, providenciar às pressas os projetos da residência presidencial, de um grande hotel, do próprio aeroporto, da Usina do Paranoá; estruturar o serviço de água e esgoto, implantar imediatamente serrarias e olarias e muitíssimo mais. Contam que um engenheiro ranheta certo dia desabafou: "Se tudo aqui é prioritário, não há prioridade".

**Três turnos.** A burocracia é mínima. A empresa troca as complicadas licitações públicas por breves concorrências administrativas ou mesmo por administração contratada. Mandava e desmandava. Consegue impor ritmo acelerado às obras. Regime contínuo de três turnos de oito horas, rigorosa cobrança do cronograma de execução de cada obra, ataque simultâneo em várias frentes. O canteiro cresce espetacularmente a partir de fevereiro de 1957. No começo de 1958, olhos treinados já podiam perceber a estrutura da metrópole.

JK conta que só quem olhava de cima tinha ideia da magnitude, diversidade e complexidade dos trabalhos. Engenheiros e mestres de obra de mapa na mão, equipes de dezenas, centenas, milhares de homens apressados trabalhando dia e noite nos canteiros e na abertura das vias públicas. Ao longo delas, incontáveis armações de pinho para os vergalhões de ferro das vigas de concreto armado. Dúzias de caminhões rodando de um lado para outro, entupidos de material de construção. Dezenas de tra-

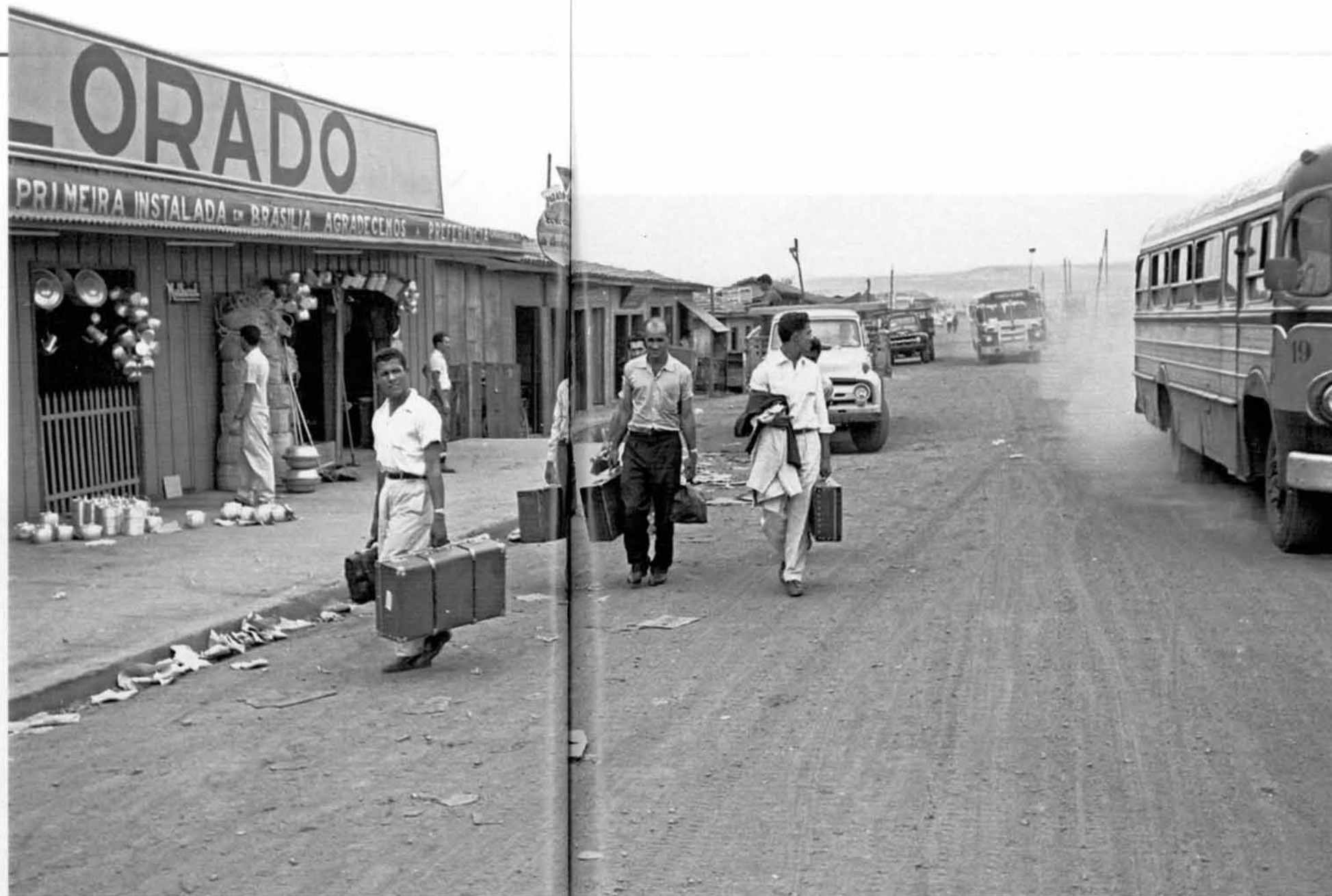
tadores novos de vários tipos e poderosas escavadeiras revolvendo a terra, furando buracos, criando clareiras, preparando terrenos para obras públicas. Canteiros recém-abertos engolindo toneladas de concreto.

Redes de água, esgoto, eletricidade, edificações. Estacas sendo fincadas para suportar andaimes nos prédios que nasciam. Torres metálicas de estações de telecomunicações pontificando em vários lugares, enviando mensagens com pedidos de material indispensável à população, às construções e à manutenção dos equipamentos. Guindastes subindo e descendo com cargas trazidas ou levadas pelos caminhões, carregando material,

## Incentivo fiscal

# A ZONA FRANCA DA CIDADE LIVRE

O aglomerado provisório, isento de impostos, cresceu tanto que foi impossível tirá-lo do lugar



## ESPERANÇA AO CHEGAR

*Candangos desembarcam na Cidade Livre. Em menos de três anos, eles já eram 20.000. Revoltados, não aceitaram deixar o lugar que virou urbe antes da capital*

CIDADE LIVRE - c. 1957-1960

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

**A** mãe de Brasília" é o apelido do Núcleo Bandeirante, que, na sua gênese, em dezembro de 1956, foi a Cidade Livre. Com residências e lojas erguidas de madeira, telhas metálicas e amianto, de modo a evidenciar sua suposta vocação efêmera, brotou como centro urbano para receber os trabalhadores que construiriam Brasília. Era livre porque, tal qual as zonas francas, não cobrava impostos. Os lotes destinados ao comércio, indústria e serviços foram arrendados pelo prazo máximo de quatro anos. Calculava-se que, ao fim das obras, os moradores voltassem à terra natal ou se transferissem para o Plano Piloto e vizinhança. A ideia original de funcionar como mero almoxarifado do que ocorria ali ao lado, nos andaimes da construção brasileira, não funcionou.

Ficou tristemente conhecida, entre os moradores, uma frase de Israel Pinheiro, presidente da Novacap: "Em abril de 1960, mando os tratores para esmagar tudo". Eles nunca chegaram,

porque, antes de a Brasília do Plano Piloto existir, a Cidade Livre virara uma aglomeração urbana incontornável, imã de riquezas. A JBS-Friboi, a maior empresa do mundo no setor de carnes, começou a crescer ali, pelas mãos de José Batista Sobrinho, o Zé Mineiro, o pai dos atuais dirigentes da companhia. Em 1957, com apenas cinco funcionários, ela virou fornecedora de carne para as construtoras da capital, cujos operários viviam na Cidade Livre.

Eram mais de 20.000 pessoas. Quando o governo começou a se movimentar de modo a tirá-las do lugar, houve protestos, brigas e manifestações. A ideia era levar a população para as vizinhas Taguatinga ou Gama, ou mesmo para o Plano Piloto. Em 1961, no governo de Jânio Quadros, a pressão popular chegou ao ápice, no Congresso, na forma de lei. Nascia o Núcleo Bandeirante, hoje com mais de 40.000 moradores — uma cidade de vida mais real, a rigor, do que aquela cultivada nas superquadras do Plano Piloto.



assentando vigas. Polias girando sem parar, buzinas tocando, sirenas soando, motores acelerando. Edifícios que começam a tomar forma. Sons de motores e máquinas, barulho de metal batendo em metal, de martelos, de serras e serrotes, de preparo de cimento, carga e descarga de material, vaivém incessante.

Formigueiro de máquinas, materiais e gente. Até a inauguração, em 21 de abril de 1960, foi projetada e concluída boa parte das principais construções: o conjunto do Congresso Nacional; o Palácio do Planalto; o Supremo Tribunal Federal; onze edifícios ministeriais; o Palácio da Alvorada (inaugurado em junho de 1958); serviço de eletricidade, de água e de esgoto; mais de 3 000 moradias; hospital público com 500 leitos; instalações da Imprensa Nacional; hotel de turismo com 180 apartamentos; aeroporto provisório; escolas; clube náutico; concha acústica; estrutura básica da Catedral Metropolitana; a pequenina Ermida Dom Bosco; a Igreja de Nossa Senhora de Fátima; a estrutura básica do Teatro Nacional; a estação rodoviária; o grande eixo rodoviário e a barragem do Rio Paranoá. Faltava muita coisa ainda, deu-se a inauguração com o que existia, mas já havia uma cidade a respirar.

**Visitantes ilustres.** Na inauguração, a Novacap contabilizou 360 000 metros quadrados de construção concluída, mais de 106 000 em final de execução e 37 000 em andamento. Portanto, mais de 500 000 metros quadrados de área construída ou semiconstruída em apenas três anos e meio, não incluídas as edificações a cargo dos institutos de Previdência, da Caixa Econômica Federal, do Banco do Brasil, da Fundação da Casa Popular e de outras entidades. As atividades privadas começavam a florescer.

JK visitava as obras duas vezes por semana do início de 1957 ao fim de 1958, quando concluiu que Brasília já estava garantida. Decolava do Rio depois do expediente, pousava no cerrado por volta de 11 da noite, inspecionava obras até de madrugada e voltava ao Rio. No começo, no surrado mas seguro



PRAÇA DOS TRÊS PODERES

BRASÍLIA - 1960  
FOTO: RENÉ BURRIGAL/MAGNUM



Douglas DC-3, dormindo numa cama estreita. Depois, num quadrimotor turboélice Viscount, mais veloz e espaçoso. Trazia visitantes ilustres do mundo inteiro, mostrava a cidade, orgulhava-se.

Em 1º de novembro de 1956, havia 232 operários em toda a área. Em fevereiro de 1957, cerca de 3 000 candangos e mais de 200 máquinas em atividade incessante. Em julho de 1957, o ano da criação da Cidade Livre, depois Núcleo Bandeirante, já havia 12 700 residentes. Taguatinga, a maior cidade-satélite, é de 1958. Início de 1959: mais de 30 000 candangos no canteiro de obras, população total superior a 60 000 habitantes.

**Candango típico.** O cearense José Alves de Oliveira, Seu Zé, acha que nasceu em 1938, mas não tem certeza. É um candango típico, adora Brasília. Tem quatro filhos e quatro netos. Não esquece um só dia a filha que perdeu para o câncer há alguns anos. Comeu nuvens de poeira na construção do Congresso Nacional e dos ministérios. A seu modo, no português possível, descreve os primeiros tempos:

“Vim mais meu pai no pau de arara, numa carroceria braba de caminhão. Levou foi muitos dia. Aí fiquei no acampamento duma firma que eu trabalhei nela, a Construtora Nacional. Construindo aquele colosso onde tem aquelas duas bacia grande em cima da laje, uma virada pra riba e outra virada pra baixo (*Câmara dos Deputados e Senado Federal*). Trabaiei muito lá. Trabaiei adoidado! Vi quando tava só nos buraco e nas ferrage, na armação. Aqueles prédio e também os dos ministero. Trabaia-va de servente. Pegava às 7 da manhã e largava às 6 horas da tarde. Quando apertava muito o serviço, a gente ia até as 10 da noite a semana todinha. Tinha um intervalinho no meio do dia. Aí a gente ia pro acampamento da Nacional, que era ali perto, naquele cerradão bravo. Era gente dimais!

“Eles armam certinho aquelas bacia de lá, as duas já redonda. Eu vi aquilo no ferro puro-puro! Sem concreto, sem nada. Aí ia fazendo as ferrage e as fôrma de madeira pra botar o concreto. Por



CATEDRAL

BRASÍLIA - c. 1957  
FOTO: GABRIEL GONDIM

## Tragédia

# A ORDEM: É PROIBIDO PARAR

O suposto assassinato de operários num canteiro de obras ainda hoje é um fantasma brasiliense

Um mito ronda a construção de Brasília: a suposta matança, em 8 de fevereiro de 1959, um domingo de Carnaval, de um grupo de operários da construtora Pacheco Fernandes. Os crimes teriam sido cometidos pela Guarda Especial de Brasília (GEB), vinculada à Novacap. Desde sempre, o episódio faz parte da história secreta da construção. Em diversas versões, os mortos vão de um a onze, com mais de sessenta feridos e paralisações em solidariedade aos assassinados. Os motivos: uma briga corriqueira, na cozinha, entre dois trabalhadores ou a explosão de protestos pela má qualidade da alimentação do acampamento, ao lado do Palácio da Alvorada. Os policiais — um efetivo de 300 pessoas, recrutadas entre os próprios candangos — tinham justificada fama de agressividade, eram eles que impunham o toque de recolher. Cortavam a água para impedir banhos, e sem banho ninguém ousaria procurar prostitutas na Cidade Livre. Os soldados usavam uniformes de cor cáqui, feitos

com sobras das roupas da Força Aérea Brasileira. Eram chamados a manter a ordem porque Brasília não podia parar.

Depoimentos contraditórios impediram um desfecho para o caso, agora transformado em lenda. Um cozinheiro diz ter visto operários sendo mortos na cama, ainda adormecidos. Houve relatos de corpos jogados no Lago Paranoá, ainda seco. As investigações nada comprovaram, e prevaleceu a suspeita de que a escaramuça, real, tenha sido ampliada por líderes sindicalistas — ou tirada do mapa pelas autoridades, a mando de Israel Pinheiro. Não houve condenações. Não se conhecem o nome dos mortos ou sepulturas. O massacre virou lenda — menor apenas que uma outra, segundo a qual dezenas de operários morreram ao erguer os “28” (referência aos 28 andares de cada um dos dois edifícios anexos do Congresso, aqueles que formam um “H” entre as cúpulas), e ainda hoje seus fantasmas rondam o lugar, tal qual os arranca-línguas que, no folclore de Goiás, atacam os bois no pasto.



**REFEITÓRIO** Operários comem no canteiro do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. A alimentação era um dos principais problemas da companhia que administrava as obras

BRASÍLIA - 24 | 5 | 1958 FOTO: MÁRIO FONTENELLE/ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



## MORADA PROVISÓRIA

O Palácio de Tábuas, desenhado por Niemeyer, subiu em menos de um mês

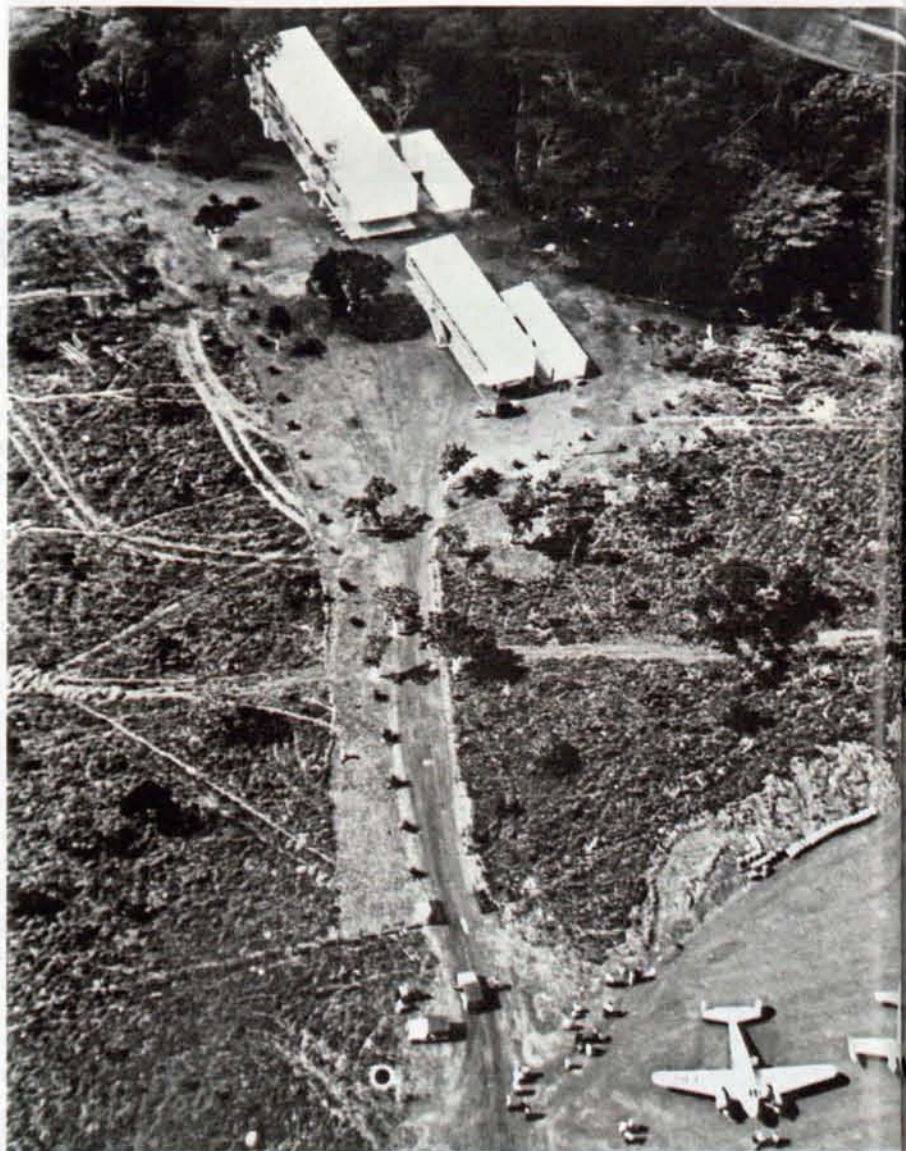
BRASÍLIA - 1957

FOTO: ARQUIVO PESSOAL DE ERNESTO SILVA

dentro, aquilo é tudo ocado. Tem uma escada arrodando por dentro, a gente começava de baixo e saía lá em cima do derradeiro negócio. Assim uma roda, abeirando as parede. Tanto a bacia de boca pra riba como a outra de boca pra baixo é um sistema só, arrodando. Agora, depois de tudo prontinho, eu num vi mais como é que ficou. Depois de pronto eu não voltei lá, não. A gente não pode entrar lá dentro. Deixam, não. Só quando tava na obra mesmo. Até que não tenho muito vontade de ir lá, não. Domingo era o dia da gente fazê as compra. Tudo lá no Núcleo Bandeirante, que era onde tinha as coisa. Naquele tempo, a gente num via muiê aqui. Era só a piaozada. E, se tinha alguma, era muito difíce. Num podia nem chegá perto. A barra era pesada”.

“Encheu, viu?!” A maioria das empreiteiras era paulista, predominavam os trabalhadores nordestinos. Dizia-se que mineiro mandava, paulista ganhava dinheiro, nordestino trabalhava e Goiás sempre saía lucrando. Além da cidade, o governo Kubitschek construiu mais de 20000 quilômetros de rodovias, grande parte para interligar Brasília às várias regiões do país. Mais de 5600 quilômetros de estradas já existentes foram asfaltados.

Até a formação do Lago Paranoá virou polêmica. Quase concluída a barragem, o engenheiro e cronista Gustavo Corção dizia que não haveria acumulação de água, devido à porosidade do solo do cerrado. Isso incomodava JK, deixava-o tenso, mesmo diante das boas informações técnicas. Quando tudo ficou pronto e a água se acumulou, enviou um telegrama a Corção: “Encheu, viu?!”. Muita obra, portanto muita corrupção, como manda o adágio? Certamente houve, talvez não ainda em escala industrial. Nisso, os tempos eram menos bicudos. Pioneiros lembram episódios de pequena corrupção. Como caminhões que chegavam lotados de areia numa construção, eram pesados, saíam novamente, davam uma volta,



## TRÊS ANOS E SETE MESES DE TRABALHO

Os momentos fundamentais de 1956 a 1960

1956

**19 de setembro**  
O Congresso aprova lei que determina a transferência da capital e a criação da Novacap

**2 de outubro**  
Juscelino Kubitschek faz a primeira visita ao ponto no cerrado onde seria construída a capital

**22 de outubro**  
Início das obras do Palácio de Tábuas, o Catetinho, desenhado por Oscar Niemeyer, residência oficial durante as obras

**10 de novembro**  
Inauguração do Catetinho

**31 de dezembro**  
Concluída a Ermida Dom Bosco, a primeira obra de alvenaria

**18 de fevereiro**  
JK assina a escritura pública pela qual o estado de Goiás transfere à União a posse e o domínio do perímetro do que será a capital federal

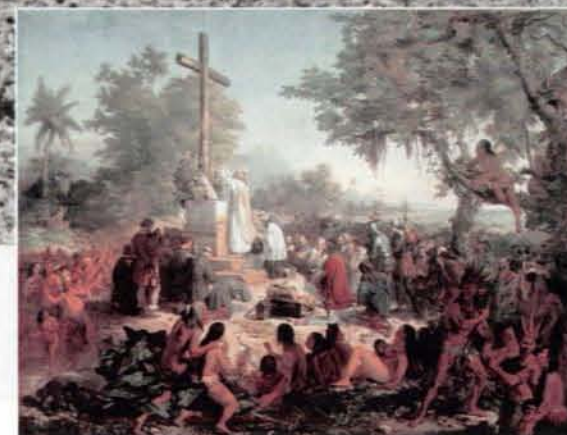
**11 de março**  
Encerramento das inscrições para o concurso de construção de Brasília. Dos 63 inscritos, apenas 26 apresentam projetos

**15 de março**  
Lucio Costa venceu o concurso do Plano Piloto

**2 de abril**  
Inauguração da pista de 3300 metros do aeroporto

**3 de abril**  
Início das obras do Palácio da Alvorada

**3 de maio**  
Dom Carlos Carmelo reza a primeira missa de Brasília na presença de 15000 pessoas



**PRAÇA DO CRUZEIRO** A celebração religiosa fazia referência àquela de 26 de abril de 1500 (à esq.), oficiada por dom Henrique de Coimbra em Cabralia

BRASÍLIA - 31/5/1957

FOTO: MÁRIO FONTENELLE/ACERVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

1957





**DESBRAVAMENTO**  
A BR-010, atualmente conhecida como Rodovia Bernardo Sayão, tem 2 772 quilômetros, dos quais 450 dentro da Floresta Amazônica

BELÉM-BRÁSILIA - 9 | 2 | 1959  
FOTO: AGÊNCIA ESTADO

#### HERÓI RURAL

Para JK, Sayão (à dir.) era "bom por natureza e bravo por instinto"

AÇAILÂNDIA - 12 | 12 | 1958  
FOTO: MÁRIO FONTENELLE/ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



**SEIS PISOS** No começo, apenas as habitações da Asa Sul, hoje a mais rica, foram entregues aos moradores

BRÁSILIA - c. 1958-1960  
FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



eram pesados de novo, e assim por diante.

O arquiteto e pesquisador paulistano Rodrigo Amaral descobriu que na Novacap de Israel Pinheiro quem comprava não pagava nem recebia o material. Quem pagava não comprava nem recebia. E quem recebia não comprava e não pagava. Por que o cuidado? Porque corriam rios de dinheiro público no cerrado brasileiro. Gastos colossais, impressionante quantidade e diversidade de obras, controle interno precário, controle externo distante. No começo, nem bancos havia. Tudo era pago com dinheiro vivo, armazenado numa robusta construção da Novacap na Candangolândia, com grossas paredes de concreto, comandada por Israel. Diziam os adversários que até material de construção era trazido de avião, a custo exorbitante. Denunciavam roubo e escândalos, armavam investigações.

Onde está o homem, está o perigo. Onde estão os empreiteiros também? O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, gostava de contar uma anedota em que Deus e o diabo resolvem fazer as pazes. Para comemorar, combinam construir sólida ponte entre o céu e o inferno. Acertam o projeto, marcam a inauguração para um ano depois. Dois meses, o trecho do capeta já desponta e o de Deus, não. Seis meses, o diabo tem 50% prontos e Deus, nada. Quase um ano, satanás pede audiência e reclama: "Minha parte já está quase concluída e nem sinal do resto. Assim não dá!" Deus: "Preciso de sua ajuda. Não há empreiteiros aqui no céu. Estão todos no inferno".

1957

**1º de outubro**  
JK sanciona a lei que fixa a data de 21 de abril de 1960 para a mudança

1958

**7 de novembro**  
JK e Bernardo Sayão, o construtor da Belém-Brásilia, sobrevoam o traçado previsto para a rodovia

**4 de janeiro**  
Início das obras do Congresso Nacional. Os dois anexos — os prédios em forma de "H", de 28 andares cada um — seriam construídos a partir de estruturas metálicas compradas nos Estados Unidos

**3 de junho**  
Primeiro telegrama enviado de Brasília para JK, no Rio

**18 de junho**  
Começam as obras da Esplanada dos Ministérios, também com vigas metálicas

**30 de junho**  
Inauguração do Palácio da Alvorada, do Brasília Palace Hotel, da Avenida das Nações e do Eixo Monumental

1959

**10 de julho**  
Início das obras do Supremo Tribunal Federal e do Palácio do Planalto

**15 de janeiro**  
Morte de Bernardo Sayão

**1º de fevereiro**  
Inauguração da Rodovia Belém-Brásilia

**Junho**  
Entrega dos primeiros blocos de apartamentos, na superquadra 108 sul

**Dezembro**  
Fim das obras do Congresso e do Supremo Tribunal Federal

1960

**17 de abril**  
Israel Pinheiro, mandachuva da Novacap, é nomeado prefeito de Brasília. Primeira ligação telefônica com o Rio

**21 de abril**  
Às 9h30, os Três Poderes da República são instalados simultaneamente em Brasília



Garanta o seu lote  
na NOVA CAPITAL

COMPANHIA URBANIZADORA DA  
NOVA CAPITAL DO BRASIL

Lei 2.824 de 29 de setembro de 1956.  
CAPITAL: 500.000.000.00  
Garantida pelo Governo Federal

BRASILIA

"OBRIGAÇÃO BRASILIA"

Decreto 41.188 de 22-8-61

CAUTELA N.º

OBRIGAÇÕES

Eu, \_\_\_\_\_, a promissora de  
obrigações "BRASILIA", integralizadas,  
de valor nominal de  
R\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) cada uma com valores em dinheiro que  
a Lei e os Estatutos lhe garantem. O presente título, emitido  
em conformidade com a autorização contida no Artigo 11 da Lei  
n.º 2.824, de 29 de setembro de 1956, constitui um portador de parte  
de 10% (dez por cento) do total da emissão das Obrigações da  
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL, com  
valor de 10% (dez por cento) dos pagamentos de lotes de terreno  
urbanos da Cidade de Brasília, nos termos da Resolução nº 1  
do Conselho de Administração da NOVACAP, e sob as  
condições contidas no verso.

Brasília, 10 de Abril de 1967

Assinatura

Assinatura

Comprando a  
**OBRIGAÇÃO BRASÍLIA**  
MELHOR EMPRÊGO DE DINHEIRO

que V. pode desejar!



# BARAFUNDA CONTÁBIL

Juscelino inaugurou a era do descontrole inflacionário com a mudança para o Planalto

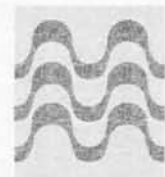
**Q**uanto custou Brasília? Eugênio Gudin, ministro da Fazenda de Café Filho de agosto de 1954 a abril de 1955, inimigo político de JK e unanimidade intelectual, fez uma estimativa: 1,5 bilhão de dólares. Levou em conta apenas os gastos públicos, sem falar “no tremendo desperdício indireto com transportes, viagens para cá e para lá, dobradinhas, perda de tempo”, escreveu o economista. Em valores de hoje, aplicando-se apenas a correção monetária americana, a cifra seria equivalente a 19,5 bilhões de dólares. Com juros de 3% ao ano, padrão médio de taxa, chega-se a um valor atual de 83 bilhões de dólares. É quase seis vezes o gasto previsto para as Olimpíadas de 2016, no Rio, de 14 bilhões de dólares. Outro modo de medir o tamanho do desembolso é compará-lo ao PIB. No início dos anos 60, esse valor equivalia a 10% de toda a riqueza brasileira. Transpondo-se em 2009 os mesmos 10%, tem-se algo próximo a 161 bilhões de dólares, embora qualquer comparação de PIB em diferentes períodos históricos seja frágil. O ex-embaixador americano no Brasil Lincoln Gordon, em depoimento ao Congresso dos Estados Unidos em 1966, estimou um valor muito parecido ao de Gudin.

**MEDO DE APOSTAR** Houve muito pouca procura pelos lotes, recurso que capitalizaria as obras mas não funcionou

Os defensores de Juscelino Kubitschek nunca apresentaram cifras porque lhes era impossível calculá-las e politicamente interessante escondê-las. A confusão estabelecida pela Novacap, a empresa responsável pela construção, impedia clareza nas informações. Os amigos de JK tentaram reduzir as estimativas de Gudin e Gordon a um embate empobrecedor e tolo: a sanha dos imperialistas ante o desenvolvimentismo terceiro-mundista de JK. O próprio presidente, em entrevista citada pelo livro *Quanto Custou Brasília*, do jornalista Maurício Vaitsman, defendeu-se de modo populista, ao explicar por que emitira 134 milhões de cruzeiros em cinco anos de governo: “Isso quer dizer

## O CUSTO DA CAPITAL\*

Brasília custou 6 vezes o orçamento estimado para a Olimpíada de 2016, no Rio



Brasília 1960

83 bilhões de dólares



Rio 2016

14 bilhões de dólares

\* A estimativa é de Eugênio Gudin, feita em 1969, recalculada em valores atuais

que toda aquela pletora de desenvolvimento representou, na realidade, o sacrifício de apenas 2 cruzeiros, em cinco anos, para cada brasileiro”.

Apelou-se para a emissão de dinheiro, os tais 2 cruzeiros por cidadão, porque todas as outras formas de financiamento das obras não funcionaram, especialmente a venda de terrenos atrelada à chamada “Obrigação Brasília”, anunciada como ótimo negócio que pouca gente quis. Os terrenos no Planalto Central viraram moeda fácil, promessa vã. Ao receber os jogadores campeões mundiais de futebol em 1958, JK prometeu a eles um pedaço de terra no cerrado. Nenhum deles jamais recebeu o naco anunciado, foi o que revelou o presidente Lula na cerimônia de cinquenta anos do título, em 2008. JK alegaria depois que não pôde doar o chão vermelho aos jogadores porque nada fizera pelos pracinhas que lutaram na II Guerra, e estes pediam alguma compensação. As duas turmas ficaram sem nada.

Havia uma barafunda contábil, e ela explica a ausência de uma estimativa oficial para o custo da construção. A Comissão Parlamentar de Inquérito criada em setembro de 1960 para investigá-la terminou sem conclusão, mas com algumas descobertas. Foi encontrado cerca de 1 milhão de comprovantes de despesas pagas — desse total, apenas 46 000 processos de pagamento estavam devidamente formalizados. “Para 964 000 outros pagamentos efetuados, não existiam comprovantes reais”, escreve o pesquisador Ib Teixeira na revista *Conjuntura Econômica*, da Fundação Getúlio Vargas. “Em muitos casos, eram simples vales.” Não havia livro-caixa, tampouco registros bancários. “Para erguer os palácios de Brasília, JK praticamente quebrou os institutos de Previdência”, afirma Teixeira.

Dá-se como certo — entre oposicionistas da então UDN e situacionistas — que a emissão monetária alimentou a inflação brasileira. Em 1956, ela foi de 24,5%; em 1960, chegou a 30,5%. A dívida externa, engordada por empréstios





JORGE AUDÍO CRUZ/REDAÇÃO A. PRESS

## AS CONTRADIÇÕES DA ECONOMIA NOS ANOS JK

**O Brasil cresceu,...**  
(aumento do PIB)



**...mas a inflação mudou de patamar...**  
(correspondente ao IGP-DI)



\* A inflação caiu em virtude de queda abrupta de preços dos produtos alimentícios em um país até então fundamentalmente agrícola  
Fontes: Luis Raul Z. Contreras, IBGE, FGV e Banco Central

**...a produção de cimento aumentou,...**  
(em milhões de toneladas de Portland)



**...e a dívida externa cresceu**  
(em milhões de dólares)



### PROMESSA, E SÓ

*JK prometeu terrenos aos campeões de 1958, como Garrincha. Eles nunca foram entregues*

mos a serviço de Brasília, saltou de 2,7 milhões para 3,7 milhões de dólares. Um dos principais credores era o Ex-Im Bank, a agência americana de fomento às exportações. O Brasil de JK, cujo lema era cinquenta anos em cinco, realmente cresceu — mas deixou pendurada uma conta salgada e demagógica.

Ao romper com o FMI em 1959 — dizendo que o atendimento das exigências do Fundo representaria o “aniquilamento do país, deixando o povo passando fome” —, JK inaugurou o tempo em que o FMI virou demônio, simbologia simplista e redutora, segundo a qual o organismo queria apenas humilhar o Brasil, quando se tratava somente de cumprimento — ou descumprimento — de critérios técnicos. Hoje, o FMI como monstro parece figura de um passado pré-histórico, pré-queda do Muro de Berlim. Nem mesmo o PT acredita nele. “Juscelino inaugurou o descontrole inflacionário no Brasil”, afirma o pesquisador Eustáquio Reis, do Nemesis, grupo de estudos atrelado ao CNPQ e ao Ipea. “Seu tempo foi o apogeu da irresponsabilidade fiscal.” ■



# ENCANTO NÃO SE TRANSFERE

Como foram os melancólicos  
(mas nem tanto) últimos dias do Rio  
de Janeiro como sede do governo

SÉRGIO RODRIGUES

**N**o dia 21 de abril de 1960, o último do Rio de Janeiro como capital da República, dois de seus principais cronistas — nenhum deles carioca de nascimento, o que era típico de uma metrópole que se pretendia a “síntese do Brasil” — viveram experiências opostas. O capixaba Rubem Braga se desgarrou dos amigos que iam conferir o desfile das escolas de samba na Avenida Rio Branco, um evento sintomaticamente bagunçado, promovido sem dinheiro e com escassez de policiamento pelo Departamento de Turismo da prefeitura para comemorar o nascente estado da Guanabara. Depois de ver no Leme os fogos de artifício que saudaram a meia-noite, Braga entrou solitário numa boate e, ao sair, constatou melancolicamente que a lua minguante era agora uma “lua estadual”.

Naquele momento, o pernambucano Nelson Rodrigues estava longe de tudo isso — do Rio e da melancolia —, em plena festa de inauguração de Brasília, esta sim uma comemoração rica, financiada por um “crédito especial de

## QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA

Havia muita reclamação,  
mas a população do Rio aceitara  
Brasília — Ibope\*

**80%** acreditavam que JK tinha acelerado  
o desenvolvimento brasileiro

**73%** aprovavam a mudança da capital

**62%** acreditavam que a nova capital traria  
benefícios ao país

**24%** desaprovavam a iniciativa

\* Pesquisa realizada em março de 1960



**NOITE ILUSTRADA**  
À porta do Teatro  
Municipal, em noite  
de gala, o chofer  
do Simca Chambord à  
espera dos passageiros

RIO DE JANEIRO — 3 | 3 | 1959

FOTO: ALZAM MILAN/AGENCIA TVBA



Cr\$ 150 milhões", como noticiou na primeira página o jornal antibrasiliense *Tribuna da Imprensa*. Contrariando sua lendária aversão a viagens, Nelson tinha aceitado carona num dos ônibus que o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) — onde um de seus filhos prestava serviço militar — alugara para levar oitenta estudantes secundaristas aos festejos. A caravana saiu do Rio no dia 20 para uma desconfortável viagem de vinte horas. Em troca da hospedagem no Planalto Central, o maior dramaturgo brasileiro negociou enviar para o jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, uma crônica a ser publicada no dia 22, o primeiro da Federação redesenhada.

O cisma aberto em sua elite cultural deixa claro que o Rio de Janeiro chegou aos últimos momentos de seus 71 anos como capital da República — e dos 197 desde que se tornara sede da colônia, em 1763 — imerso em confusão. Uma confusão construída paralelamente ao trabalho dos candangos, crônica por crônica, samba por samba, conversa por conversa, pelo menos des-

## DESPEDIDA

*Juscelino, ao lado de dona Sarah, alguns ministros e funcionários, desce pela última vez a escadaria do Palácio do Catete*

RIO DE JANEIRO — 20 | 4 | 1960  
FOTO: AGÊNCIA ESTADO

## A rixa dos cronistas

“Um túnel ou um viaduto leva anos para ser construído no Rio, qualquer obra se arrasta miseravelmente, por falta de verba — e vamos fazer uma cidade nova nos confins do Judas.”

Rubem Braga, contra a mudança

“Na Praça dos Três Poderes, o brasileiro que não viajou nada, que não passou do Méier, é atravessado pela certeza fanática: a Praça de São Marcos não chega aos pés da nossa.”

Nelson Rodrigues, a favor da mudança



CAMILLO CALAZANS / CPOROC III



IMAGEM





de o início de 1957, quando começou a ficar evidente até para os céticos que Juscelino Kubitschek não estava brincando ao dizer que levaria a capital embora. Aquilo seria bom para o Brasil, mas ruim para a cidade? Um desastre para ambos? Excelente para todos, com exceção dos barnabês? O Rio, agora autônomo, ganharia mais atenção de seus governantes? Brasília dividiu os brasileiros em duas facções, a dos “mudancistas” e a dos “antimudancistas”.

Era natural que a capital preterida fosse palco das principais batalhas.

Não se tratava de mera rixa de literatos. A novidade de concreto armado que brotara em tempo recorde no meio de Goiás era um ímã de aventureiros em busca de enriquecimento rápido, mas deixava apavorados os funcionários públicos federais habituados à vizinhança da praia e ao consumo elegante na Galeria Menescal — destes, apenas 1,1% tinha sido transferido para Brasília a

tempo da inauguração. Políticos amotinados ameaçavam criar um Senado paralelo no Rio, alegando falta de condições de trabalho na Novacap. Na área da cultura popular, o racha ganhou corpo nos sambas antípodas de Billy Blanco e Ataulfo Alves. O primeiro, que em 1957 chegou a ter sua execução proibida extraoficialmente na Rádio Nacional, apregoava que, por não ser “índio nem nada”, não iria para Brasília, “nem eu nem minha família”. O segundo re-

buscava a rima com o nome da nova capital para tomar o rumo oposto: “Levo comigo Conceição e Dorotília / violão e tamborim. / Vou fazer samba em Brasília”.

A imprensa guardou os melhores registros da briga. O título da crônica que pagou a hospedagem de Nelson Rodrigues em Brasília — e que mereceu chamada de primeira página na *Última Hora* — era “A derrota dos cretinos”. Não foi Rubem Braga o alvo escolhido

pelo autor entre os antimudancistas que, sobretudo no Rio e em São Paulo, pululavam na imprensa e nos meios políticos — estes puxados pela retórica inflamada do udenista Carlos Lacerda, dono da *Tribuna da Imprensa* e líder das manobras que haviam tentado impedir JK de tomar posse. “A derrota dos cretinos” fazia mira no poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, outro carioca de adoção, que em uma crônica no *Correio da Manhã* tinha criticado a poeira

vermelha do Planalto Central. Em transe épico — o mesmo que o levava a declarar que, “a partir de Juscelino, surge um novo brasileiro” —, Nelson imaginou o dia em que veria Drummond num canteiro de obras da nova capital, “dando rijas e sadias marteladas”.

Havia mudancistas mais sóbrios. O escritor paraibano José Lins do Rego defendia a tese corriqueira de que o governo federal precisava se isolar dos “problemas locais” de uma grande cida-

## O duelo dos sambistas

Eu não sou índio nem nada  
Não tenho orelha furada  
Nem uso argola pendurada no nariz  
Não uso tanga de pena  
E a minha pele é morena  
Do sol da praia onde nasci  
E me criei feliz  
Não vou, não vou pra Brasília  
Nem eu nem minha família  
Mesmo que seja pra ficar cheio de grana  
A vida não se compara  
Mesmo difícil, tão cara  
Eu caio duro mas fico em Copacabana

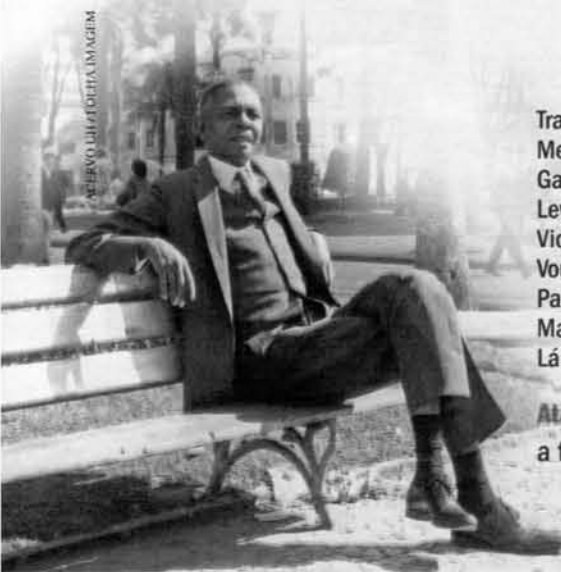
**Billy Blanco**, em *Não Vou pra Brasília*,  
contra a mudança



ARQUIVO PESSOAL

Trabalhador eu sei que sou  
Me dê um palmo de terra, doutor  
Garante a minha família que eu vou  
Levo comigo Conceição e Dorotília  
Violão e tamborim  
Vou fazer samba em Brasília  
Parto, saudoso do meu Rio de Janeiro  
Mas eu vou ficar famoso  
Lá serei o primeiro

**Ataulfo Alves**, *Samba em Brasília*,  
a favor da mudança



ARQUIVO DA FOTIA IMAGEM



### A SAÍDA...

Caminhão de mudança leva móveis e papéis do Palácio Monroe, sede do Senado no Rio

RIO DE JANEIRO — 5 | 4 | 1960 FOTO: ARQUIVO NACIONAL

### ...A CHEGADA

Desolação do funcionário público no cenário seco do novo Distrito Federal

BRASÍLIA — 1960 FOTO: PETER SCHEIER/INSTITUTO MOREIRA SALLES





de. Os antimudancistas também tinham colorações variadas. Enquanto o maranhense Josué Montello lamentava a partida das autoridades federais, “grandes figuras que se ajustavam à importância” do relevo carioca, Rubem Braga mal disfarçava o despeito ao prever que “pelo menos no caráter” faria bem ao Rio a migração da “fauna mais graúda dos animais de rapina” para o Planalto Central. O ciúme era tão disseminado que chegava a ser explícito no texto publicado por David Nasser na revista *O Cruzeiro* de 7 de maio de 1960: “Obrigado, Juscelino, por haveres trocado esta cidade por uma paixão recente. O Rio te agradece por Brasília, a noiva que preferiste a um velho amor”.

**Café society.** Tratava-se, porém, de um ciúme temperado por autossuficiência. Ao mesmo tempo em que listava as mazelas urbanas que poderiam ter sido resolvidas pelos dutos de dinheiro canalizados para Brasília — falta de água crônica, enchentes, trânsito engarrafado, favelização —, a imprensa da cidade fazia variações sobre o tema “Encanto não se transfere”, ilustrado por uma foto da Praia de Copacabana no *Jornal do Brasil* de 21 de abril de 1960. O “encanto” não englobava pouca coisa. O Rio acabava de adicionar mais um tijolinho ao edifício de sua fama internacional com o sucesso do filme *Orfeu Negro*, de Marcel Camus, Palma de Ouro em Cannes. Exportava para o resto do Brasil, via colunismo social e revistas de grande vendagem como *O Cruzeiro* e *Manchete*, um espetáculo de boa vida e elegância conhecido como café society e simbolizado pela sofisticação da boate Sacha’s, frequentada até por JK. E embalava tudo isso na batida da bossa nova, produto de sua classe média praiana, que naquele ano de 1960 venderia nos Estados Unidos mais de 1 milhão de cópias de *Samba de Uma Nota Só* e *Desafinado*. Como poderia o *Peixe Vivo* competir com aquilo? “Espírito e coração do Brasil”, pontificou o *Correio da Manhã* em editorial, “continuamos sendo nós.”

JK, político hábil, tratou de afagar esse orgulho na despedida. No programa de rádio *Voz do Brasil* de 19 de abril de 1960, mandou um recado à cidade, dizendo que seus “centros de cultura prosseguirão jorrando a luz que dirige a marcha do Brasil para o seu grande destino”. No dia seguinte, ao descer a escadaria do Palácio do Catete pela última vez, derramou algumas lágrimas. E no fim tudo acabou em festa popular, com “centenas de milhares de pessoas” (a conta é do jornal *O Estado de S. Paulo*) tomando “a Avenida Rio Branco, Largo da Lapa e vias adjacentes”. À meia-noite do dia 20, o samba deu lugar a um buzinaço e à marchinha *Cidade Maravilhosa*, recém-transformada em hino da Guanabara. Na guerra ruidosa entre mudancistas e antimudancistas, entre a ciúmeira e a euforia, não sobrou espaço para uma reforma institucional que equacionasse o futuro político e econômico de uma cidade desabituada de ser província. Quarenta anos depois, com amargura, o economista Carlos Lessa anotaria no livro *O Rio de Todos os Brasis*: “O Rio cedeu os direitos de primogenitura em troca de um prato de lentilhas”. Deu-se parte da recuperação da autoestima carioca em 2 de outubro deste ano, quando a cidade foi anunciada como sede da Olimpíada de 2016. “O Rio é uma cidade que perdeu muitas coisas ao longo da história”, disse o presidente Lula. “Foi capital, foi coroa portuguesa, e aparece nos jornais em notícias ruins. É hora de retribuição a um povo maravilhoso.” ■

## SOLIDÃO

Apenas 1,1%  
dos funcionários públicos  
federais trocou o litoral  
pelo cerrado  
nos primeiros dias  
da mudança

BRASÍLIA — 1960

FOTO: PETER SCHEIER/INSTITUTO MOREIRA SALLES





# A LOLITA DO PLANALTO

O primeiro dia da capital recém-nascida

## O CHOQUE DO NOVO

*Mesas ao ar livre,  
garçons e muita elegância  
na quente noite de  
Brasília depois do parto*

PRAÇA DOS TRÊS PODERES - 21 | 4 | 1960  
FOTO: RENÉ BURRUMAGNUM





ACERVO GABRIEL GONDIM

## CREDENCIAL

O crachá de trabalho dos jornalistas

## EMOÇÃO DE PRESIDENTE

A foto do choro de JK na missa estará em todos os jornais, menos na *Tribuna da Imprensa*, do opositorista-mor Carlos Lacerda

BRASÍLIA - 21 | 4 | 1960

FOTO: ARQUIVO FOTOGRÁFICO BLOCH EDITORES

## HUMBERTO WERNECK

Impaciente como o fundador da cidade, o primeiro dia da nova capital da República começou na véspera. Faltavam cinco minutos para a meia-noite quando, na Praça dos Três Poderes, aos olhos de 30 000 pessoas, o cardeal português dom Manuel Gonçalves Cerejeira, representante do papa João XXIII, deu início à celebração de uma missa solene. Sobre o altar, erguia-se a cruz de ferro que, 460 anos antes, abençoara a primeira missa em terra

brasileira, rezada por frei Henrique de Coimbra, capelão da esquadra de Pedro Álvares Cabral. Trazida do museu da Sé de Braga, em Portugal, a velha cruz não foi a única relíquia incorporada à solenidade: minutos mais tarde, no instante da Consagração, repicou o sino cujo toque teria anunciado em Vila Rica a execução de Tiradentes em outro 21 de abril, o de 1792. Nesse momento, as luzes da praça, até então apagadas, se acenderam teatralmente, ao mesmo tempo em que dois portentosos holofotes miraram o céu, cortando com seus fachos coloridos

o breu da noite planaltina. Não é de espantar que na primeira fila o presidente Juscelino Kubitschek tenha caído no choro, cobrindo o rosto com a mão direita. A foto estará em todos os jornais — menos na *Tribuna da Imprensa*, do opositorista-mor Carlos Lacerda, que optará por outro flagrante, no qual JK confabula com João Goulart, para insinuar que o presidente e seu vice passaram a missa cochichando.

Lacerda, claro, não está em Brasília. Jânio Quadros, candidato da oposição que vencerá as eleições presidenciais de



AG. O GLOBO



INSCO VON PUTTKAMIER/ACERVO GONCALVES

**BOM PERDEDOR** Juracy Magalhães, governador da Bahia, tinha apostado com JK que Brasília não ficaria pronta a tempo. Bom perdedor, entregou a gravata com pequenos quadrados pretos e brancos que o presidente usaria nas festas (à dir.)









## LUZES TEATRAIS

*Depois do repicar do sino, portentosos holofotes iluminam o breu da noite planaltina na véspera do grande dia*

BRASÍLIA - 20 | 4 | 1960  
FOTO: SÉRGIO JORGE

## A TURMA DANÇOU POUCO

*No baile de gala houve mais interesse pelo Palácio do Planalto do que pela orquestra de Bené Nunes*

BRASÍLIA - 21 | 4 | 1960

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL

outubro, também não. Mas outros anti-mudancistas deram as caras, ainda que meio amarradas. Nenhum deles demonstrará mais *fair play* do que Juracy Magalhães, o governador da Bahia. Ele havia apostado com JK que Brasília não ficaria pronta a tempo. Bom perdedor, trouxe uma gravata e a entregou ao presidente no dia 20. *Made in USA*, tem pequenos quadrados pretos e brancos e custou 5 dólares. JK vai usá-la neste dia 21, quando receber o corpo diplomático, e em seguida, na primeira reunião com seu ministério.

Antes disso, porém, ele terá outros compromissos. Na sua agenda para esta quinta-feira praticamente não há respiros. O presidente esteve na Praça dos Três Poderes até pelo menos 1 da manhã, pois aos 47 minutos do dia 21, terminada a missa, ouviu-se uma saudação de João XXIII diretamente de Roma, pelas ondas da Rádio Vaticano. Às 8 da manhã, lá estava ele outra vez na praça, para ouvir o toque de alvorada pela banda do Batalhão de Guardas. Cinco minutos mais tarde, ali mesmo, coube-lhe hastear a bandeira brasileira, já ostentando a novidade de uma 22ª estrela, correspondente ao recém-criado estado da Guanabara.







**AO VIVO, EM PRETO E BRANCO**

Mas foi também a estreia brasileira de uma novidade americana, o videoteipe

BRASÍLIA - 21 | 4 | 1960

FOTO: JESCO VON PUTTKAMER / ACERVO IGPA / UCG

Às 8h30, agora sim, com a gravata de Juracy Magalhães, JK vai receber 55 embaixadores estrangeiros no Palácio do Planalto, solenidade que não poderá se estender além de sessenta minutos, pois para as 9h30 está marcada a instalação simultânea dos três poderes da República, cada qual na sua casa.

Fecho do discurso de JK na rápida reunião ministerial: "Neste dia — 21 de abril — consagrado ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao 138º ano da Independência e 71º da República, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, capital dos Estados Unidos do Brasil". Primeiro ato do Executivo, assinado em seguida: mensagem ao Congresso Nacional propondo a criação da Universidade de Brasília.

Em outro canto da praça, à entrada do prédio do Supremo Tribunal Fede-

## VOLTA AO MUNDO NAS MANCHETES

**Au BRÉSIL**  
une capitale vient de naître



FRANÇA: "No Brasil uma capital acaba de nascer"



ESTADOS UNIDOS: "A Brasília de Kubitschek. Onde antes a onça rugia, surge uma metrópole"

**BRASILIA**  
HA ABIERTO  
SUS PUERTAS

ESPANHA: "Brasília abriu suas portas"



ALEMANHA: "Começa a mudança para a capital na floresta. Rumo a Brasília!"

examinando a nova casa e reencontrando companheiros". Os oposicionistas, como era de esperar, se opunham — "diversos achavam que a decoração do plenário carecia de suficiente solenidade, ou faziam reparos sobre o funcionamento da casa".

Contrariando previsões de que alguns parlamentares teriam como cama uma "folha de jornal", que nem no samba *O Orvalho Vem Caindo*, de Noel Rosa, nenhum deles ficou sem pouso. Mas ocorreram problemas, alguns dos quais resolvidos de maneira pouco ortodoxa.

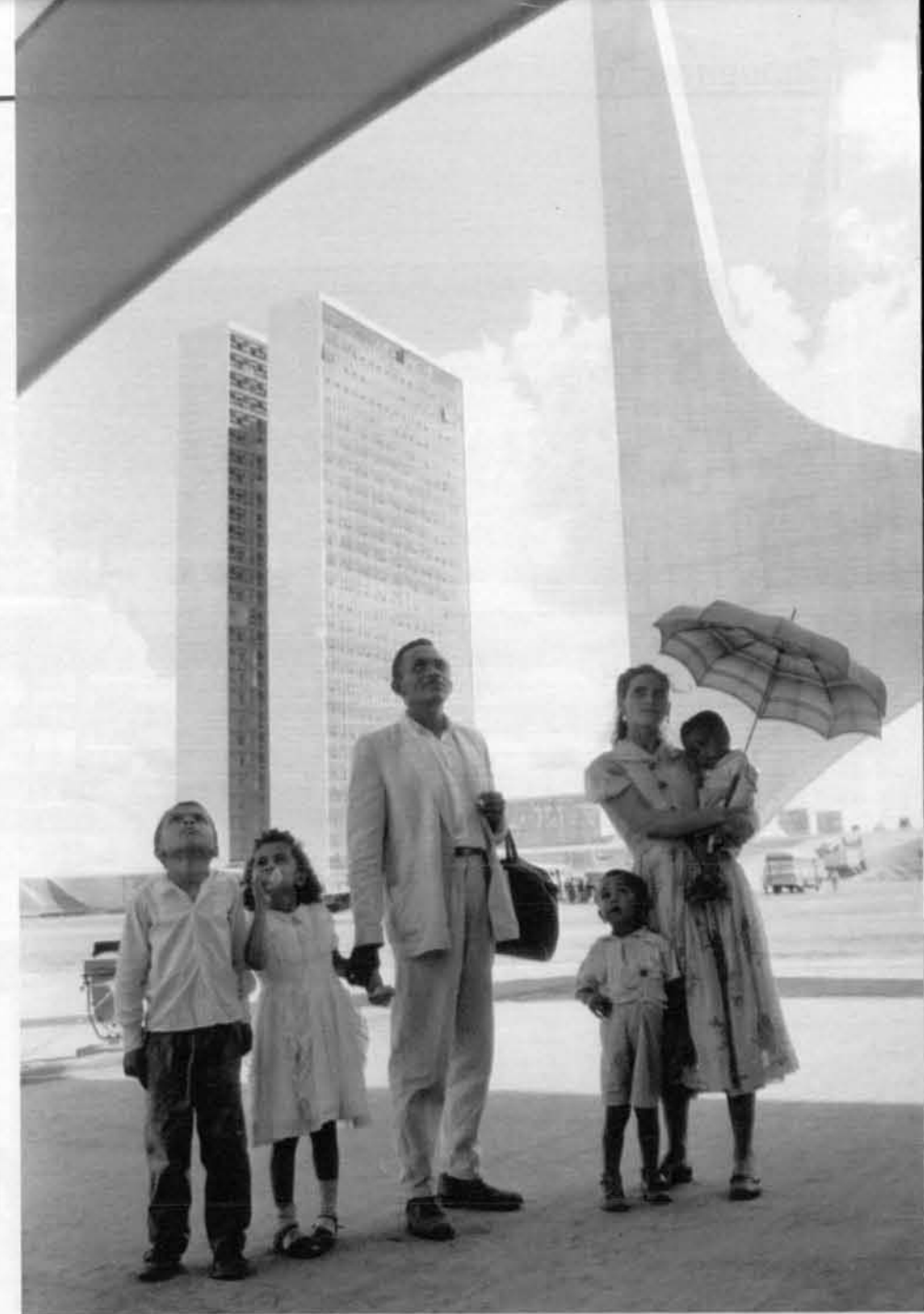
Como ainda não existiam acomodações para todos e o Brasília Palace Hotel estivesse lotado, houve deputados e senadores dividindo um mesmo teto, no que a *Tribuna da Imprensa* classificou de "coletivismo". O sufoco imobiliário contribuiu para estressar o deputado maranhense José Neiva Moreira, responsável pela mudança da Câmara e do Senado, que baixou no hospital.

O deputado cearense Ozires Pontes, tendo encontrado sem mobília o apartamento que lhe foi destinado, "saiu para a rua com um revólver" (o relato é do

**RETIRANTES** A família nordestina na Praça dos Três Poderes rinando de nova

BRASÍLIA | 1960 FOTO: RENÉ BURRI / MAGNUM

jornalista José Amádio, da revista *O Cruzeiro*, simpática a JK). "parou um caminhão e 'requisitou' os móveis que iam nele", reservados para seu colega paraense Océlio Medeiros. Outro, contou ainda José Amádio, "figura de prestígio na República", mandou um avião buscar travesseiros e cabides no Rio de







#### EXCURSÕES

As estimativas vão de 150 000 a 250 000 pessoas na jornada inaugural

BRASÍLIA - 21 | 4 | 1960

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



**VISITANTES** Antes da chegada de deputados e senadores, o passeio público no Congresso Nacional

BRASÍLIA - 21 | 4 | 1960

FOTO: THOMAZ FARKAS / INSTITUTO MOREIRA SALLES

Janeiro. Muita gente reclamou da espera nos três únicos restaurantes de nível em funcionamento, mas também do sanduíche de mortadela a 70 cruzeiros. (O salário mínimo era de 5 900 cruzeiros, ou 392 dólares, que em 2009 corresponderão a 735 reais.)

**Cinquentão meio calvo.** Nos palácios da Praça dos Três Poderes, mais de uma pessoa, não necessariamente capiau, entrou com tudo nas paredes envidraçadas, "modernidade" à qual nem todos estavam habituados. No prédio do Congresso, um segurança barrou a entrada de um cinquentão meio calvo, porque ele vestia blusão em vez de paletó, até que alguém identificasse o visitante: Oscar Niemeyer. O deputado gaúcho Clóvis Pestana tornou-se pioneiro em acidentes de trânsito brasileiros ao ser atropelado, sem maior gravidade, por uma Rural Willys —



# OSTEOPOROSE

## mal que enfraquece os ossos

A osteoporose é uma doença que age silenciosamente, pois não apresenta sintomas na sua fase inicial. É causada pela deficiência de cálcio e atinge a maior parte da população acima dos 45 anos, sendo mais comum em mulheres. A osteoporose enfraquece os ossos, provocando dores, deformações na coluna, diminuição da estatura, perda de massa óssea e é uma das principais causas de fraturas.



Atualmente o que é mais indicado para combater a osteoporose é a prevenção com o consumo diário de suplementos à base de cálcio e vitamina D3. **Calcitran D3** é um avançado suplemento à base de cálcio e vitamina D3.

#### Calcitran D3:

- previne a deficiência de cálcio e vitamina D3;
- é indicado no tratamento auxiliar da osteoporose, pois repõe as necessidades diárias de cálcio e vitamina D3;
- tem boa relação custo-benefício, pois basta apenas 1 comprimido ao dia.



Tenha ossos sempre fortes com **Calcitran D3**.



## Fauna

## O ROEDOR DO CERRADO

*Juscelinomys candango*, a espécie identificada em 1960, está provavelmente extinto

Não foi preciso uma CPI ou um repórter arguto para descobrir em Brasília uma espécie até então desconhecida de roedor, exatamente no ano em que os poderes da República lá se instalaram, nem parece ter havido malícia na divulgação do achado. O descobridor foi o biólogo mineiro João Moojen de Oliveira (1904-1985), que em 1960 deparou no cerrado com um animal de pequeno porte (14 centímetros mais uns 10 centímetros de cauda) da família Cricetidae e, em homenagem ao construtor da cidade, batizou-o de *Juscelinomys candango*. Como até hoje apenas nove indivíduos foram avistados, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) decidiu incluir o roedor na lista das espécies provavelmente extintas. Bem mais tarde (1999), a cientista americana Louise H. Emmons encontrou na Bolívia uns parentes do animal descrito no Brasil e decidiu estender a eles a denominação *Juscelinomys*. A Moojen se deve ainda a descoberta, também no Planalto Central, de uma nova espécie de jararaca.

## BICHO EMPALHADO

O feioso animal foi descoberto e classificado por um biólogo mineiro

uma das estrelas da incipiente indústria automobilística nacional, ao lado do DKW-Vemag, do Fusca (que ainda não tinha o apelido), do Dauphine, do Aero-Willys, do Simca Chambord e, sensação das sensações, do luxuoso FNM 2000, fabricado no país sob licença da italiana Alfa Romeo e batizado "JK". Foi ao volante de um desses reluzentes xarás que Juscelino, na tarde do dia 20, fez sua entrada apoteótica em Brasília, vindo do Catetinho, para receber a chave da cidade das mãos de Israel Pinheiro, o presidente da Novacap. O cortejo de mais de 200 carros atrás do JK de JK levantou tanta poeira que, segundo a *Folha de S.Paulo*, os motoristas nada viam "além de 4 metros".

**Roupas de domingo.** A poeira, inelutavelmente, esteve não só no ar como no centro das conversas. "As cores predominantes da moda feminina em Brasília serão areia, brique, bege e marrom", vaticinara com sarcasmo a *Tribuna da Imprensa*. Outros jornais, sem ignorar a poeirada, deram mais ênfase aos encantos das mulheres presentes. "A beleza arquitetônica de Brasília está de um certo modo empanada pela beleza e graça de um mundo de lindas mulheres que, ainda hoje, chegam para as festas da inauguração", galanteou a *Última Hora*. O *Cruzeiro* amalgamou mulher e cidade para ver em Brasília "um brotinho, ainda inexperiente, ainda inculto, sem maquilagem", a própria "Lolita do Planalto". Sem derramamentos dessa ordem, a imprensa estrangeira fez de Brasília um grande assunto. No âmbito doméstico, uma das novidades do 21 de abril de 1960 foi o lançamento de um diário que recuperou o título daquele que é considerado o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, criado por Hipólito José da Costa em 1808. No mesmo dia, os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, também inauguraram a TV Brasília, que pôs no ar a primeira rede de televisão do país, levando imagens da festa até Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Foi também a estreia brasileira do videoteipe.



**DISCURSO** JK vai ao púlpito do Palácio do Planalto. Ali, em janeiro do ano seguinte, ele passaria o cargo a Jânio Quadros

BRASÍLIA - 21 | 4 | 1960

FOTO: RENÉ BURRI / MAGNUM

Correndo de lá para cá, de compromisso em compromisso, em meio a fraques, casacas, cartolas e uniformes militares, foram poucos os eventos a que o presidente JK não compareceu. Esteve na cerimônia de instalação da Arquidiocese de Brasília, quando tomou posse o primeiro arcebispo da cidade, dom José Newton de Almeida Baptista; na sessão conjunta do Congresso Nacional, aplaudido de pé durante intermináveis minutos; na inauguração do Monumento Comemorativo da instalação do governo federal em Brasília, ao lado do "Príncipe dos Poetas Brasileiros", Guilherme de Almeida, que desfiou os versos de sua "Prece Natalícia a Brasília"; na parada militar; no desfile em homenagem aos 60 000 candangos que construíram a cidade, e que agora, com sua família e suas roupas de domingo, por ela passeavam, orgulhosos, misturados a cerca de 150 000 visitantes segundo alguns cálculos, ou 250 000, segundo outros.

Às 22h30, quando já rolava no Eixo Monumental uma grande festa popular, JK vestiu casaca para, com dona Sarah, recepcionar 3 000 convidados num baile no Palácio do Planalto, ao som da orquestra do pianista Bené Nunes. "Nunca verei um espetáculo mais chique do que a inauguração de Brasília", exagerou na revista *Manchete* o colunista Jacinto de Thormes. Em *O Cruzeiro*, José Amádio informará que "a turma dançou pouco", mas "comeu e bebeu muito". Às 2 da manhã do dia 22, o presidente bateu em retirada, não sem antes recomendar às filhas, Márcia e Maria Estela, que não passassem das 3. Depois de ter conseguido antecipá-lo em alguns minutos, JK prolongara por duas horas o dia mais glorioso de sua vida. ■



# CAÇADORES DE IMAGENS

Não houve preocupação do governo no registro do momento histórico — a memória visual daquele tempo é resultado da iniciativa de gente obcecada e aventureira

**N**a infância da televisão, de escassas transmissões ao vivo e videoteipe engatinhando, os fotógrafos foram fundamentais na história visual dos primeiros anos de Brasília. Eles escreveram capítulo especial na aventura. “Revelaram a nova arquitetura e o que havia por trás dela, os operários que buscavam o futuro num lugar inóspito”, diz a arquiteta Sonia Maria Milani Gouveia, estudiosa do assunto. Um primeiro raciocínio pode fazer crer que os profissionais das lentes tenham tido, em meados do século XX, função semelhante à de pintores como o francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e o alemão Johann Moritz Rugendas (1802-1858), que no século XIX mostraram, por meio das missões artísticas, o exotismo brasileiro ao exterior, no tempo da escravidão e colônia. A comparação é indevida, porque profissionais como o francês Marcel Gautherot (1910-1996) e o alemão Peter Scheier (1908-1979) já viviam no Brasil quando foram em busca da surpresa do novo no Planalto Central. “Embora tivessem um olhar exógeno, de fora, estavam completamente adaptados à cultura nacional”, afirma Sonia Maria.

Ainda que tivessem raízes tropicais, condição que barrava o olhar deslumbrado do desconhecido, os fotógrafos

imigrantes eram de estirpe diferente daquela dos brasileiros João Gabriel Gondim de Lima (1925-1994), enviado especial de um jornal de Fortaleza ao cerrado, do químico de formação Jesco von Puttkamer (1919-1994), de pais alemães, e de Mário Fontenelle (1919-1986), um mecânico de aviões piauiense que se aproximou de JK e a partir dessa proximidade fez as fotos certas no lugar certo (é dele a imagem do cruzamento inaugural que aparece no início desta edição de VEJA). Gondim, Jesco e Fontenelle tinham o olhar candango. “o ponto de vista de quem construía a nova capital”, diz o antropólogo e fotógrafo Milton Guran, pesquisador do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense.

Com uma máquina Leica presenteada por JK, Fontenelle fez imagens que naquele tempo soavam como mero registro burocrático, espetacular senso de oportunidade, e hoje têm força semelhante à dos registros de Claude Lévi-Strauss no Brasil dos anos 30 e de Pierre Verger, um pouco mais tarde, ao mostrar o parentesco entre o povo da Bahia e o de Benin, na África.

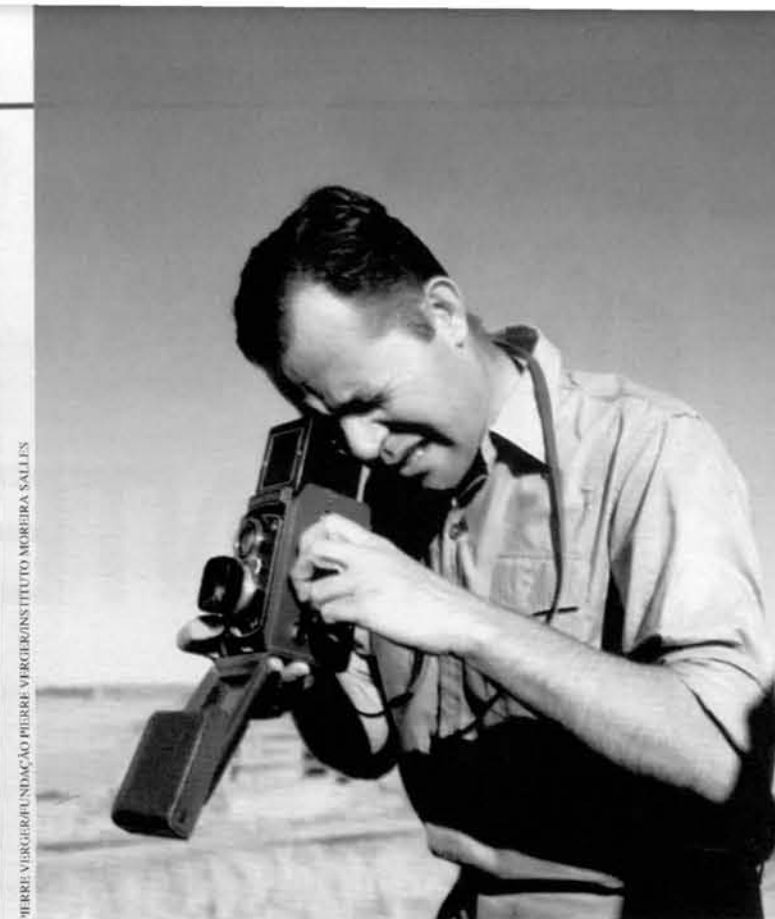
É espantoso, do ponto de vista da memória de um país, que o governo de JK não tenha montado uma equipe de registro documental — bastaria inspi-

PETER SCHEIER/INSTITUTO MOREIRA SALLES

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



PIERRE VERGER/FUNDAÇÃO PIERRE VERGER/INSTITUTO MOREIRA SALLES



**MARCEL GAUTHEROT**  
(1910-1996)

*O francês apaixonou-se pelo Brasil ao ler Jubiabá, romance de Jorge Amado*

**PETER SCHEIER**  
(1908-1979)

*O alemão em autorretrato no Palácio da Alvorada*

rar-se no imperador dom Pedro II, que instituiu a figura do “photographo da Casa Imperial” em 1851. Existem imagens do nascimento de Brasília — parte delas heroicamente guardada pelo Arquivo Público do Distrito Federal, montado anos depois da inauguração da cidade — porque havia relações de amizade e compadrio. Fontenelle, porque Juscelino gostava dele. Gautherot, porque Niemeyer o convocara para a empreitada. Havia também repórteres fotográficos de órgãos de imprensa, como Jean Manzon, e apaixonados como Thomaz Farkas, além de correspondentes internacionais, como os da

**MÁRIO FONTENELLE**  
(1919-1986)

*Mecânico de aviões, era amigo pessoal de Juscelino Kubitschek*

agência Magnum. Mas eram iniciativas pessoais, de gente obcecada.

Nunca existiu preocupação oficial de documentar um momento épico do país. Como sempre, é a iniciativa privada que preserva os documentos históricos. Os negativos de Gautherot, Scheier e Farkas fazem parte do acervo do Instituto Moreira Salles. São a tradução em preto e branco de uma frase do filósofo alemão Max Bense, que em 1961 esteve no Planalto. “Essa cidade é um evento visual, como um cartaz”, escreveu no livro *Inteligência Brasileira* (Cosac Naify). “Brasília exige da consciência um novo sentido para a métrica, mas o matiz topológico de sua concepção é revelado pelo fato de que se pode, a partir de qualquer ponto de vista, representar a cidade comprimida ou distendida, relativamente aumentada ou diminuída.” ■



# O DIA SEGUINTE

Para deflagrar um hábito e antecipar um mau costume, o cotidiano de Brasília começou com um feriadão e tentativas (malsucedidas) de CPIs. Mas o Grande Prêmio JK de velocidade foi um tremendo sucesso

CECÍLIA PINTO COELHO

**B**rasília fez-se Brasília, ou ao menos a Brasília do poder, no dia seguinte ao cortar de fita. Começou com um feriadão — sexta-feira, 22; sábado, 23; e domingo, 24 —, porque ninguém é de ferro e os deputados e senadores tinham mais que fazer no Rio com promessa de sol. Nem bem começara a vida da nova capital e já brotara a “campanha do retorno”. Um grupo de dezenove senadores da oposição liderada pela UDN de Carlos Lacerda reabriu simbolicamente o Palácio Monroe, na Cidade Maravilhosa. Em Brasília, só voltariam à labuta no fim de maio. Na segunda-feira, 25 de abril, primeira jornada útil, a Câmara dos Deputados não teve quórum para sessão e um dos ministros do Supremo Tribunal Federal foi à imprensa para explicar por que se recusara a permanecer no cerrado. A revista *Time* americana relatou a reprimenda de JK ao ministro da Saúde, Mário Pinotti, que retornou ao Rio. “Se o senhor não voltar, melhor renunciar.” Pinotti deu o pinote, e logo estava em Brasília.

Depois da festa — ao fim do Grande Prêmio Juscelino Kubitschek de auto-

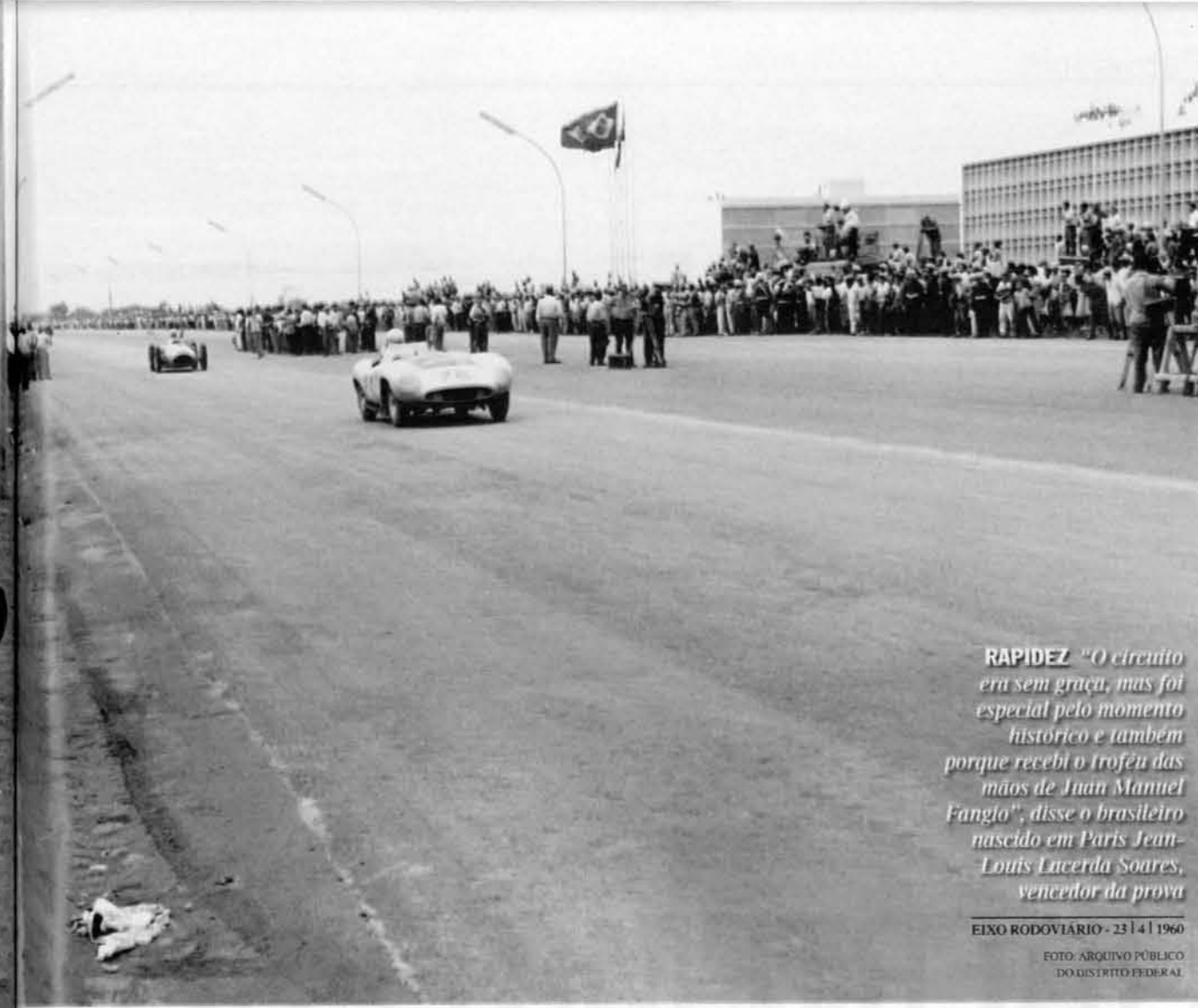
mobilismo nas avenidas e do Campeonato Brasileiro de Barcos no Paranoá —, e como o cotidiano se anunciava árido, houve debandada geral. Pelo menos 500 000 pessoas acompanharam as festas no 21 de abril de 1960. Muitas chegaram antes, gradativamente, hospedando-se nas cidades-satélite, em casas de família, ou mesmo em lugares distantes. O 22 de abril foi o caos, porque quem chegara de avião queria retornar do mesmo modo, e rápido, mas não havia espaço para todos. O Ministério da Aeronáutica teve de instalar uma força-tarefa. Convém lembrar que a ponte aérea Brasília-Rio só valeria a partir de 26 de abril.

**Casa Cor.** Nem tudo eram andaimes. Deu-se prioridade à Praça dos Três Poderes e à Esplanada dos Ministérios, embora o anexo central do Congresso (o prédio em forma de “H”) e os edifícios dos ministérios não pudessem funcionar plenamente. Nos setores residenciais, apostou-se na Asa Sul — mas ali também, na inauguração, apenas 11,8% de um total de noventa superquadras planejadas estava terminado. Havia um jeitão de Casa Cor: desde 1959, quando fora inaugurado o primeiro edifício de seis andares, a Novacap mobiliou um

dos apartamentos para mostrar o estilo de vida que Brasília reservava ao futuro, um futuro que a rigor só chegou em 1970, já durante o governo Médici.

Um passeio pelos jornais daqueles dias — os de oposição, claro — dá o tom do vazio criado depois da euforia. *Correio da Manhã* de 21 de abril: “Brasília é um pandemônio”. *Diário Carioca* do mesmo dia: “Brasília se inaugura sem depósito de lixo: o que havia virou favela”. *Tribuna da Imprensa*: “Senadores pedirão a volta do Congresso: Brasília é um caos”. As reportagens eram unânimes — e nesse caso mesmo entre os órgãos favoráveis a JK — em destacar a poeira que sobrava depois de a poeira baixar e o lixo que se acumulava. O *Jornal do Brasil* resumiu o ambiente: “Deputados sem ter onde morar começam hoje mesmo a voltar ao Rio”.

Quem ficou, para não perder o costume, ou para inaugurá-lo, tentou em-



**RAPIDEZ** “O circuito era sem graça, mas foi especial pelo momento histórico e também porque recebi o troféu das mãos de Juan Manuel Fangio”, disse o brasileiro nascido em Paris Jean-Louis Lacerda Soares, vencedor da prova

EIXO RODoviÁRIO - 23 | 4 | 1960

FOTO: ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL



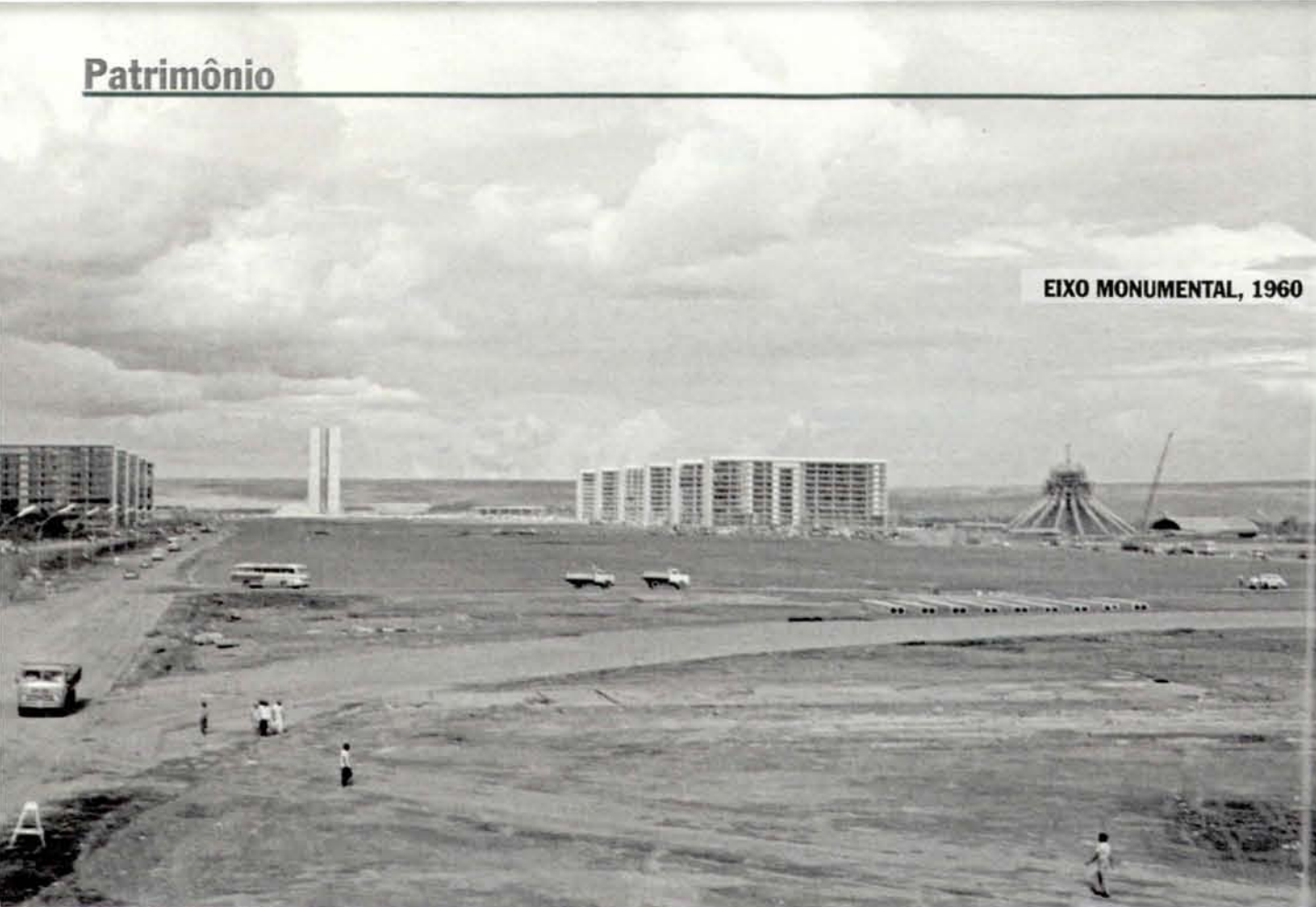
placar uma CPI. No ano da inauguração, nove comissões foram registradas no *Diário do Congresso Nacional*. Uma delas, publicada no periódico em 25 de agosto daquele ano, foi criada para investigar as condições da construção de Brasília, da organização e regulamentação de seus serviços públicos. A comissão, de autoria do deputado Seixas Dória, udenista de Sergipe, estava prevista para funcionar por noventa dias, mas não chegou a nenhuma conclusão. Fracassou também a tentativa de alcançar o governo de JK com a CPI do Vidro Plano, montada em 1959 para descobrir como o casamento dos imensos janelões do modernismo na arquitetura com os interesses dos em-

**ANÁGUAS A BORDO** A comédia com Tony Curtis e Dina Merrill foi um dos destaques do Cine Brasília, projetado — evidentemente — por Niemeyer

preiteiros encarecera a construção. Não avançou, e ficou por isso mesmo.

Com plenários vazios, e à falta de restaurantes para frequentar, ia-se ao cinema. No Cine Brasília, desenhado por Oscar Niemeyer no Plano Piloto, com 1 200 lugares, os destaques da primeira semana foram *Anáguas a Bordo*, com Cary Grant e Tony Curtis; *O Discípulo do Diabo*, com Kirk Douglas e Burt Lancaster; e *A Canoa Furou*, com Jerry Lewis. Na Cidade Livre — o atual Núcleo Bandeirante —, rofiam-se unhas com o faroeste *A Lei do Mais Valente* e a aventura *Tempestade em Sangolândia*. Difícil, quase impossível, era conseguir ingresso. “Brasília não era uma capital, nem mesmo uma cidade, à época de sua inauguração”, afirma Márcio de Oliveira, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, estudioso daqueles dias de corajoso pioneirismo. ■





EIXO MONUMENTAL, 1960

THOMAZ FARKAS / INSTITUTO MOREIRA SALLES



EIXO MONUMENTAL, 2009

PAULO VITALE

# LIBERTEM O ESPÍRITO DE BRASÍLIA

O tombamento, assegurado por uma camada de leis, trai a ideia original de um lugar inovador e experimental

JAMES HOLSTON\*

**D**escobri aquilo que os pioneiros candangos chamavam de “o espírito de Brasília” no começo da década de 80, quando vivi durante dois anos no Distrito Federal. Eu estava fazendo a investigação de campo para o meu livro sobre a cidade, publicado inicialmente nos Estados Unidos e depois no Brasil (*A Cidade Modernista*, 1993). Ele considera os extraordinários privilégios e desigualdades de Brasília — segundo vários indicadores, a cidade mais desigual do Brasil na época da minha pesquisa — como originados não primariamente nos fatos subsequentes à sua inauguração, mas principalmente nas premissas dos modelos

modernistas urbanísticos, arquitetônicos e burocráticos de vida citadina que a fundaram. Ao longo dos anos, tornei-me conhecido como um “crítico de Brasília”. Ainda que o seja, continuo um vigoroso defensor daquilo que os candangos com os quais trabalhei para investigar a história da sua cidade descreviam como sendo o espírito de Brasília: sua invocação para romper com o passado, para ousar imaginar um futuro diferente, para abraçar o moderno como um campo para experimento e risco — um espírito que os inspirou a criar uma cidade de tantos modos inovadora, para além da sua arquitetura e urbanismo.

Desde os dias pioneiros de Brasília, no entanto, esse espírito tem sido sepultado sob camadas de preservação legal que o impedem de inspirar novas gerações de cidadãos brasilienses, que impedem esses cidadãos de o usarem para tornar a cidade viva com suas próprias experiências. Ele continua, em vez disso, algemado aos serviços de alguns poucos velhos pioneiros e seus herdeiros, para quem esse espírito serve apenas à sua visão de Brasília. Eles a governam como gerontocratas, reivindicando o privilégio e a exceção para de vez em quando retirá-lo da sua tumba a fim de justificar um projeto de seu interesse. Ofereço esses

comentários como um protesto contra essa prisão e seus carcereiros. Ofereço-os como um apelo aos cidadãos de Brasília para reviver a cidade como um espaço nacional especial de experimentação, dedicado à solução de importantes problemas da vida urbana contemporânea.

Mas antes me deixem descrever esse espírito, porque receio que muitos possam ter se esquecido de que isso já definiu o que havia de essencial e glorioso a respeito da cidade. Brasília sempre foi ao mesmo tempo radicalmente estranha e familiar, separada e integrada ao resto do Brasil. Justificando seu apoio ao Plano Piloto modernista de Lucio Costa para a cidade, o presidente Kubitschek argumentou, em seu livro de memórias, *Por que Construí Brasília*, que, “devendo constituir a base de irradiação de um sistema desbravador (*de desenvolvimento*) (...), (Brasília) teria de ser, forçosamente, uma metrópole com características diferentes, que ignorasse a realidade contemporânea e se voltasse, com todos os seus elementos constitutivos, para o futuro”. A Brasília modernista perturbou o mundo familiar da década de 50, com sua exibição de modernidade, regulamentação e progresso, tanto que a sua primeira geração de habitantes cunhou um termo especial, *brasilite*,

para descrever o choque do novo. Muitos imaginavam que o universo de inovações da cidade modernista — não só sua arquitetura e seus vastos espaços sem esquinas nem praças, mas também seu novo sistema educacional, a ausência de propriedades privadas, as distribuições igualitárias de recursos aos funcionários, entre muitas outras — produziria um estranhamento radical que teria como resultado, nas palavras do relatório de 1963 da Novacap a respeito da sua administração da capital, publicado na sua revista *Brasília*, “a inexistência de discriminação de classes sociais (...) e assim (*seria*) educada, no Planalto, a infância que construirá o Brasil de amanhã, já que Brasília é o glorioso berço de uma nova civilização”.

**Sentido de invenção.** Se essa Brasília parece incongruente e brasileira, sua construção e desenvolvimento expressam ao mesmo tempo um jeito notavelmente brasileiro de fazer as coisas: um sentido de invenção, uma aptidão para a improvisação, um desejo de superar com saltos. É a necessidade de ser moderno que vê a falta de recursos como uma oportunidade para a inovação. Afinal, os pioneiros construíram Brasília em pouco mais de três anos. Eles transformaram um lugar no meio do nada,

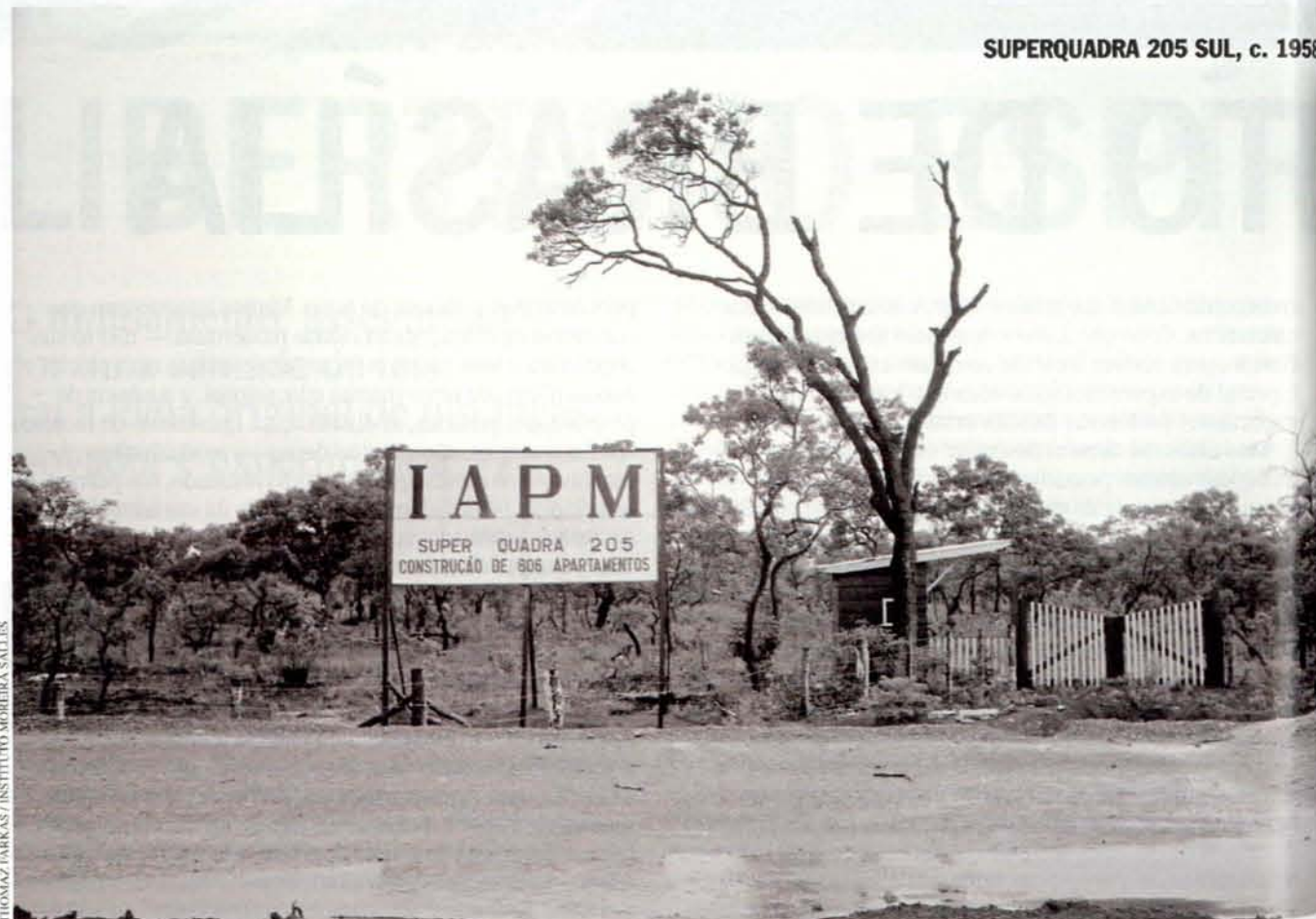


marcado com um X no chão, não só em uma cidade habitável em tempo recorde, mas também naquela que apresentou ao mundo todo em 1960 o mais moderno urbanismo. Para isso, empregaram táticas de bricolagem; experimentaram em todos os campos. Por isso, reproduziram no pioneirismo de Brasília o distinto estilo do Brasil de inventar sua modernidade.

Não é surpreendente que essa distinção abunde em contradições. Por exemplo, como a capital nacional tinha de ser diferente, os planejadores de Brasília pretendiam excluir características indesejadas “do resto do Brasil”. Daí que o Plano Piloto tenha proibido o desenvolvimento de periferias urbanas para os pobres, típicas de outras cidades. Mesmo assim, ainda antes da inauguração da capital, em 1960, as políticas públicas já haviam criado deliberadamente uma periferia empobrecida de cidades-satélite, “abrasileirando” suas fundações. Entretanto, a cidade regional resultante — o privilegiado Plano Piloto e suas periferias — não reproduz simplesmente o Brasil ao seu redor, que os planejadores buscaram negar. Nas suas combinações do radicalmente diferente e do familiar, Brasília continua distinta na constelação de cidades brasileiras.

Essa qualidade especial deriva menos da identidade de Brasília como capital das capitais do que das suas concepções fundadoras como uma cidade experimental, uma cidade projetada para arriscar algo novo — precisamente a característica fundadora que seus pioneiros chamaram de “o espírito de Brasília”. Esse talento para inovar estruturou a cidade com um novo sentido de espaço, tempo e propósito nacionais, que se tornaria “uma base de irradiação”, como disse Kubitschek, a fim de transformar toda a nação na qual foi inserida. Daí o regime de trabalho árduo que construiu a capital ter sido conhecido nacionalmente como “o ritmo de Brasília”, definido como uma construção nacional 36 horas por dia — “doze durante o dia, doze à noite, e doze pelo entusiasmo”. Isso expressa perfeitamente a nova invenção espaço-tempo da modernidade de Brasília, a qual articula a possibilidade de mudar o curso da história, acelerando o tempo e impulsionando o Brasil para um futuro radiante.

SUPERQUADRA 205 SUL, c. 1958



SUPERQUADRA 205 SUL, 2009



Essa nova concepção motivou os candangos a inovar em todos os domínios da construção e organização da cidade. Se hoje a maioria de nós celebra as invenções da arquitetura e do planejamento urbano de Brasília, é só porque as outras foram menos óbvias. A experimentação inspirou as escolas da cidade, seus hospitais, sistemas de tráfego, organização comunitária, distribuição da propriedade, administração burocrática, abastecimento de água, saneamento básico, culto religioso, agricultura, arte, dança, teatro, música e outras coisas. Os pioneiros acreditavam que os experimentos de Brasília introduziriam novos hábitos sociais, instituições e padrões como modelos que transformariam tudo ao seu redor. Eles acreditavam em fazer a vida urbana brasileira diferente, não pelo exotismo, mas para estabelecer uma arena de experimentação na qual se resolveriam importantes problemas nacionais.

Ao avaliar essas iniciativas, fica claro que alguns aspectos deram certo e outros fracassaram. É preciso enfatizar, porém, que tal resultado é característico de qualquer

experimento significativo. O que é relevante é que os pioneiros ousaram pensar experimentalmente tanto em escala local quanto nacional e ofereceram seus resultados para avaliação, de modo que pudéssemos aprender com eles e desenvolvê-los mais. O importante na avaliação do pioneirismo de Brasília é que tanto os sucessos quanto os fracassos derivam da mesma fonte, a saber, seu espírito de se arriscar à inovação.

**Memória coletiva.** Se o espírito de Brasília é, portanto, o do experimento, não é perverso que essa cidade esteja congelada no tempo, que toda a área urbana do Plano Piloto seja legalmente tombada por camadas locais, nacionais e internacionais de preservação jurídica? Se essa cidade experimental se tornou assim um memorial, que memória ela registra? Um memorial nunca conta a história inteira. Em vez disso, ele seleciona certas condições que os autores querem preservar e ignora outras. Se o espírito de um lugar — o que os romanos chamavam de *genius loci* — consiste

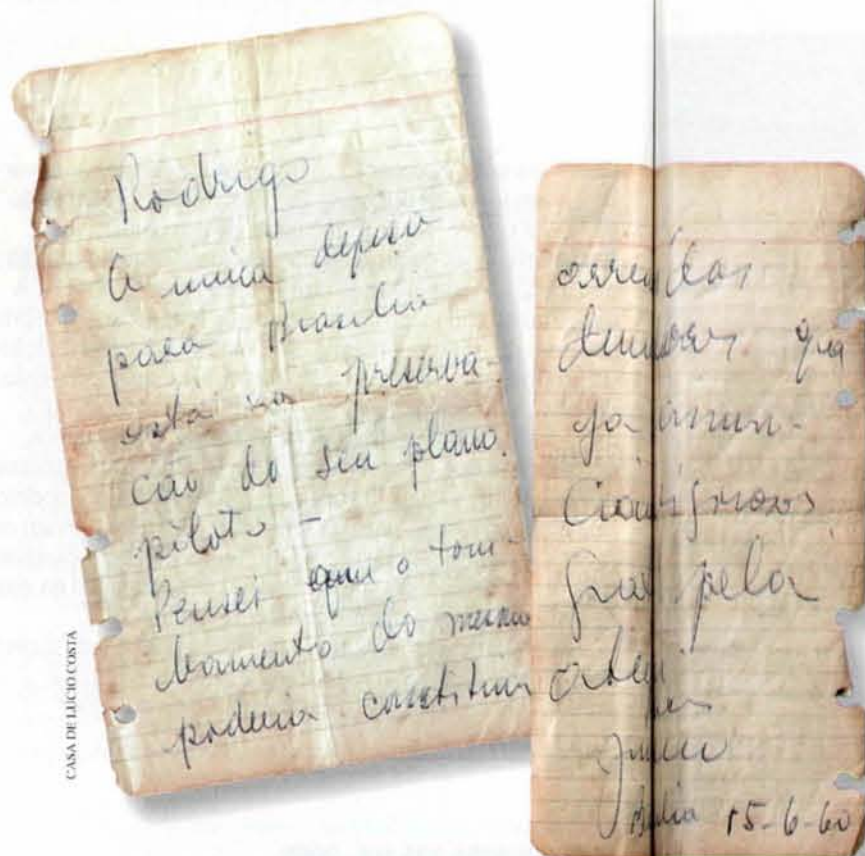


no que é colocado e deslocado na memória coletiva, será que o *genius* de Brasília foi traído pela preservação? Pior, foi traído por um punhado de fundadores que, ao preservar a cidade como seu próprio memorial, negam às gerações subsequentes de cidadãos brasileiros o seu direito à cidade, a oportunidade de fazê-la sua e construir a cidade que eles desejam habitar, sua chance de estender esse espírito de experimentação para sua própria vida e seu próprio tempo?

**N**a verdade, essas questões emergiram logo no começo da história de Brasília. Elas apareceram em conflitos decisivos nos quais planejadores e administradores estabeleceram a imposição do modelo Costa/Niemeyer/Ciam (a sigla para os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, criados em 1928 por Le Corbusier e outros) como um meio de suprimir a inevitável insurgência de processos inesperados e contraditórios — exemplos bem conhecidos envolvem o repúdio ao projeto antirruas dos setores comerciais locais pelos moradores das primeiras superquadras e as “invasões” de operários pobres da construção civil no Plano Piloto, o que levou à sua remoção para as cidades-satélite (e à criação de periferias das periferias). O problema com esse regime é que ele incorpora todas as facetas da vida experimental de Brasília sob os ditames de apenas uma, que era experimental na década de 50, a da arquitetura e planejamento modernistas.

Afinal, o espírito de Brasília inspirou as expressões particulares de Costa e Niemeyer. Portanto, essas expressões não definem o limite do espírito; em vez disso, abrangem-no. Não deveria, também, continuar inspirando outros?

Brasília hoje é preservada por muitas camadas legais. O que é tombado é o conceito urbano original do projeto de Costa (1957), o Plano Piloto, mas não os bairros do Lago nem as periferias. De fato, Brasília nasceu preservada, quando o Plano Piloto se tornou lei com a inauguração da cidade (Lei nº 3751, artigo 38, abril de 1960).



## O APELO DE JUSCELINO

*Em 15 de junho de 1960, menos de dois meses depois da inauguração, em bilhete enviado a Rodrigo Melo Franco Andrade, chefe do Patrimônio Histórico, JK já pedia o tombamento*

“A única defesa para Brasília está na preservação do seu Plano Piloto. Pensei que o tombamento do mesmo poderia constituir elemento seguro, superior às leis que estão no Congresso e sobre cuja aprovação tenho dúvidas. Peço-lhe a fineza de estudar esta possibilidade, ainda que forçando um pouco a interpretação do patrimônio. Considero indispensável uma barreira às investidas demolidoras que já se anunciam vigorosas. Grato pela atenção.”

**D**esde então, foi protegida por três camadas legais adicionais. Em 1987, o governo do Distrito Federal regulamentou o artigo 38 por meio do Decreto nº 10829, dando àquele artigo uma nova especificação e aplicação. Também em 1987, Brasília recebeu uma inédita proteção internacional como resultado de uma intensa campanha brasileira: a Unesco garantiu sua preservação ao inscrever o Plano Piloto (inclusive os bairros do Lago) na sua Lista do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. É a maior área urbana do mundo e a única cidade viva contemporânea tão preservada. Além disso, é um dos poucos locais do século XX selecionados para a lista, junto com Auschwitz, o Memorial da Paz de Hiroshima e a Bauhaus em Weimar e Dessau. Finalmente, o governo brasileiro declarou Brasília tombada em 1990, inscrevendo-a no Livro do Tombo Histórico, uma inscrição regulamentada por atos do Secretariado do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) e do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC). O IBPC definiu tal preservação em uma publicação oficial, *Patrimônio Cultural*, em 1992: “Qualquer alteração no gabarito dos prédios, no plano dos eixos, avenidas e lotes, no uso e nas funções dos lotes e nas áreas verdes dentro do perímetro preservado deveria, em princípio, ser evitada. Alterações necessárias deveriam ser profundamente estudadas e cuidadosamente executadas para garantir a preservação das características

essenciais do Plano Piloto e a sua qualidade de vida”.

**Desigualdade.** É razoável argumentar que a excepcional “qualidade de vida” do Plano Piloto está na verdade arraigada numa história de extraordinária desigualdade e estratificação (excepcional até pelos padrões brasileiros), baseada em privilégios exclusivos, e que mantê-la custa à nação quantias exorbitantes. Portanto, não é o caso de que a legislação que fixa tal “qualidade de vida” seja senão um meio de usar recursos públicos para preservar o privilégio das elites à custa de outros cidadãos — na verdade,

CIDADE LIVRE, AVENIDA CENTRAL, 1960



NÚCLEO BANDEIRANTE, AVENIDA CENTRAL, 2009







ASA NORTE, 1960

THOMAS FARKAS / INSTITUTO MOREIRA SALLES

que estabeleça uma tirania das elites por meio da lei e de conselhos de planejamento, e dê poderes a uma gerontocracia de fundadores para manter sua visão, enquanto priva as gerações mais jovens da oportunidade de definir a sua própria? Além do mais, a preservação de Brasília conta uma história muito parcial, a de seus planejadores e arquitetos de elite, mas não a dos operários que construíram a cidade e se rebelaram contra a sua exclusão. Ela também negligencia a história de funcionários que desenvolveram propostas novas, mas não arquitetônicas, para a vida urbana. Deveria sua preservação comemorar tal privilégio social e espacial?

Sem dúvida, debater prós e contras dessas afirmações desencadearia uma torrente de paixões, sem necessariamente chegar a uma conclusão completamente satisfatória. Talvez menos polêmico fosse concluir que não há menção, nesses pronunciamentos a respeito da preservação de Brasília, àquilo que na minha opinião é a mais importante das suas "características essenciais", ou seja, seu espírito de invenção. Se esse espírito é essencial, e se a preservação se destina a proteger o essencial, então no mínimo o tombamento deveria

preservar Brasília como um campo de experimentação, de inovação contínua. Deveria também preservar Brasília como um lugar especial no Brasil onde esse tipo de risco é possível. Congelar Brasília em um momento trai esse espírito.

**M**inha sugestão não inclui de forma alguma entregar o Plano Piloto às forças do mercado e à especulação imobiliária. Em vez disso, significa promover experimentos controlados em todos os aspectos do urbanismo, incluindo a habitação, a educação, os serviços médicos, o transporte e o governo. Essas iniciativas vão necessariamente responder ao Plano Piloto de Costa, mas também podem partir dele para a consideração de novos problemas. Dessa forma, os planejadores poderiam preservar muitos aspectos da cidade modernista, ao mesmo tempo em que permitiriam que Brasília se tornasse uma cidade dotada de camadas com outras formas de urbanismo. O que faz com que cidades como Paris, Nova York, Roma, São Francisco e São Paulo sejam interessantes é que elas não se baseiam em apenas um modelo, mas são dotadas de camadas com visões de cada geração que viveu nelas. Essa justaposição torna



ASA NORTE, 2009

PAULO VITALE

visível a vitalidade da vida urbana como debates sobre o próprio urbanismo. A densidade desse registro produz cidades ricas em experiências e recompensa aqueles que as conhecem. Os vastos espaços vazios de Brasília precisam conter tais justaposições, cujo frisson é o melhor meio não só de nutrir a ideia fundadora de Brasília como um experimento, mas também de perpetuar a importância do seu experimento arquitetônico inicial, do seu projeto modernista Costa/Niemeyer/Ciam.

**Lobo da especulação.** Além do mais, as leis de preservação de Brasília são na prática muitas vezes burladas pela negligência e pela corrupção, um destino comum demais da administração por estatuto. Muitas vezes ouvi moradores de Brasília argumentar que abandonar a preservação permitiria que o lobo da especulação do mercado devorasse a cidade. Minha resposta é que, inegavelmente, o tombamento falha em proteger a cidade dos males da especulação e da corrupção. Por exemplo, o crescimento do Setor Hoteleiro Norte nem se adéqua ao Plano Piloto, nem segue a lógica da competição de mercado, nem constitui um novo experimento

de planejamento. Em vez disso, é um desenvolvimento caótico. Se na teoria o tombamento compromete o espírito de Brasília, na prática ele não evita efetivamente a corrupção do seu corpo. Entender como fazer o mercado contribuir para experimentos de urbanismo que tratem de problemas sociais importantes seria um feito inestimável.

Na década de 50, Brasília ousou ser uma inovação no urbanismo. Como a maioria dos experimentos significativos, assumiu os riscos de se submeter à avaliação da opinião pública. Hoje, continua sendo importante comemorar os experimentos particulares dos fundadores de Brasília, mas só no contexto de celebrar a ideia maior da modernidade como experimento e risco, que é o seu espírito. Transcorridos cinquenta anos da inauguração da cidade, é hora de libertar o espírito de Brasília.

\* **James Holston** é professor de antropologia na Universidade da Califórnia em Berkeley. É autor dos livros *A Cidade Modernista — Uma Crítica de Brasília e Sua Utopia*, de 1993, e, recentemente, *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil* (2008)



# O JK DA ALTA-COSTURA

## É LUXO SÓ

*O costureiro, no tempo em que não se dizia estilista, no início da década de 60: "Tenho horror a política", assim mesmo, com o hífen no lugar errado*

c. 1961

FOTO: OTTO STUPAKOFF/  
INSTITUTO MOREIRA SALLES

O país de 1960 nasceu junto com a fama de Dener, o costureiro que desdenhava dos políticos mas sabia que o corte malfeito podia torná-los ridículos





DÉBORA CHAVES

**E**ra mais fácil entender o Brasil da virada dos anos 50 para os 60 por meio dos embates didáticos — ou você era isso, ou era aquilo. O Sedan VW 1200, o primeiro Fusca, saído da linha de montagem em janeiro de 1959, ou o Simca Chambord? Juscelino ou Carlos Lacerda? PSD ou UDN? As Certinhas do Lalau, as beldades de carne (muita) e osso escolhidas pela coluna de Stanislaw Ponte Preta no jornal *Última Hora*, ou as garotas a traço de aquarela do Alceu, cujos desenhos apareciam em *O Cruzeiro*? Brasília ou Rio de Janeiro? Na moda, da fuzarca mesmo era opor a carioquíssima Casa Canadá, comandada por Mena Fiala, à paulistíssima Peleteria Americana, da uruguaia Rosa de Libman, depois chamada de Madame Rosita. Vivia-se a infância, nas coxias, de uma briga que nos vinte anos seguintes crescería a ponto de se tornar muito divertida: Dener Pamplona, então com 24 anos, versus Clodovil Hernandez, de 23. Em 1959, o costureiro Dener ganhou os prêmios Agulha de Ouro e de Platina do reputado Festival da Moda. Em 1960, a láurea dourada ficou com Clodovil.

Em seu livro de memórias, *Dener — O Luxo*, de 1972, relançado em 2007, o paraense radicado no Rio conta que começou sua carreira de corte e costura, aos improváveis 13 anos, na maison carioca. Ficou pouco tempo, um ano se tanto. Sua primeira cliente: Sarah Kubitschek, “esposa de um político famoso e que precisava de um vestido de noite para a comemoração de mais uma vitória de seu marido”, nas lembranças do estilista. A Canadá fez a roupa da primeira-dama para o baile de gala de 21 de abril de 1960, no Palácio do Planalto. Sarah vestia um tomara que caía de organza branco, rebordado em ponto cadeia com fios de ouro, lantejoulas, vidrilhos e cristais transparentes e dourados. Anos depois, num desses mal-entendidos que construíam a carreira polêmica de Dener, as donas da Canadá desmentiram tê-lo contratado.



NELSON RIO

## CERTINHAS DO LALAU

X

### GAROTAS DO ALCEU

A atriz Carmem Verônica, cobiçada vedete (à esq.), apareceu ao longo de dez anos na listagem do cronista e humorista Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sérgio Porto: era a versão em carne e osso dos desenhos de Alceu Penna

ALCEU PENNA/ARQUIVO JORNAL ESTADO DE MINAS GERAIS



IMAGEM



ARQUIVO JORNAL ESTADO DE MINAS GERAIS

## NOVO EXPOENTE DE CLASSE E BELEZA NA MODERNA PAISAGEM BRASILEIRA

Extremamente ágil, graças à sua manobrabilidade e à performance do seu potente motor “Agulha” de 8 cilindros em “V”, o Simca Chambord é um carro versátil, seguro, confortável — ideal para as condições de tráfego das cidades e estradas — e, em altas velocidades, a suspensão tem “Stabilomatic”, exclusiva do Simca, que sempre mantém o carro suave, macio e silencioso. É a sua autêntica “cota-fora” — e uma permanente garantia com “Conheça o Chambord” — o carro mais próximo da perfeição.

para 6 pessoas. Campo visual limitado, através do painel moderno e funcional, com faróis (inclusive farol de direção), regulador de temperatura, relógio — e todos os demais instrumentos, facilmente acessíveis — em lindas combinações de cores! Tudo isso, tudo isso, tudo isso! (Simca da sua cidade!)

**SIMCA CHAMORD**

## FUSCA

X

### SIMCA CHAMORD

Genuíno carro de passeio brasileiro, o Sedan VW chegou às ruas em janeiro de 1959 — seu avesso foi o grandão Chambord, o primeiro automóvel de luxo fabricado no país



A Canadá era a Daslu da época. Importava casacos de pele e roupas de estilistas consagrados como Christian Dior, Jacques Fath e Balenciaga, mas também produzia a sua própria coleção de alta-costura e prêt-à-porter. É provável que a maior parte das socialites presentes à noite de inauguração de Brasília vestisse alguma criação de Mena Fiala. É 100% certo que, à entrada do edifício projetado por Niemeyer, houve muita luta para não enterrar o salto alto no barro rubro-ferruginoso do cerrado — que o dissesse Ruth de Almeida Prado, quatrocentona de quatro costados, cuja foto atravessando o chão entre os 50 000 candangos que acompanhavam o festim de fogos de artifício virou notícia de jornal, pelo estrago estético.

**Organza de seda pura.** O vestido de gala usado por Sarah, aos 51 anos, deixava em evidência o busto e a cintura. Realçava os quadris, com camadas e camadas de tecido, como ditava a moda. Nele, foram usados 12 metros de organza de seda pura e mais de 5 000 cristais, vidrilhos e lantejoulas distribuídos pelos bordados florais. Eram tempos de fartura. Mas havia indícios, nas ruas, nas imagens repletas de fantasmas da televisão e nas revistas, de que o *new look* criado pelo francês Christian Dior em 1947 ainda vigorava, a meio caminho da austeridade de Coco Chanel e da explosão psicodélica que chegaria no fim da década.

Os estilos mais rebeldes popularizados pelo rock de Elvis Presley — e, no Brasil, por Celly Campello e sua turma —, bem como o tom existencialista das musas da bossa nova, pontuado pelos joelhos de Nara Leão, só despontariam realmente nos anos seguintes. No tempo da inauguração de Brasília, estavam em alta a feminilidade e o luxo. As araras mais requintadas, o modernismo de linhas simples de Brasília ainda não chegara. No dia a dia, Sarah preferia os *tailleurs* que marcavam a silhueta sem exageros, mas caprichava nos acessórios, como luvas e chapéu. Suas filhas, Márcia e Maria Estela, preferiam peças mais desestruturadas, como os casaque-

# LOOK FESTA

*O primeiro-casal no baile inaugural, ele de casaca, Sarah de longo tomara que caia, estola, colar de pérolas de sete voltas, luvas três-quartos e carteira dourada*

BRASÍLIA — 21 | 4 | 1960

FOTO: DIVULGAÇÃO/EXPOSIÇÃO MENA FIALA



# LOOK FAMÍLIA

*Juscelino, de terno de três botões, ao lado de Sarah e das filhas, Márcia e Maria Estela. Elas vestem variações de *tailleur*, com casaquetos bem-comportados — o destaque é o primoroso acabamento dos botões forrados com o mesmo tecido da roupa*

BRASÍLIA — 21 | 4 | 1960

FOTO: ARQUIVO FOTOGRAFICO BLOCH EDITORES

tos e os conjuntinhos de banlon. Tudo muito comportado e clássico, como impunha o figurino de casaca de Juscelino Kubitschek, antessala da explosão colorida que culminaria no *flower power* dos hippies.

Moda, nos anos JK, mais do que em qualquer governo, era sinônimo de uma indústria em seu nascimento, num tempo em que tudo no país parecia nascer — moda era também instrumento de defesa do nacionalismo, bandeira a desfaldar. Produtos *made in Brazil*, como o algodão, eram alçados à condição de estrelas — ainda que os tecidos sintéticos promovidos pela empresa francesa Rhodia cutucassem os empresários têxteis como Lacerda fazia com Juscelino. A Rhodia, em um esperto lance de marketing, palavra recém-descoberta, promovia a Fenit, Feira Nacional da Indústria Têxtil, a precursora das atuais Fashion Weeks. Os fios plásticos dividiam a passarela com nomes como Dener, Clodovil e as mais belas modelos do pedaço. Mas havia um nó econômico, e ele conspirava a favor dos trópi-

cos, do algodão patropi. As limitações impostas pela II Guerra para a importação de tecidos e roupas prontas tinham aberto um novo mercado, e agora era o momento de aproveitar a boa-nova.

Em São Paulo, a tecelagem Santa-constancia, de Gabriella Pascolato, ensaiava as primeiras fornadas de tecidos finos como o tafetá, mas foi o bom e velho algodão que marcou a impúbere cultura de moda. A Fábrica de Tecidos Bangu passou a patrocinar concorridos desfiles beneficentes no Copacabana Palace para a escolha da Miss Elegante Bangu. Os concursos de miss, ressalvase, eram o segundo evento mais badalado do país, suplantados apenas pela Copa do Mundo de Futebol, depois do primeiro título de Pelé, Garrincha e cia., em 1958.

Naquele ano de euforia, de gols e de *Chega de Saudade*, a Fenit fez história, em São Paulo, ao reunir fabricantes de tecidos, de aviamentos e de máquinas têxteis em um evento concorrido. A Rhodia atirou no que viu (os sintéticos) e acertou o que não vira (o início de



uma pequena revolução de comportamento). Vestir-se, e vestir-se bem — preferencialmente de algodão, como recomendava JK —, tornou-se obrigatório em um país descalço. Em 1959, foi lançada *Manequim*, da Editora Abril, a primeira revista de moda feminina de tiragem nacional. Os moldes que ela oferecia transportaram a moda para dentro das casas, dos armários domésticos. Paralelamente, butiques e lojas de tecidos começavam a contratar modistas para desenhar vestidos para as clientes, no vácuo do que faziam os arqui-inimigos Dener e Clodovil.

**Avesso da elegância.** Alinhavava-se a moda brasileira, era a alegria dos primórdios, apesar das insistentes influências europeias. Nos primeiros anos de

Brasília, depois da safra de Juscelino e Sarah, não houve modelo mais conhecida e celebrada que a morena primeira-dama Maria Teresa Goulart, mulher de Jango, vestida por Dener, obviamente. O estilista, para usar uma expressão atual, tinha livre trânsito no Planalto e no Alvorada. Os vestidos de Maria Teresa ajudavam a reforçar a imagem das etiquetas que tinham manufaturas no eixo Rio-São Paulo. Além de servirem aos ricos das duas cidades, passavam também a entrar no guarda-roupa das mulheres de deputados, senadores e ministros que desembarcavam em Brasília.

O belo desenho, alimentado pela elegância discreta dos Kubitschek e pela permanente estica de Maria Teresa, viveu o apogeu junto com o crescimento de Brasília. Parecia piada, soou como

provocação, mas há muita graça no comentário de Dener, feito quando o casal Goulart foi para o exílio, com o golpe militar de 1964. A bagunça política daqueles anos era o avesso da elegância da esposa do presidente. Numa conversa com um policial que o procurara por telefone, por conhecer suas ligações com o casal presidencial, Dener deu uma resposta ácida ao homem que desejava saber se ele estava realmente revoltado, como dissera aos jornais. A resposta, irônica: “Revoltadíssimo, meu senhor. O que Maria Teresa fez foi um crime, um crime! Fiz vestidos para todas as ocasiões, para casamentos, para funeral, para solenidades oficiais. Só não fiz um vestido para deposição, porque ela não pediu. Maria Teresa poderia usar um *tailleur* marrom, cinza-grafite



## POLEGADAS NO LUGAR

Martha, que não era a Rocha: 1,70 metro de altura e medidas consideradas perfeitas, com 92 centímetros de busto, 58 de cintura e 92 de quadris

BRASÍLIA — 1959

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

## Personagem

# A PRIMEIRA VALSA DO PRESIDENTE

Martha Garcia, a miss Brasília 1959, brotinho típico de um tempo charmoso, lembra-se dos galanteios do baile inaugural



ou um *tailleur* preto com blusa branca. Pois não é que ela perdeu a cabeça, ficou nervosa, sei lá, e vai para o exílio de *tailleurzinho* azul-turquesa!". Era bocomoco demais.

Dener, em seu livro de memórias, foi claro. "Tenho *ho-rror* a política", escreveu, assim mesmo, com o hífen em posição errada a separar os horrores. "De políticos eu quero distância, salvo se forem também homens de sociedade ou se forem casados com mulheres elegantes e tiverem de esperá-las no meu ateliê ou pagar suas contas." Pode-se ler esse comentário no avesso, como os bem-acabados forros de Dener: ele não era tão arredio assim aos políticos, sabia como a boa costura podia servir aos que mandavam e como o pano feio e mal cortado os tornaria ridículos. ■



## FRAQUE E CARTOLA

*O ministro das Relações Exteriores, Horácio Lafer (à esq.), o governador da Bahia, Juracy Magalhães, e Israel Pinheiro, presidente da Novacap, no traje oficial das autoridades*

BRASÍLIA - 21 | ABRIL | 1960

FOTO: LUIZ CARLOS BARRETO/  
ACERVO JORNAL ESTADO DE  
MINAS/O CRUZEIRO

A primeira valsa do pé de valsa Juscelino no baile da inauguração da capital foi com Martha Garcia, miss Brasília 1959. Dançaram ao som da orquestra de Bené Nunes. Olhos verde-água e um corpo escultural, a carioca de 20 anos era o brotinho bossa-nova típico dos anos 50. Parecia saída dos traços do desenhista Alceu Penna. Era moça *habituée* do circuito Praia de Copacabana/Confeitaria Colombo/Teatro Municipal, endereços que o ilustrador e figurinista visitava em busca de inspiração para tratar em sua coluna semanal de moda e comportamento em *O Cruzeiro*.

Martha, que não era a Rocha, tinha 1,70 metro de altura e medidas consideradas perfeitas (92 centímetros de busto, 58 de cintura e 92 de quadris). Causava sensação por onde passava, a ponto de *O Cruzeiro* facilitar sua participação na olimpíada "cultural" que indicaria a candidata carioca ao primeiro concurso de miss da futura capital federal. "O pessoal da revista queria muito que eu ganhasse; então ganhei", conta, sem rodeios, Martha, hoje com 71 anos.

No Brasília Palace Hotel, construído por Niemeyer nas cercanias do Palácio da Alvorada, Martha não teve nenhum empurrão extra, mas ainda assim desbancou quinze candidatas e levou o título. Recebeu o cetro e a coroa

das mãos do procurador-geral da República, Carlos Medeiros, e alguns prêmios: um maiô verde da marca Catalina, uma geladeira Gelomatic, isqueiro-relógio de ouro e um contrato de seis meses para atuar como garota-propaganda do café brasileiro no exterior. As revistas de então também falam de um terreno em Brasília com uma casa projetada por Oscar Niemeyer que teriam sido oferecidos posteriormente por Israel Pinheiro, o presidente da Novacap, comandante da construção da capital. Martha não se lembra da oferta de terreno nem da casa — doar pedaços de terra no cerrado era comum, e mais comum ainda era inventar que os terrenos tinham sido oferecidos. Era um modo de celebrar o nascimento de Brasília, a vastidão a ser ocupada.

Martha não se esquece, isso sim, do início de namoro com o jornalista Justino Martins, 24 anos mais velho, diretor da revista *Manchete*, com quem se casaria e teve uma filha. Guarda também, como lembrança recorrente, a cantada que recebeu do presidente bossa-nova. "Fingi que não entendi e continuei dançando", diz. É recordação que pode soar ofensiva aos familiares de JK, injusta pela impossibilidade de ele confirmar o galanteio, mas desculpável no ambiente falsamente ingênuo daqueles anos dourados.



# CADÊ A POLTRONA QUE ESTAVA AQUI?

O Patrimônio Histórico quer frear o sumiço dos móveis clássicos que ornamentavam os palácios modernistas

A revolução estética brasileira empurrou os designers de móveis dos anos 50 e início dos 60 para o novo. Induzidos a abandonar o gosto rebuscado pelo colonial, a trocar Ouro Preto por Brasília, eles criaram um mobiliário contemporâneo que ainda hoje vemos nas lojas e nas salas de espera de consultórios e escritórios. Colada no uso de madeiras nobres, como o jacarandá e a peroba, e em materiais de revestimento como o couro e a palhinha, desenvolveu-se uma tendência feita de linhas retas e curvas suaves, nos moldes da capital no cerrado.

Grandes nomes nasceram ali, como Sérgio Rodrigues, Bernardo Figueiredo e Jorge Zalsupin. Apesar de o próprio Oscar Niemeyer ter desenhado algumas peças, caso das poltronas de couro e metal que ocupam o hall do Itamaraty, houve encomendas específicas. “No Palácio da Alvorada minha filha me ajudou, desenhou móveis”, lembra Niemeyer. “Mas havia pressa, e a gente teve de procurar peças no mercado; sempre que foi possível, escolhi trabalhar com o Sérgio Rodrigues, que é realmente bom profissional.”

São de Rodrigues a poltrona Beto, criada para o Palácio do Planalto; a Candango, para o auditório da Universidade de Brasília; e a mesa de escritório Itamaraty — além de um clássico, a poltrona Mole, de 1957, que aos pés de palito opôs a robustez das madeiras de lei, hoje no acervo do Museu de

Arte Moderna de Nova York. Rodrigues desenhou também dois modelos inspirados nos criadores da capital — a poltrona Oscar e a cadeira Lucio.

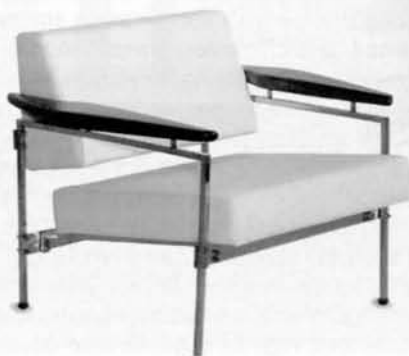
Malcuidados, os móveis de Brasília sofreram nos últimos anos um triste processo de subtração. Antiquários e colecionadores brasileiros e internacionais os compram quando são levados para reforma ou simplesmente os fazem desaparecer nos bastidores. Os originais chegam a valer o preço de um carro. Há casos em que são leiloados a preços irrisórios por burocratas de plantão. Para acabar com a farra, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) deu o primeiro passo: contratou o professor Arnaldo Danenberg, um especialista em mobiliário brasileiro, para catalogar toda a mobília e as obras de arte dos palácios do Planalto e do Itamaraty.

Além do levantamento do acervo, Danenberg orienta a formação de jovens aprendizes que vão trabalhar no restauro dos móveis. “Ao fazer a classificação, vi de tudo um pouco: móveis em péssimo estado de conservação, móveis já reformados e em bom estado e móveis importantes do ponto de vista histórico que foram substituídos e vendidos em leilões públicos”, relata. “Mas já é um começo para que o Iphan consiga regulamentar o uso do mobiliário e das obras de arte que fazem parte dos ministérios e palácios de Brasília.”

**DÉBORA CHAVES**

## TRONOS

Lucio, Beto e Oscar: a cadeira e as poltronas de Sérgio Rodrigues de linhas inspiradas na simplicidade brasileira



FOTOS: ACERVO SÉRGIO RODRIGUES



# A SOLIDÃO DIVIDIDA EM BLOCOS

Poucas cidades no país produziram uma juventude tão crítica e irônica em relação ao cotidiano — e isso é saudável

SÉRGIO DE SÁ\*

**H**á cinquenta anos, a cidade artificial procura encontrar uma identidade que lhe seja natural. “Nós queremos ação! Acabar com o tédio de Brasília, essa jovem cidade morta! Agitar é a palavra do dia, da hora, do mês!”, gritava Renato Russo, com todas as exclamações possíveis, no fim dos anos 70, quando era voz e baixo da banda punk Aborto Elétrico. Em meio à burocracia oficial, o rock ocupou o espaço urbano, os parques, as superquadras de Lucio Costa, cresceu e apareceu. Foi a primeira manifestação cultural coletiva a dizer ao país que a cidade existia fora da Praça dos Três Poderes e que, além disso, estava viva.

Na década de 80, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Detrito Federal e outros grupos, de nomes antes esquisitos e hoje nacionalmente sonoros, bagunçaram o coreto de um lugar exageradamente controlado, recém-desembarcado de uma ditadura militar próxima demais no tempo e no espaço. Depois de vinte anos de sufoco, no período pós-1964, e já com a chegada da anistia, Brasília respirou aliviada e seus filhos — poucos de sangue, muitos adotivos — puderam afirmar sem medo, mas com ironia e autocrítica: “Somos os filhos da revolução, somos burgueses sem religião, somos o futuro da nação, Geração Coca-Cola”, também nas palavras do onipresente Renato Russo.

O atormentado líder da Legião Urbana, nascido em 1960 como Brasília — mas na Velhacap, o Rio —, inventou outro mundo para animar a adolescência brasiliense. Transformou o cotidiano aborrecido em poesia. Algo diferente do que, no Rio de Janeiro, fizeram João Gilberto, Tom e Vinícius com a bossa nova, no fim dos anos 50, retrato musical do prazer de viver à beira-mar, trilha sonora do bem-estar.

O movimento candango, no grito e em acordes também dissonantes, resumiu a vontade que cerca a história da cultura na capital federal: apagar traços da ocupação militar, escapar da comodidade das repartições públicas, amenizar a pecha de lugar de corrupção e bandalheira, de endereços sem alma, formados por letras e números. Numa versão nunca gravada de *Tédio (com um T Bem Grande pra Você)*



## A LIVERPOOL DELES

Renato Rocha (Negrete), Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá, o quarteto da Legião Urbana, diante do Congresso Nacional

PRAÇA DOS TRÊS PODERES - 1987  
FOTO: RICARDO JUNQUEIRA

“Tudo numerado é legal mas enche o saco.”

Trecho da versão não gravada de *Tédio (com um T Bem Grande pra Você)*, da Legião Urbana



## NA VIZINHANÇA

A Superquadra Sul 208 transformada em palco ao ar livre numa apresentação do Aborto Elétrico prestes a virar Legião Urbana

BRASÍLIA – 1980  
FOTO: LUIS ACIOLI



*Você*), Renato Russo escreveu: “Tudo numerado é legal mas enche o saco”.

“SQS ou SOS?”, eis a questão resumida pelo poeta Nicolas Behr, representante brasiliense da chamada turma do mimeógrafo, de bar em bar vendendo seus livrinhos. Se Leo e Bia, o casal criado por Oswaldo Montenegro em 1973, viviam no centro de um planalto vazio, “como se fosse em qualquer lugar”, Eduardo e Mônica descobriram outro roteiro, menos etéreo, mais real. Como os personagens da música da Legião Urbana, a cidade se encontra pelo Parque da Cidade, anda de camelo, toma conhaque, faz magia e meditação. Esbarra, assim, num cotidiano aparentemente igual ao das outras cidades. Mas talvez apenas esbarre, porque a vida em Brasília é realmente diferente, inclassificável.

“Brasília não é um lugar qualquer”, resume o ator Adriano Siri, da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo, sucesso de bilheteria em todo o país. “Tem esse propósito inicial de abrigar poderes, autoridades, embaixadas, mas, ao mesmo tempo, traz algo nas características urbanas que nos diferencia. A cultura, naturalmente, deixou-se marcar por isso.” Ele lembra que Brasília, como nenhuma outra cidade brasileira, concentrou gente vinda de todos os

lugares e que uma tradição ainda está por se constituir — a cidade é jovem demais para contar uma história. “Em nossos espetáculos, conseguimos fazer humor com as realidades regionais sem forçar a barra”, afirma Siri. Cinquenta anos, em qualquer cronologia urbana, é muito pouco tempo.

**Caipirice.** Não se pode dizer que Brasília, aos 50, seja apenas a cidade de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. “Não podemos esquecer da tradição e da vida anterior ao concreto, do sertão e sua cultura”, afirma o violeiro mineiro-brasiliense Roberto Corrêa. Brasília, portanto, alia a saudável caipirice de origem (não confundir com a breguice sertaneja que a cidade abarcou, em especial nos doze anos de governo Joaquim Roriz) ao cosmopolitismo que nasce do casamento do modernismo arquitetônico com uma população de alto poder aquisitivo, viajada.

Em Renato Russo: *o Filho da Revolução* (Agir), o jornalista Carlos Marcelo mostra como o líder da Legião Urbana e as turmas que gravitavam na esfera do rock foram os primeiros adolescentes a poder assumir sem medo a identidade da cidade em construção, com todas as suas inquietações e imperfeições. “Nas composições iniciais,

## CRUZAMENTOS

Elxo Rodoviário, marco da circulação de carros da capital de pouquíssima sinalização luminosa, em decorrência do desnível de ruas e avenidas

BRASÍLIA – 1961  
FOTO: ARQUIVO BLOCH EDITORES



## Linguística

## O PORTUGUÊS DE TODAS AS ORIGENS

O modo de falar da capital

O sotaque não é carioca. Mesmo assim, o erre é carregado. Não é nordestino, mas, ao ser contrariado, o brasiliense imediatamente dispara um “oxe”. Brasília tem ou não tem sotaque, afinal? Sim e não. Stella Bortoni, doutora em linguística e organizadora do livro *O Falar Candango*, a ser publicado pela Editora Universidade de Brasília em 2010, explica: “A marca do dialeto do Distrito Federal é justamente a falta de marcas. A mistura faz com que os sotaques das diferentes regiões do país percam muito de sua peculiaridade”.

Mas o tempo impõe marcas, e já é possível percebê-las. Para Ana Vellasco, também da Universidade de Brasília, o modo de falar candango fica evidente na melodia. “Não se fala tão cantado quanto no Nordeste. As pronúncias do ‘t’ e do ‘d’ se aproximam do modo como o carioca fala, mas o ‘s’ é à mineira”, diz. O “português candango” já tem suas expressões únicas. Só em Brasília se anda de camelo ou de baú. A arquitetura, mandatória, também ajuda a criar um glossário de termos brasilienses. Afinal, onde mais se dirige por uma tesourinha?

Gustavo Nogueira Ribeiro

## PEQUENO GLOSSÁRIO

**Baú** — ônibus

**Camelo** — bicicleta

**Cobogó** — não é expressão genuinamente do cerrado, mas ali vicejou; é o elemento vazado da arquitetura, as tramas que desenham as fachadas dos edifícios, de modo a ampliar a ventilação e a iluminação. A palavra, surgida em 1930, no Recife, vem das iniciais do sobrenome dos engenheiros Amadeu Oliveira Coimbra, o Co; Ernest Boeckmann, o Bo; e Antonio de Góis, o Gó

**Tesourinha** — conjunto de retornos em um cruzamento em formato de trevo

**Véi** — amigo, cara, sujeito



## NOVIDADE NAS RUAS

Pichação na entrequadra comercial da Asa Sul celebra o nascimento da banda recém-criada, a *Aborto Elétrico*

BRASÍLIA — 1980

FOTO: J. FRANCA/CORREIO BRAZILIENSE/D.A. PRESS



no fim dos anos 70, Renato Russo utilizou a estética e a sonoridade punk, que tinham acabado de surgir na Inglaterra e nos Estados Unidos, para amplificar o impacto das letras que escrevia sobre a situação política do Brasil e do que observava no cotidiano da capital", afirma Marcelo. "Essa mistura em iguais proporções de ingredientes cosmopolitas e nacionais é bem característica da juventude brasiliense daquela época."

Para o jornalista, a angústia resumida nas letras do roqueiro é a tradução das dores do parto e do crescimento da cidade. "Elas captaram a atmosfera daquele tempo, entre o fim do regime militar e a democratização, como se fossem polaroides", diz. Para Carlos Marcelo, "Renato foi o primeiro a cantar, com todas as letras, a angústia de morar numa cidade sufocada, de estar cheio de se sentir vazio", completa, numa referência a trecho da letra da canção *Baader-Meinhof Blues*, uma das tantas que misturavam estado de espírito com o desenho urbano.

O mundo, naqueles dias dos anos 70 e 80, andava mesmo complicado. Para levantar a poeira da inércia bem acomodada na tranquilidade planejada das superquadras, a arte do rock encontrou Brasília, ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, estabelecia uma mirada estrábica: um olho nos pilotis e nos cobogós, outro nas informações que circulavam mundo afora. Com baixo, guitarra, bateria

e um plugue na tomada de Londres ou Nova York, partiu para a ação debaixo dos blocos, como são chamados os edifícios residenciais no Plano Piloto de Lucio Costa.

Dos gramados abertos brasilienses às salas esfumadas do Rio ou de São Paulo, foi um pulo, ou melhor, um *mosh*, como os punks definem o salto do músico aos braços da plateia, num movimento de euforia, mas arriscado. As bandas desembarcavam com um poderoso cartão de visita: "somos de Brasília", como quem dizia "somos de Manchester", o que significava som de qualidade, pulsante, novo — e muito barulho. O reconhecimento colocou inclusive na geração posterior, a de Raimundos, Maskavo e Natiruts, já nos anos 90.

**Faroeste caboclo.** Brasília, descobriu-se, tinha carne e osso — e se tinha ambos é porque também tinha alma, embora quase sempre fosse melancólica. "A superquadra nada mais é / do que a solidão dividida em blocos", lugar em que "burocratas de verdade só fazem amor / em almofadas de carimbo", escreveu o poeta Behr. Outras vezes, além de triste, foi raivosa. Havia uma saída, e ela não era o aeroporto, como manda um chavão ainda hoje insistentemente repetido. "Meu Deus, mas que cidade linda!", gritavam e gritam os brasilienses em coro e com orgulho no verso de *Faroeste Caboclo*, a enorme e irônica





## OITO METROS DE ALTURA, DE BRONZE

*O monumento de Bruno Giorgi Os Candangos, originalmente chamado de Os Guerreiros, a primeira homenagem aos 60 000 trabalhadores que construíram Brasília*

PRAÇA DOS TRÊS PODERES - C. 1960

FOTO: MARCEL GAUTHEROT/INSTITUTO MOREIRA SALLES

## Etimologia

# O GENTÍLICO DO CIDADÃO DO DISTRITO FEDERAL?

Candango ou brasiliense, a depender das origens e da posição geográfica na cidade

O gentílico de Brasília: candango ou brasiliense? A primeira expressão tem ar mais antigo e ligeiramente pejorativo. A segunda, tom moderno com jeito de dinheiro novo. Candango apareceu pela primeira vez em um dicionário na compilação de Cândido de Figueiredo, em 1899. Era, na origem, o nome que os africanos davam aos portugueses, corrupção da palavra candongo, da língua quimbundo ou quilombo. Designava gente de mau gosto, desprezível e abjeta. Desembarcou no Brasil com os escravos. Inicialmente indicava os senhores portugueses dos engenhos de açúcar. Com o tempo, invertido o alvo da depreciação, passou a nomear o mestiço do índio e do negro, sinônimo de cafuzo.

Foi natural, nesse caminho, a apropriação do candango para definir os brasileiros — majoritariamente do Norte e Nordeste — que desembarcavam no Planalto Central para inventar uma cidade de 1957 a 1960. Juscelino Kubitschek, em sua campanha para transformar a criação da capital em jornada épica, tratou de alimentar um outro sentido da palavra. Candango, para JK, em entrevista ao *Diário Carioca*, era o avesso da “triste aparência de um inválido abatido, com que Euclides da Cunha retratou o sertanejo”. E mais: “Vocês não o encontrarão no companheiro candango, a quem devemos essa cidade”.

Tudo muito bem, embora, como ressalta o filólogo Antenor Nascentes, “em matéria de linguagem só há um ditador: o uso”. Como ninguém pode decretar este ou aquele gentílico, nem mesmo JK, o cotidiano tratou de criar um novo — brasiliense —, menos charmoso, de menor carga histórica, mas naturalmente óbvio. Tentou-se, como quase tudo na artificialidade da cidade, definir a palavra usada para nomear seus cidadãos antes da construção. “Brasília teve nome antes de ter casas”, afirma o pioneiro Ernesto Silva, referência obrigatória quando se trata de buscar a origem de tudo. Hoje, apenas os mais antigos, herdeiros dos operários pioneiros, se autointitulam candangos. Os moradores do Plano Piloto são brasilienses.



**ASSIM ERA  
MAIS FÁCIL**

Para Tom e Vinícius, no apartamento de cobertura do poeta no Rio, fazer música era só traduzir o bem viver à beira-mar

RIO DE JANEIRO - c. 1960

FOTO: ARNOLDO JACOB/  
AGÊNCIA JB



canção narrativa da Legião, prestes a se transformar em filme. “E num ônibus entrou no Planalto Central / Ele ficou bestificado com a cidade / Saindo da rodoviária viu as luzes de Natal / — Meu Deus, mas que cidade linda.”

“Ainda não há um *modus operandi* para lidar com Brasília, mas ela sempre mostrou disposição de olhar para fora”, diz o cineasta José Eduardo Belmonte, diretor de *Se Nada Mais Der Certo*, vencedor do Festival do Rio em 2008. “Esse diálogo existencial com o mundo é uma característica bem brasiliense.” Paulista de nascimento, Belmonte passou a adolescência na capital federal. “Meu último filme foi feito em São Paulo, mas é tão brasiliense quanto os outros. Capta um espaço abstrato, irreal, em que a cidade aparece de modo difuso, quase apenas um conceito.”

**Normalidade inexistente.** Talvez seja a mesma Brasília da canção homônima dos Paralamas do Sucesso, trio que confunde sua origem entre o Rio e o Distrito Federal, porque Herbert Vianna e Bi Ribeiro começaram a tocar por lá. Na letra de Herbert, tudo é igual e estranho, mas os monumentos, os palácios, as avenidas, os eixos não são nomeados. “Quartos de hotel são iguais / Dias são iguais / Os aviões são iguais.” A cidade, na canção, não existe. Na capital política, dar nomes é sempre um risco. Pode comprometer.

Entre o concreto e o abstrato, Brasília continua a buscar uma normalidade inexistente. Mas “ainda é cedo”, diz o refrão de Renato Russo. Para a cinquentona Brasília, paradoxalmente adolescente, há muito a aprender. Ela não tem os 444 anos do Rio de Janeiro, tampouco os 455 de São Paulo. A música urbana foi — e continua sendo — uma forma de fugir da frieza da cidade recém-nascida.

Há exatos 25 anos, quando a Legião Urbana lançou seu primeiro disco (*Legião Urbana*), ela também tornou nacionalmente visível a impossibilidade que o artista brasiliense tem de fugir da maquete, mesmo quando há ímpetos de destruí-la. No encarte do velho vinil, a cidade aparece nos traços do baterista Marcelo Bonfá. Os quatro integrantes da banda são como gigantes que deixam rastros para sempre marcados no solo seco do cerrado, no rabisco de Lucio Costa ocupado pelas obras de Niemeyer. Eram desenhos aparentemente ingênuos, mas ajudavam a mostrar o que a juventude brasiliense pensava de si mesmo, e sua relação com o traçado urbano. Brasília ainda não sabia o que era e talvez ainda não saiba — mas é certo que já produziu uma cultura só dela, saudavelmente crítica e nada indulgente.

\*Sérgio de Sá, jornalista e professor da Universidade Católica de Brasília, é neto de Bernardo Sayão, pioneiro de Brasília



# BRASILIANO, MAS CHAMEM DE BRASIL

Joselita,  
irmã,  
nascida  
em 1951

Érica,  
filha,  
nascida  
em 1983

Antônia,  
mulher,  
nascida  
em 1973,  
com  
Christian,  
de 2009

Thais,  
filha,  
nascida  
em 1989

Divina,  
prima,  
nascida  
em 1956

Nita, mãe,  
nascida em 1933

Lenita,  
irmã,  
nascida  
em 1965

Marlene,  
irmã,  
nascida  
em 1969



Brasillano,  
nascido  
em 21 de  
abril de 1960

Helôisa,  
filha,  
nascida  
em 2003

Kleyton,  
então,  
nascido  
em 1996

A família do primeiro cidadão nascido no Distrito Federal conta a história da capital e do país nas últimas cinco décadas



CECÍLIA PINTO COELHO

**B**rasiliano Pereira da Silva, mas podem chamá-lo de Brasil, como preferem os amigos. Brasil nasceu às 20h30 de 21 de abril de 1960 num casebre na Vila do Iapi, o acrônimo para Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, próximo ao aeroporto. É o brasiliense número 1, homenageado por Juscelino Kubitschek, que sugeriu o nome, testemunhou no batizado e posou para fotos com o bebê no colo. A mãe começou a sentir as contrações quando seguia para os festejos da inauguração, no Plano Piloto. Não deu tempo, e o menino alvoreceu num quarto simples ao som do foguetório. A família de Brasileiro, para trás e para a frente no tempo da árvore genealógica, é uma tradução dos primeiros cinquenta anos da capital e dos cinquenta mais recentes do país.

1933. Em 3 de maio são realizadas eleições para a Assembleia Constituinte. Foram eleitos 214 parlamentares, entre eles uma única mulher, Carlota Pereira de Queirós, de São Paulo, então com 41 anos. Médica formada pela USP, fizera fama ao organizar um mutirão de 700 mulheres para dar assistência aos feridos da Revolução Constitucionalista de 1932. Carlota foi a primeira deputada federal da história do Brasil. Longe do mercado de trabalho, as mulheres pariam, cuidavam das crianças. A taxa de fecundidade naquele tempo era de 6,2 filhos por mulher. Hoje é de dois filhos. O presidente Getúlio Vargas acabara de regulamentar o trabalho feminino — foram estabelecidos o princípio de salário igual para trabalho igual, jornada de oito horas e licença-maternidade de dois meses. No papel, bonito. Fora dele, utópico.

A baiana Nita Pereira da Silva, a mãe de Brasileiro, nasceu em 1933 em Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina,



COLEÇÃO CARLOTA QUEIRÓS

### 3 DE MAIO DE 1933

Carlota Pereira de Queirós é eleita a primeira deputada federal do Brasil, a única mulher na Assembleia Constituinte

390 quilômetros a noroeste de Salvador. Era a sétima filha de um casal de agricultores. Teve uma vida no avesso do cosmopolitismo da pioneira deputada Carlota. Aos 24 anos, Nita e o marido foram atraídos pela aventura de Brasília. “Não me arrependo nem um pouquinho, fiz a vida aqui”, diz. “Conseguimos nosso pedaço de terra, lá na Bahia só trabalhávamos na lavoura dos outros.” Chegaram ao cerrado com três filhos — um menino recém-nascido, uma menina de 3 anos e outra de 6, Joeselita, nascida em 1951.

O ano de 1951 foi o do retorno de Getúlio ao poder, agora pelo voto direto, ele que prometera “voltar nos braços do povo”. Vencera as eleições de 1950 com 48,7% dos votos. “Bota o retrato do velho outra vez,



FOTOS: ICONOGRAFIA



### 31 DE JANEIRO DE 1951

Getúlio Vargas toma posse para seu segundo período na Presidência, dessa vez pelo voto popular

bota no mesmo lugar / o retrato do velho faz a gente trabalhar”, cantava Francisco Alves. Getúlio entrava novamente no Catete como “o pai dos pobres”, ancorado numa política populista, de sucessivos aumentos do salário mínimo. Nada que freasse o crescente movimento migratório do Norte e do Nordeste rumo aos estados mais ao sul. Era um pedaço do Brasil alheio às intrigas que conduziram ao suicídio do presidente, em agosto de 1954.

### 31 DE JANEIRO DE 1956

Juscelino Kubitschek, eleito com 33,8% dos votos, assume a cadeira no Catete ao lado do vice, João Goulart (à dir.)

A família crescia. Divina, prima de Brasileiro, veio ao mundo em 1956 na cidade de Itaberaí, em Goiás. Ela chegaria a Brasília em 1968, levada pelo pai, policial militar.

Quando Divina nasceu, em 1956, o Brasil começava a entender que a transferência da capital para o Centro-Oeste era assunto sério. Juscelino Kubitschek tomara posse em 31 de janeiro daquele ano. Foi empossado na marra. O presidente



da Câmara, Carlos Luz — que assumira a Presidência interina com o afastamento de Café Filho, o vice de Getúlio —, ensaiava um golpe, de modo a impedir a chegada de JK ao Palácio do Catete. Era a UDN em bloco contra o PSD juscelinista. Uma reação do ministro da Guerra, o general Henrique Teixeira Lott, assegurou a democracia. JK, ungido pela aliança PDS-PTB, apoiado pelos getulistas, teve apenas 33,8% dos votos no pleito de 1955, o percentual mais baixo a eleger um presidente até então.

Brasília saía definitivamente das pranchetas quando Brasilião, meninote de tudo, ganhou sua terceira irmã, Lenita.

Era 1965. O Brasil vivia o início do regime militar. Haveria eleições para governos do estado em outubro. Setores mais radicais do Exército e a UDN protestavam contra candidaturas de nomes que tinham participado das administrações de JK e João Goulart, deposto em 1964. O alvo principal era Sebastião Paes de Almeida, em Minas, ex-ministro da Fazenda de JK, acusado de cometer abuso do poder econômico. Um texto da oposição contra a candidatura foi distribuído aos jornais com o título “O assalto ao trem pagador”, numa referência a Paes de Almeida, a quem chamavam de “Tião Medonho”, nome do autor de um famoso assalto a uma composição ferroviária. O TSE acatou a solicitação, negando o registro para o candidato mineiro.

Das urnas de outubro, apesar da grita dos quartéis, saíram vitoriosos candidatos oposicionistas — Negrão de Lima, na Guanabara; e Israel Pinheiro, em Minas Gerais, o comandante da construção de Brasília. O resultado agitou udenistas e militares. O presidente Castello Branco edita o AI-2, que decretava a dissolução dos partidos e o fim de eleições diretas para a Presidência da República. Antes de o ano terminar, soldados do Exército tinham invadido



## 27 DE OUTUBRO DE 1965

O presidente Castello Branco edita o AI-2, que decretava a dissolução dos partidos políticos e o fim das eleições diretas

as dependências da Universidade de Brasília. Era a antessala do endurecimento que resultaria no AI-5 de 1968, início do período mais fechado da ditadura.

Marlene Pereira da Silva, o sexto filho de Nita, nasceu em 1969. Tem lembranças fugidias, reforçadas pela memó-

ria de Lenita, mais velha, do que era viver em Brasília no tempo de exceção. Crianças, não entendiam por que os amigos mais velhos, já adolescentes, tinham de voltar para casa mais cedo. “Não havia toque de recolher, mas não saíam de casa depois das 21 horas”, lembra Lenita. “Os policiais ficavam nas ruas e punham as pessoas para dentro de casa.”

Em 1969, quando Marlene nasceu, o Brasil começou a ser presidido por Emílio Garrastazu Médici, indicado por uma junta de militares, Aurélio Lyra Tavares,





IMAGEM: TRIGO

Márcio de Souza Mello e Augusto Rademaker, a quem Ulysses Guimarães, na Constituinte de 1988, numa provocação retroativa, chamaria de "os três patetas". Em 1969 houve também o sequestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick, por dois violentos grupos de esquerda, o MR-8 e a ALN. A Lei de Segurança Nacional, decretada como resposta à guerrilha, previa o exílio e mesmo a pena de morte em casos de "guerra psicológica, ou revolucionária, ou subversiva".

Os anos de Médici foram duros. Em 1973, ele indica o general Ernesto Geisel, que construiria seu governo, a partir de 1974, de modo a deflagrar um cuidadoso e firme processo de retorno à democracia.

Antônia Cristina Pessoa, casada desde 2004 com Brasiliano, nasceu naquele 1973. Antônia chegou a Brasília em 1977. O pai, pintor de paredes, arrumara emprego na capital.

Eram tempos de distensão. Geisel anuncia a abertura política lenta,

### 30 DE OUTUBRO DE 1969

*Indicado por uma junta de militares, **Emílio Garrastazu Médici** inaugura o milagre econômico e os anos mais duros do regime militar*

*gradual e segura. A oposição política começa a ganhar espaço. Nas eleições de 1974, o MDB conquista 59% dos votos para o Senado, 48% da Câmara dos Deputados e ganha a prefeitura da maioria das grandes cidades. Em 1978, Geisel acaba com o AI-5. Em 1979, dá-se a anistia ampla, geral e irrestrita.*

Érica, a filha mais velha de Brasiliano, nasceu em 1983, em ambiente de total redemocratização.

*Foi o ano do primeiro comício pelas Diretas Já, em São Paulo, na Praça Charles Miller, diante do Estádio do Pacaembu. Presentes, entre outros: Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.*

A Presidência de ambos pavimentaria o cotidiano mais calmo da infância do derradeiro personagem a contar a saga de Brasiliano. Kleyton Guilherme Pessoa, enteado de Brasil, é de 1996. Fará 13 anos.

O governo de Fernando Henrique Cardoso completava um ano em 1996. O presidente, em entrevista a VEJA, anunciava as vitórias: "Não dá para chamar de conservador um governo em que o povo está comendo melhor e os banqueiros estão com dificuldades". A inflação medida pelo IPCA despencara de 916% em 31 de dezembro de 1994 para 22% doze meses depois.

Mas 1996, apesar de algumas boas notícias, foi também o ano da morte de Renato Russo, em decorrência da aids. O líder da banda Legião Urbana, a voz das tristezas e alegrias de Brasília, é ídolo que ainda hoje marca os jovens da capital, como Kleyton.





LUIS HUMBERTO

**18 DE JUNHO DE 1973**

**Ernesto Geisel**  
*brinda sua  
indicação à  
Presidência da  
República a partir  
de 1974*

“Comecei a ouvir o Legião há pouco tempo”, diz Kleyton. “A música de que mais gosto é *Que País É Esse?*” É certo que parte das festividades dos 50 anos de

Brasília, no ano que vem, terá como trilha as letras do Legião Urbana, ícone da cultura local. “Nas favelas, no Senado / Sujeira pra todo lado / Ninguém respeita a Constituição / Mas todos acreditam no futuro da nação.” É o que se ouvirá no sobrado dos Pereira da Silva, no Recanto das Emas, onde vive Brasiliense, hoje funcionário da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo do Distrito Federal. “Pretendo comemorar o meu aniversário e o da cidade lá na Esplanada, no meio do povo”, diz. “Depois é que vamos para casa.” ■



FERNANDO SANTOS/OLÍMPIA IMAGEM

**27 DE NOVEMBRO DE 1983** Primeiro comício pelas **Diretas Já**, em frente ao Estádio do Pacaembu, em São Paulo



ANA RAUJO

**JULHO DE 1996** Fernando Henrique celebra os bons resultados no segundo aniversário do Real



# O CENÁRIO INFINITO BANIU A MULTIDÃO

O problema é que as ruas sempre terão a cara que tinham ao nascer, sem povo. O *Homo brasiliensis*, se é que um dia existirá, é personagem em gestação

AUGUSTO NUNES

A cidade que nasceu sem habitantes e estava pronta quando foi fundada nunca viu a multidão por ter espaços demais. Brasília viu muita gente duas vezes: em agosto de 1976, na partida de Juscelino Kubitschek, e em junho de 1980, na chegada do papa João Paulo II, quando dezenas de milhares de brasileiros se juntaram num mesmo ponto do Plano Piloto. Mas muita gente só viu multidão quando se acotovela em lugares com limites definidos, faz o chão desaparecer e ameaça derramar-se pelas bordas das fotografias. Isso Brasília não sabe o que é. Nem saberá, por falta de cenário com fundo. Cenários infinitos engolem até multidões chinesas.

Se o corpo de JK fosse velado na Cinelândia, no Rio, por exemplo, uma multidão teria protagonizado o que hoje se chamaria de O Adeus dos Trezentos Mil. Recortado contra as imensidões do cerrado, o cortejo em Brasília não pareceu mais impressionante que qualquer comício estrelado pelo presidente morto numa cidade de tamanho médio. Se os que recepcionaram o papa na Praça dos Três Poderes fossem dar-lhe boas-vindas no Rio, a multidão transbordaria da Sapucaí e não caberia no Maracanã. Mas não existe nada em Brasília parecido com o templo dos deuses da bola ou com a passarela do samba.

A capital do País do Futebol não tem campo nem time de futebol. (Os estádios onde jogam o Brasiliense e o Gama ficam fora do Plano Piloto.) E a capital do País do Carnaval não tem carnaval de rua. (As aparições anuais de alguns blocos apenas realçam a inexistência de escolas de samba.) O esporte preferido e a festa mais popular dão

sinais de vida nas cidades-satélites, que não têm parentesco com Brasília. Nasceram juntas, mas não são gêmeas em nada. São extremos que, por se completarem, até agora têm convivido sem conflitos.

Esses aglomerados urbanos que Lucio Costa não planejou e Oscar Niemeyer não decorou com monumentos tão belos quanto inabitáveis contrastam pedagogicamente com o espanto futurista da metrópole que rodeiam. A contemplação do conjunto informa que Brasília não tem povo — como se referem os políticos à massa informe e anônima de viventes com pouquíssimas chances de algum dia perguntarem a alguém se sabe com quem está falando. Esses são vistos no Plano Piloto durante o dia. No começo da noite, terminada a jornada de trabalho, voltam para a babel periférica e dormem em casa. Vivem em ruas comuns, com nomes comuns e carências comuns. Nada a ver com a vizinha também cinquentona mas proibida de envelhecer. Brasília terá sempre a cara que tinha ao nascer. Chegou ao berço com tudo o que não há nos arredores. Só faltava gente morando lá.

Em 1970, a escritora Clarice Lispector impressionou-se com a supremacia da cidade sobre seus habitantes. “Brasília é tão artificial quanto devia ter sido o mundo quando foi criado”, escreveu numa crônica. Como acontece a onze em cada dez visitantes na primeira viagem, Clarice estranhou a troca de ruas e praças por superquadras, tesourinhas, eixinhos e eixos. Ficou insone com o silêncio ensurdecedor, descobriu que a infinitude da paisagem torna a solidão mais aflitiva e, sobretudo, desconcertou-se por não encontrar alguém que reproduzisse a cara do lugar.

## FUNERAL E MISSA

O féretro de Juscelino na Esplanada dos Ministérios, em agosto de 1976 (acima), e a visita de João Paulo II, em junho de 1980: dezenas de milhares de pessoas engolidas pelo horizonte





DIVULGAÇÃO

SALOMON CYTRYNOWICZ





“Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo”, lembrou. “Nós todos somos deformados pela adaptação à liberdade de Deus. Não sabemos como seríamos se tivéssemos sido criados em primeiro lugar; e depois o mundo deformado às nossas cidades. Brasília ainda não tem o homem de Brasília.” Inaugurada dez anos antes, a cidade descrita por Clarice era a reprodução miniaturizada do mosaico brasileiro, formado por migrantes que tinham acabado de chegar.

Dez anos depois da fundação, os cearenses continuavam cearenses, os gaúchos continuavam gaúchos, todas as peças escancaravam na estampa e no sotaque o local de fabricação. A identidade não sofrera mudanças por falta de tempo e, sobretudo, de referência: como o brasiliense nasceu depois da cidade, os que chegaram não dispunham de um modelo a copiar. Quando a crônica foi publicada, a primeira geração de nativos nem atingira os 10 anos de idade. O homem de Brasília não existia. Pode ainda estar em gestação.

Talvez seja um quarentão de classe média, diplomou-se pela UnB, é funcionário público, combina ternos cinza ou azul-escuro com gravatas de desenho sóbrio, mora em apartamento, conhece meio mundo mas convive estreitamente

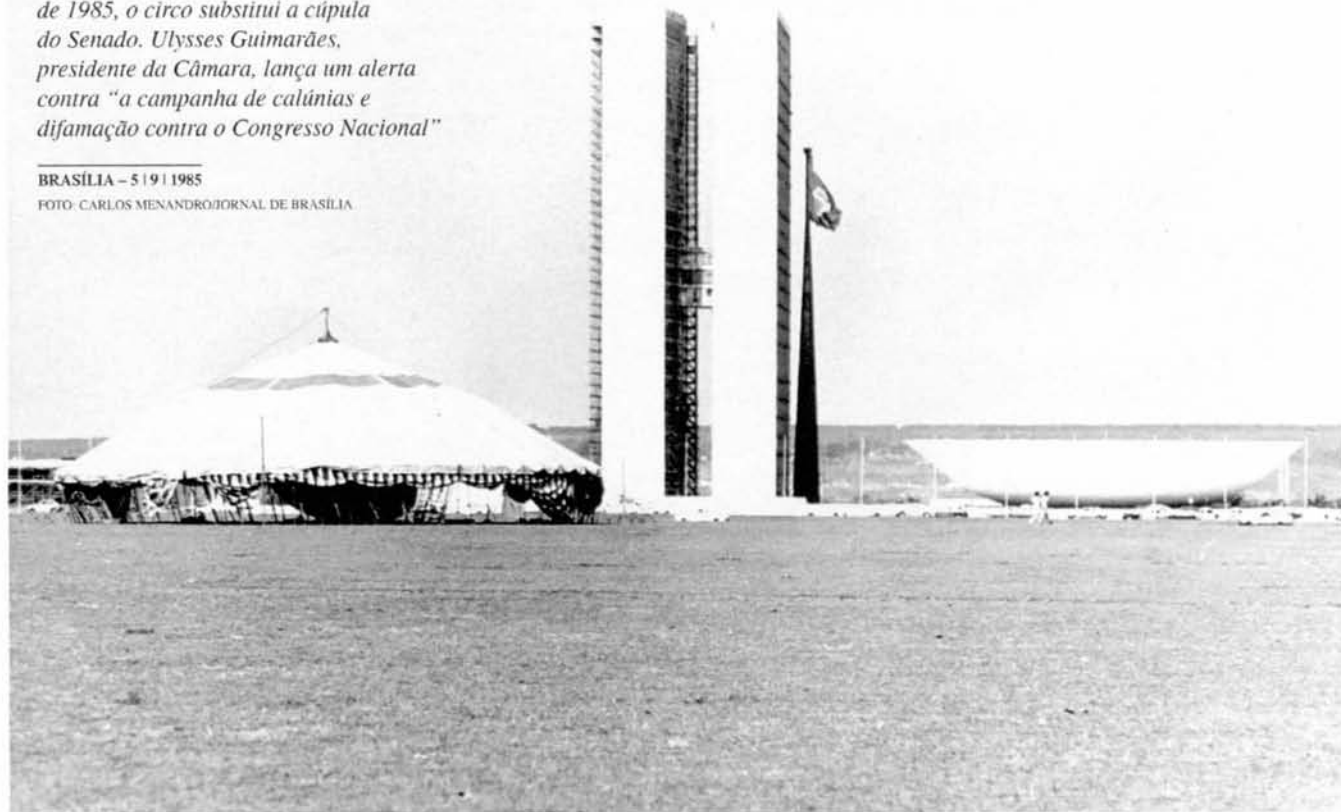
com poucos. Ao contrário dos deputados, dos senadores, dos ministros e do presidente da República, não viaja para longe da capital nos fins de semana. Frequenta com assiduidade o clube de que é sócio, circula todo o tempo de carro e caminha bastante, mas nunca anda à toa. Sair por aí exige as ruas e as esquinas que não há. Porque não existem cruzamentos, os brasilienses se cruzam nos restaurantes e nos bares. Que nunca ficam na esquina. Que nunca fez falta ao *Homo brasiliensis*, juram todos os nativos do lugar.

Tampouco lhes fazem falta ruas e praças semelhantes às do resto do país. Basta a Praça dos Três Poderes e sua extraordinária polivalência, que lhe permite hospedar manifestantes que cobram por hora ou circos cuja única atração é a chance de zombar do Congresso. Não há casas com quintal antigo e numeração convencional nem outro sinal de parentesco arquitetônico com as demais cidades brasileiras. Os nascidos e criados em Brasília não veem nada de errado nas singularidades e inovações com as quais convivem desde o berço. Da mesma forma que um inglês recém-chegado ao continente considera pura esquisitice tráfegar pela

**PÃO E CIRCO** Na perspectiva da foto, de 1985, o circo substitui a cúpula do Senado. Ulysses Guimarães, presidente da Câmara, lança um alerta contra “a campanha de calúnias e difamação contra o Congresso Nacional”

BRASÍLIA - 5 | 9 | 1985

FOTO: CARLOS MENANDRO/JORNAL DE BRASÍLIA





mão direita, aos olhos dos brasileiros o que parece espantoso é a existência de ruas batizadas como se fossem pessoas, que mudam de identidade sem mudar de rumo. Não compreendem por que tantos brasileiros passam parte da vida imobilizados em congestionamentos de trânsito, embora isso também já ocorra na capital federal.

Forasteiros se perdem regularmente na selva de prédios indistintos, consoantes misteriosas e palavras que, em brasiliês, têm outro sentido. “Vou até a pequena zona de comércio de uma superquadra para comprar cigarro e na volta me perco numa floresta de edifícios absolutamente iguais uns aos outros”, escreveu o cronista Fernando Sabino, mineiro e ipanemense honorário. “Não hei de conseguir achar nunca mais o apartamento de meu amigo onde estou hospedado. SQS – 307 – Bloco F – Apto. 502, leio na minha caderneta.”

**“Vó! Olha lá o *Jornal Nacional!*”** No livro ainda inédito *Brasília e Eu — Uma Reportagem*, Maria Elisa Costa, filha de Lucio Costa, comprova a reciprocidade da estranheza com exemplos ligeiros e divertidos. Num deles, a neta de 3 anos que levou para conhecer Brasília descobriu que já tinha visto em algum lugar a paisagem formada pela Esplanada dos Ministérios, com o prédio do Congresso ao fundo: “Vó! Olha lá o *Jornal Nacional!*”, exclamou a carioquinha. Que não reconheceu no restante da incursão nada parecido com o que já viu. Em outro episódio, uma sobrinha de 8 anos hospedada no apartamento de cobertura em frente à Praia de Ipanema olhou do terraço para a Avenida Delfim Moreira e quis saber da tia: “Como é o nome desse eixo?”.

Outra menina ficou intrigada ao descobrir que as ruas do Rio têm nome e sobrenome. “Como é que a gente pode saber onde é que fica?”, perguntou a Maria Elisa. “Em Brasília a gente sabe.” A filha de Lucio Costa conta que as marcas de nascença que assustaram Fernando Sabino foram concebidas “para impedir que a nova capital, mesmo em seus primórdios, tivesse qualquer conotação de cidade do interior”. A imaginação do pai urbanista acabou tornando a criatura muito diferente também de qualquer capital. “As superquadras, com seus blocos de seis andares, os pilotis abertos, a entrada única para os carros, cercadas por uma faixa arborizada em todo o perímetro, introduziram um novo modo de convívio urbano”, diz Maria Elisa na abertura do capítulo “206-Sul”. Fernando Sabino chamaria um tradutor ao ler esse título. Qualquer brasileiro adivinha o que lerá.

Testemunha privilegiada da gestação apaixonante, a carioca Maria Elisa pertence a uma espécie rara: o anfíbio que se sente à vontade e feliz em ambas as cidades. A tribo parece à beira da extinção se confrontada com a composta de nativos que defendem Brasília apaixonadamente ou com a formada por forasteiros que perdem o humor e o eixo quando topam com o Eixo Monumental. Num Planalto Central ainda deserto e desprovido de âncoras naturais como o Corcovado ou o Pão de Açúcar, conta Maria Elisa, a arquitetura teve de inventar referências. Há a Praça dos



**FORÇAS OCULTAS** “Renunciei para ficar longe daquele lugar maldito”, disse Jânio Quadros para definir seu desagrado pouco antes de ir embora

BRASÍLIA – 25 | 8 | 1961 FOTO: ARQUIVO BLOCH EDITORES

Três Poderes, a Esplanada dos Ministérios, são dezenas os cartões-postais sinalizadores. Mas há sobretudo o Eixo Monumental, que está para Brasília como o Viaduto do Chá está para São Paulo.

Seria temerário evocar o paralelo perto de inimigos juramentados da capital — o presidente Jânio Quadros, por exemplo. “Renunciei para ficar longe daquele lugar maldito”, exagerou na resposta ao neto Jânio John, também interessado em descobrir as razões reais da deserção. O instável presidente repetia que “Brasília não tem gente”. Sempre teve. Foi por causa de gente inimiga, aliás, que Jânio decidiu sair para voltar com poderes superlativos. O que não tem é multidão — e sem multidão à vista não havia Jânio. “Se eu ficar cinco minutos batendo lata no Viaduto do Chá, junto mais de 5 000 pessoas”, gabava-se o grande palanqueiro. Nunca se arriscou a estrear um comício em Brasília.

Jânio passou sete meses queixando-se da ausência de plateias que os políticos federais preferem ver pelas costas. A capital dos escândalos nunca viu um vigoroso protesto dos escandalizados. De terça a sexta-feira, tanto os delinquentes da semana como os veteranos pecadores circulam sem perigo pelos mesmos restaurantes. Os parlamentares sabem mais do que dizem, os jornalistas sabem mais do que publicam, os brasilienses sabem mais do que comentam. Nelson Rodrigues achava que, se todos conhecessem a vida sexual de todos, ninguém cumprimentaria ninguém. Os que frequentam a Praça dos Três Poderes conhecem o que se passa nas alcovas alheias e o que se passa além delas. Todos se cumprimentam.

Os nativos rechaçam com veemência o codinome Ilha da Fantasia. O complemento talvez seja incorreto: os pais da pátria que andam fazendo coisas que parecem ficção sabem o que fazem, e sabem também que os homens de bem sabem disso. Mas a soma de coisas que só existem em Brasília confirma que o Plano Piloto é uma ilha, sim. Cercada de outro Brasil por todos os lados. ■





**“A Belém-Brasília é a estrada das onças. Liga o nada a lugar nenhum.”**

Presidente  
**JÂNIO QUADROS**,  
em 1961

**“É um desatino!”**

**ADAUTO LÚCIO CARDOSO**,  
da UDN carioca, depois de  
visitar as obras da capital,  
em maio de 1959

**“Autonomia do Rio não virá porque Brasília só servirá para veraneio.”**

Monsenhor **OLÍMPIO DE MELO**, ex-prefeito do Rio,  
crítico da correria de JK, em  
março de 1959

# VOZES DE OPOSIÇÃO

Uma seleção de ataques de quem achava que nada daria certo

**“A nova capital só fica pronta no prazo fixado se a Novacap se transformar em fada madrinha de história da carochinha e, em vez de vigas de aço vindas da América do Norte, a peso de ouro, utilizar uma varinha de condão.”**

Editorial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, em dezembro de 1958

**“Deus me livre!”**

**JURACY MAGALHÃES**, governador da Bahia, explicando por que recusara convite de JK para ir a Brasília, em fevereiro de 1959, no *Jornal do Brasil*

**“Para o senhor Kubitschek, o problema do governo é trocar de sede. Não muda o ministério, mas quer mudar a capital, onde não existirão mais problemas, nem sequer os municipais das ruas esburacadas, pois não existem ruas.”**

**CORREIO DA MANHÃ**, outubro de 1956



**“Enquanto isso, Brasília é o sorvedouro da renda nacional, suor e sangue de um povo empobrecido para que resplenda esse reinado da encarnação republicana de Luís XIV.”**

**TENÓRIO CAVALCANTI**, no jornal *Luta Democrática*, em agosto de 1958



**“Brasília será a maior ruína da história contemporânea. A diferença das outras é que nunca será habitada por ninguém, já que não ficará pronta.”**

**CARLOS LACERDA**, líder da UDN, em 1957

**“Vários tresloucados que se apresentaram voluntariamente para trabalhar de pioneiros em Brasília estão amargamente arrependidos depois que souberam das dimensões de alguns apartamentos reservados a funcionários. São as bibocas JK: janela e kitchenette.”**

Flagrantes, do **CORREIO DA MANHÃ**, em outubro de 1959

**“O presidente Juscelino Kubitschek, encantado com seu novo brinquedo, já não vê mais a decomposição da atual capital da República e para a futura metrópole desvia verbas e leva, de avião, material de construção.”**

**SANDRA CAVALCANTI**, vereadora da UDN, em abril de 1957



**“Brasília jamais terá energia elétrica ou telefonia. Nunca se comunicará com o restante do país.”**

**GUSTAVO CORÇÃO**, pensador católico e na época especialista em telecomunicações, em *O Globo*, em julho de 1959



# ONTEM E HOJE, EM NÚMEROS

Cinquenta anos de mudanças  
no Distrito Federal

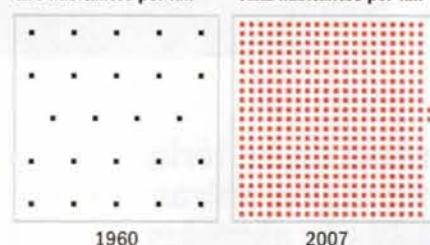
## POPULAÇÃO

(Distrito Federal)

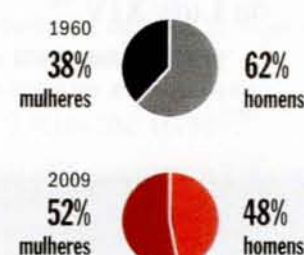


## Densidade habitacional

24 habitantes por km<sup>2</sup>    422 habitantes por km<sup>2</sup>



## Gênero



## Faixa etária



## POLÍTICA E SOCIEDADE

### Congresso Nacional



### Salas de cinema

1960  
3  
2009  
79

### Número de ônibus

1959  
24  
2009  
8166

### Saneamento

1960  
29,5% das casas com saneamento básico  
Na Guanabara  
76,7% das casas com saneamento básico  
2008  
99% das casas com saneamento básico

### Energia

1960  
34,6% das casas com luz elétrica  
Na Guanabara  
93,4% das casas com luz elétrica  
2008  
100% das casas com luz elétrica

### Rádio

1960  
31% das casas  
2008  
89,2% das casas

### Geladeira

1960  
13,6% das casas  
2008  
98,1% das casas

### Fogão a gás

1960  
30% das casas  
2008  
99% das casas

### Voos

1959  
Pousos e decolagens  
13 479 por ano  
2009  
141 000 por mês

## Criminalidade

### Em 1960...

Desordem e embriaguez ..... 36%  
Agressões ..... 16%  
Furtos e roubos ..... 16%  
Porte de armas ..... 6%

### ...e 2009

Roubos diversos ..... 46,5%  
Furtos em residências ..... 15,5%  
Furtos de veículos ..... 15%  
Furtos em comércio ..... 8%

## SAÚDE

Número de leitos hospitalares



## EDUCAÇÃO

Analfabetismo  
No Distrito Federal...



Número de alunos



Número de professores



Número de escolas



## ECONOMIA

Valia a pena trabalhar na construção da capital em 1960



Porcentagem do PIB brasileiro (Distrito Federal)



PIB per capita



Taxa de crescimento  
De 1961 a 2000





# NA INTERNET

## ■ LUCIO COSTA



**ÁUDIO.** Trechos do depoimento de Lucio Costa ao Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, gravado em 31 de maio de 1988, no Rio de Janeiro.

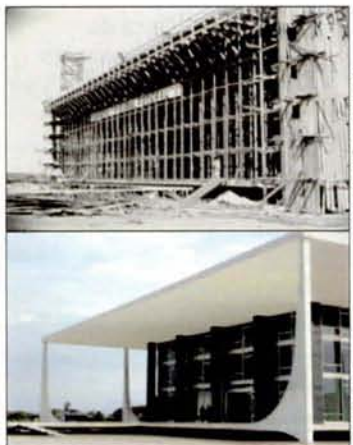
**TEXTO.** Leia na íntegra o relatório do urbanista que venceu o concurso para a construção de Brasília, em 1957.

O urbanista na bagunça de seu escritório, em 1993, no Rio, e detalhe do projeto

«Concebi uma capital, uma cidade, com características de capital, uma escala de capital. De modo que quando um carioca ou um paulista fosse lá, mesmo no início, não se sentisse numa cidade de província.»

## ■ CONSTRUÇÃO

**IMAGENS.** Ensaio fotográfico mostra os edifícios de Brasília em andaimes e como ficaram hoje, a partir do mesmo ponto de vista.



O Supremo Tribunal Federal em 1960 e 2009

## PASSEIO AÉREO

### SATÉLITE.

Os principais monumentos e edifícios de Brasília vistos do alto, pelo Google Earth.



Congresso: a estética de Niemeyer em outro ângulo

## ■ O MÁGICO ANO DE 1960

**LINHA DO TEMPO.** Não foi um ano qualquer o da inauguração da capital de Juscelino Kubitschek. Acompanhe uma cronologia dos destaques de doze meses de um tempo rico no Brasil e no exterior.



Éder Jofre (à dir.), campeão mundial dos galos em novembro de 1960



A Doce Vida, de Fellini, leva a Palma de Ouro de Cannes em maio de 1960